Dentro de mim só há Marão

Maria do Rosário Pombo

(1916-2006)

Livro editado por Catarina Pombo Nabais,
neta de Maria do Rosário Pombo, no centenário do seu nascimento

Lisboa, 2016

© Catarina Pombo Nabais 2016

Título: *Dentro de mim só há Marão*

Autor: Maria do Rosário Pombo

Edição: Catarina Pombo Nabais

Revisão: Olga Pombo

Textos de Catarina Pombo Nabais, Marcos Magalhães, Olga Pombo e Patrícia Pombo Medeiros

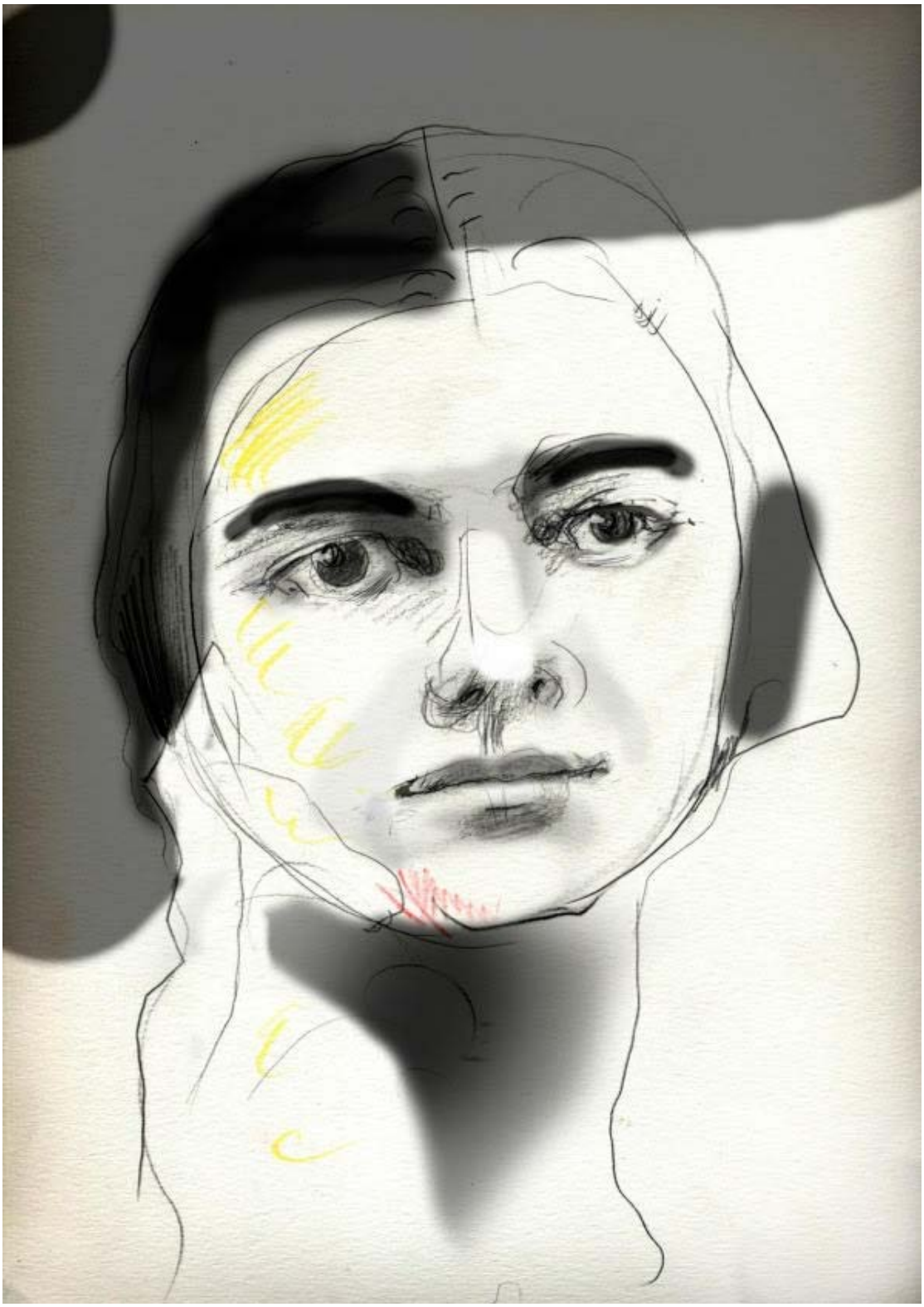
Capa- Desenho de Sérgio Pombo

Impressão: VASP DPS

Data: 16 de Agosto de 2016

Depósito Legal nº.: 418773/16

ISBN: 978-989-20-7055-1



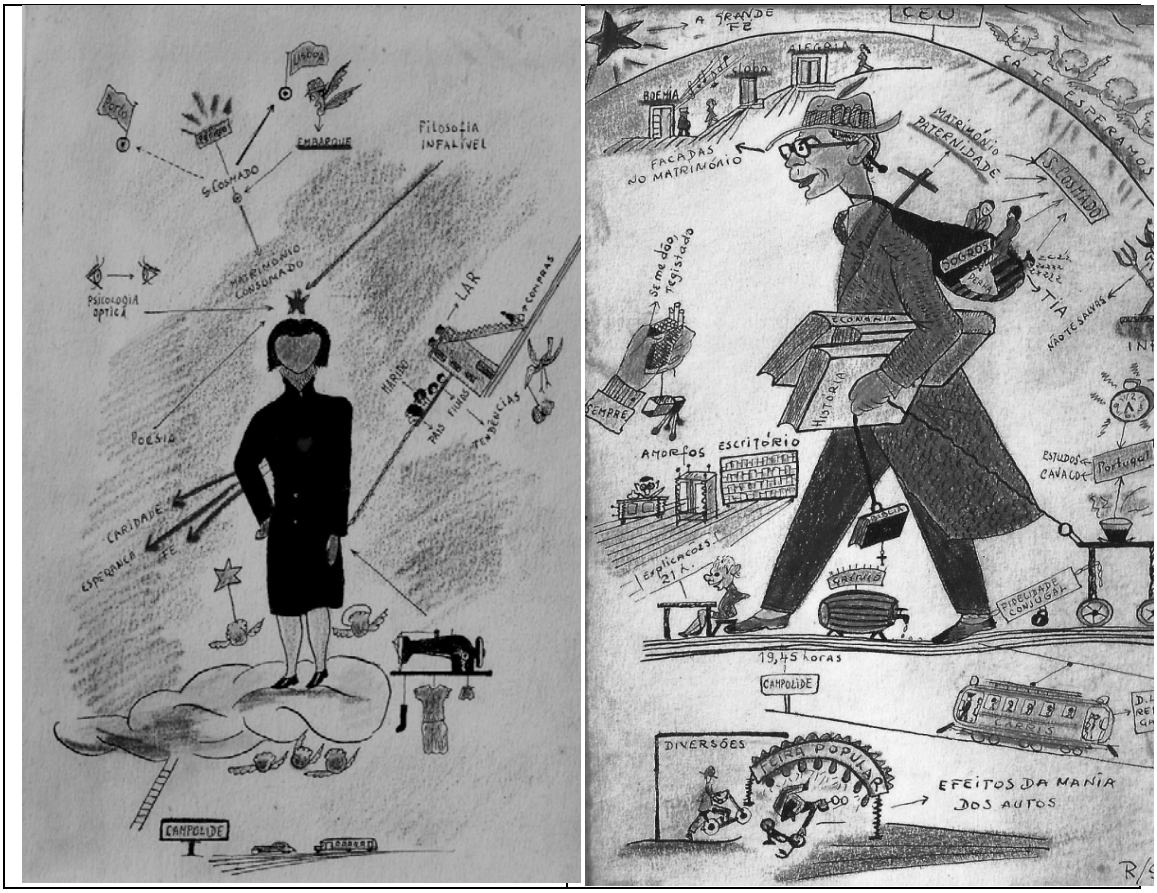
Sérgio Pombo
Desenho
2016

Cartas à Avó

& 1. É na secretária do avô que te escrevo. Sim, escrevo-te apesar de saber que agora és terra. Agora, ou finalmente, pois a tua ligação à terra sempre fez de ti um elemento dela. Escrevo-te mesmo assim, pois da terra que és, sempre emanará um mundo de recordações, um ramalhete de saudade, uma floresta de amor. Parece talvez fútil ou ridículo o que te digo, as palavras que uso, mas sei que gostarias de as ouvir, e neste nosso ateísmo desde sempre partilhado, sei que me ouves num mundo paralelo, nem que ele só exista em mim, na memória que tenho de ti. Creio que é isso mesmo o amor, mesmo que me tenha que contentar com a tua ausência física.

Adoro-te minha querida, sempre to disse e nunca me cansei de o repetir. «Amo-te muito, avó», sei que te aqueço agora ao lembrar-te estas palavras. De mim, saem lágrimas ao pensar em ti, ao sentir a tua pele, ao rever-te…

Conheci bem a tua história, a história da tua vida. Muitas foram as vezes que li os teus textos e que cantei a tua canção. Mas só recentemente descobri literalmente «enfiado» numa gaveta, arrumado, escondido ou recalcado, o manancial enorme da tua criatividade. Nesse conjunto, para além da emoção dos teus poemas, o que mais me deslumbrou foram os exemplares do Jornal «Estrela do Minho», todos dobrados e enrolados por uma corda formando um cubo bem apertado, cerrado, encerrado, irradiado talvez da tua vida. Havia só um que ficou de fora, talvez para recordar em caso de desespero? Também descobri algo de magnífico: dois pequenos papéis ilustrando a vida de cada um do casal mais querido do meu mundo: um sobre ti, uma personagem sem rosto e com cabeça em forma de coração, que divide a vida entre a família e a costura, e outro sobre o avô, vivendo entre o céu prometido e o inferno sempre ironizado, entre o grémio e o lar, carregado de livros de história e filosofia. Não estavam assinados. Imagino que teriam sido feitos por um amigo de ambos. Mas, como tinham mais pormenores da vida do avô, talvez tenham sido feitos por um amigo do avô. Já os emoldurei pois são uma preciosidade.



Nessa gaveta, descobri vários caderninhos e envelopes. Eles continham todos os teus poemas, ou pelo menos, a parte deles que chegou às minhas mãos. A minha mãe insiste em que alguns poemas se terão perdido, nomeadamente um que ela leu no dia do teu funeral e que agora não aparece. Um que me chamou particularmente à atenção foi aquele em que estavam jornais com textos por ti publicados. Fiquei a conhecer mais algumas manifestações da tua actividade cívica e do teu empenhamento político. Descobri ainda o teu nome de solteira: Maria do Rosário Pombo da Silva. Cada envelope estava datado e tinha escrito, pela tua própria mão, uma breve descrição do seu conteúdo. Para além de tudo aquilo que partilhamos, percebi que existe entre nós uma outra comunhão: um sentimento estranho entre a vaidade e a honestidade, ou entre a pretensão e a exigência mecânica. É o facto de ambas escrevermos para a gaveta mas sempre apontando o dia exato (eu chego a apontar as horas, minutos e dia da semana), na esperança de que alguém, um dia, leia e compreenda a nossa vida. Foi portanto imediato. Logo no dia seguinte à tua morte, meu amor, tive a ideia de reunir todos os teus escritos e editá-los, pois assim perpetua-se ainda mais a minha ligação a ti.

Serve agora então esta carta de prefácio, pois deixo ao leitor o prazer de te descobrir por ti mesma, pelas tuas palavras, preservando o teu desejo de um dia vires a ser lida, oferecendo-te a certeza de que os teus escritos serão dados a ler, de que serviram para alguma coisa. Tu que sempre foste incapaz de fazer algo inútil ou que te servisse apenas a ti.

Sei que tudo o que escreveste era universal, se destinava a ser plantado na terra, algo que alimente aquele que o lê. Também por isso sempre tive vontade de um dia editar os teus escritos. A tua morte despoletou em mim essa necessidade e encaro esta tarefa não só como uma missão de vida, mas sobretudo como um prolongado diálogo (entre tantos que tivemos) entre nós as duas. São precisamente as nossas conversas que mais me fazem falta. Muitas vezes dou por mim a precisar de falar contigo, saber a tua opinião, mas já não te ouço. Agora, leio-te e faço dessa leitura a tua voz em mim.

A transcrição dos teus textos será para mim um processo amoroso e feliz de retorno a ti, às origens do que há de mais profundo em mim, pois de ti o que sempre recebi, para além da compreensão incrivelmente sábia de mim e do mundo, foi amor, amor sem cobrança, amor sem troca, amor sem preço, amor absoluto e puro, amor absolutamente amor. «Amo-te muito, avó».

23 de Março de 2007, sexta-feira (15h25m)

& 2. Andavas sempre de avental. Tinhas uma colecção maravilhosa de aventais… A única variante eram as «campindósias», umas vestes tipo bata, feitas de algodão, com bolsos e com botões à frente, que usavas quando o calor «apertava» e tu ficavas vermelha de tão «sufocada». Só para ocasiões muito especiais te davas ao luxo de vestir uns «trapitos muito jeitosos» e perfumares-te. E quando havia uma festa mais «luxuosa» até «sacavas» do teu único bâton (vermelho) e do teu perfume (já um pouco para o alcoolizado). Recordo-te de todas as maneiras, mas a que mais me reconforta é de facto a versão caseira, muito rechonchuda, muito simples, muito tu. Creio que toda a família partilha comigo a saudade das tuas mãos, macias, com os dedos às vezes apertados do anel de casamento (que entretanto foi roubado, minha querida), das tuas bochechas avermelhadas do calor do lume, da tua barriga atada pelo avental, do teu cabelo cinzento mas forte

como a relva escalracho e dos teus olhos sempre mediados por uns óculos em estilo «revival» dos anos 70 e dos teus pés, um pouco grandes para o teu tamanho, camuflados nuns chinelos hiper-confortáveis durante o Inverno ou numas «sapatas» de corda durante o calor.

Mas isto que acabo de descrever não é senão a tua imagem física, a forma externa da tua personagem. Porque, para lá dos aventais e dos chinelos, habitava uma mulher extraordinária que poucos conheceram e cuja memória eu gostaria de poder honrar. Também por isso pensei fazer este livro. Como forma, não só de dar a toda a família o prazer de te ouvir de novo, mas de oferecer a todos os outros a oportunidade de te ouvirem pela primeira vez e perceberem que houve algures uma poetisa que trocou a fama e a glória prometidas pelo amor familiar, pelas panelas e pelos botões.

Nós as duas sempre falámos imenso. Conversámos sobre tudo e mais alguma coisa. Líamos os textos uma da outra. Portanto agora, que já só eu posso falar, senti que editar os teus textos seria uma forma de falares também tu comigo. E com todos os outros, claro!

> «Por isso eu fiz esse samba bem p'ra frente para dizer realmente o que é que eu acho», canta o Chico Buarque.

14 de Abril de 2007 (20h30m)

& 3. A tua escrita era uma espécie de salvação. Escrevias por necessidade, por não poderes mais aguentar os teus tormentos. Escrevias num só jacto, por impulso ou descarga dessa tensão interior de que tantas vezes falas nos teus textos e que tantas vezes comentavas connosco. Por ser uma emergência, qualquer pedaço de papel servia. Muitos dos teus poemas são escritos nas costas de cartas publicitárias, no espaço em branco de um catálogo de uma exposição, ou nos vestígios dos recortes de jornais do avô. Nem para a tua escrita foste exigente e qualquer pedaço de papel era suficiente para acalmar o teu sofrimento.

Infelizmente, a tua alegria subsiste só na minha memória. Recordo embevecida a alegria com que me recebias todos os dias, ao sair da escola, na pausa de almoço, ou quando, aos domingos, juntavas a família à volta da tua mesa. Recordo também o teu humor

raro mas contagiante. A tua escrita porém é quase sempre carregada de tristeza. Mesmo quando falas de Amor – e que bonitos são esses teus poemas! – é quase sempre de amores impossíveis, irrealizáveis, impossibilitados por distancias, afastamentos, ausências. Outros são ditados pela incompreensão face a um mundo que desejavas constantemente melhor. Depois, mais para o fim da tua vida, os teus poemas são invadidos pela frustração, pela dor, pelo sofrimento. Mas, no fundo, todos os teus poemas são preces, preces a um Deus em quem não acreditavas, ou a uma santa Maria do Rosário de quem desconfiavas. Poesia como religião sem fé. Oração de uma pagã irónica. É assim que descrevo os teus poemas sobre a tua inaceitação da não conformidade do mundo.

18 de Abril de 2007 (22h16m)

& 4. Gostavas muito de fazer acrósticos. Também aqui transcrevo alguns dos que fizeste. Pela minha parte, eu nunca tinha feito nenhum. Nem provavelmente nunca mais farei algum. Também nunca tinha feito - nem sequer tentado - fazer um poema. Mas aqui fica um acróstico e um poema que em 2007 tinha conseguido fazer para ti, minha querida!

As tuas expressões surgem, vezes sem conta, na minha memória

Vives em mim de forma intensa…por isso escrevo em tua glória

Odeio já teres partido! Mas a vida é assim: felicidade contraditória

Maravilhas, era o que sempre fazias!

As vezes lá conseguias descansar sentada.

Rias-te das aselhices do avô e gostavas imenso de ópera!

Inventavas mundos a partir de quase nada.

Amavas todos… e de todos bem cuidavas!

A minha avó Maria

Tinha eu uma avó
Que apesar de sempre só
Nunca se esquecia de fazer
Um repasto p'ra gente se
lamber…
Bifinhos de cebolada
Cortadinha e descascada
Sem lágrimas vertidas
Por suas mágoas escondidas.

Muito boa de coração
Mesmo sem um tostão
Nunca disse «não»
A fazer de um velho roupão
Um belíssimo jaquetão

O que mais a irritava
Eram os jornais e os livros
Que meu avô lá aconchegava
Por baixo dos sofás
escondidos.

Mas o seu «mal» maior
Era mesmo psicológico
Uma tensão do pior
Que nem médico nem lógico
Poderiam salvar
Ou remédio encontrar.

Nunca a vi tanto rir
Como naquele serão
Em que quase a obriguei a ir
A um circo canastrão.

Enfim, a recordação é imensa
De uma avó tão maravilhosa
Que preferia o cravo à rosa
Pela liberdade pretensa.

Os seus poemas transcrever
Tive vontade de fazer
Pela primeira vez na vida
Um poema digno de ler

Mas neste poema me cinjo
A poucos traços seus retratar
E assim satisfeita eu finjo
Ficar…
Pois nada substitui
A minha avó querida
Com quem sempre fui
Tão feliz com a sua vida.

7- 4-2007, 22h

Catarina Pombo Nabais

Sobre a edição

Respeitei meticulosamente a configuração dos escritos da minha avó, por exemplo, o facto de, nos seus poemas, haver estrofes niveladas diferentemente, de não haver por vezes pontos finais ou vírgulas, de minúsculas virem depois de um ponto final. Respeitei também o uso da maiúscula que a minha avó utilizava, quer num sentido irónico, para sublinhar certos conceitos como «Deus», «Valor» ou «Tratado», quer num sentido idealista, por exemplo «Liberdade», «Verdade» ou «Operário», quer num sentido psicologista, como «o Fantasma», quer num sentido romântico-filosófico: «o meu Eu» ou «viver em outro Mundo», quer ainda pura e simplesmente para enfatizar aquilo que se podem chamar os seus «valores»: «Filhos», «Família».

Também fiz questão de deixar intacta a ortografia, pois aquilo que hoje é considerado erro, na altura em que ela escreveu não o era. Apesar de haver uma única palavra em cuja grafia a minha avó hesitava (carta «registada» ou «registrada»), está completamente fora de questão a dúvida quanto ao seu domínio da língua portuguesa. Portanto, achei interessante manter a ortografia reinante naqueles tempos. Tudo o que hoje é considerado como um erro ortográfico, está assinalado com o símbolo «*», por exemplo: gôsto*.

De entre os vários cadernos que se encontravam no espólio da minha avó, dei especial atenção ao "Almanaque Merck" que decidi recriar em todo o seu espírito. Ao ler este pequeno caderno de versos, uma hipótese foi ganhando a forma de certeza: a minha avó fez o seu próprio almanaque. Por isso, para cada dia, ela escreveu uma quadra, sempre assinada com uma pequena rubrica. O caderninho tem versos feitos em datas diferentes, fazendo com que, às vezes, na mesma página, apareçam versos recentes seguidos de um mais antigo (que deveria estar umas páginas antes). Por vezes, a minha avó interrompe o ritmo da escrita e inscreve umas contas, no mínimo bizarras. Outras vezes, deixa escritas - ou pede a outros que escrevam (é o caso da irmã Esmeralda e de um outro amigo ou amiga que não consegui identificar) - charadas e enigmas e, nas últimas páginas, a letra (e sua tradução para português) de um tango (provavelmente da sua preferência).

Respeitar a forma do almanaque é também respeitar as permanentes sugestões de medicamentos que vêm em rodapé. Confesso que só o fiz após a transcrição da centena e meia de pequenas quadras. Mas foi algo que se foi tornando necessário e incontornável. Nem que fosse como puras curiosidades históricas - algumas verdadeiras relíquias! - achei interessante ir acompanhando os versos com essas referências, que, para além de confirmarem a ortografia e as regras gramaticais da época, por vezes criam a ilusão de ressonância com o que está escrito, criando momentos, no mínimo, hilariantes. É que, como boa poetisa que era, a minha avó sempre manteve com os medicamentos e com a medicina em geral uma relação de intimidade no combate aos seus sofrimentos permanentes. E, até ao fim, sempre disse que, para os seus males, não havia remédio. Estou pois convencida que a minha avó aproveitou o caderninho com esse intuito - o de, no meio das sugestões farmacêuticas que vinham já em rodapé, escrever pequenos versos de amores, saudades e tormentos sem remédio. Portanto, transcrever essas sugestões de rodapé é, no mínimo, ir ao encontro das enormes dificuldades psicossomáticas que atormentaram a vida da minha avó.

Post Scriptum em discurso directo:

Neste processo de reconstituição do teu trabalho literário, e ao ler os jornais que conservaste, fiquei emocionada por ver que eras tão acarinhada e apoiada por tanta gente! A entrevista que te foi feita[1] *dá bem conta desse reconhecimento. O teu livro – cujo título seria "Um Livro" – era aguardado com imensa alegria e admiração por um grupo de outros escritores que, aquando das polémicas de que foste protagonista, de imediato escreveram em tua defesa! O maior e mais unânime elogio era a tua integridade: a liberdade de pensamento aliada à coragem cívica! Realmente, avó, foste uma grande mulher! Defendeste com tanta coragem as tuas ideias revolucionárias! (Adorei particularmente a tua frase: "Desobedeçamos, raparigas!"*[2] *Que assombro de frase! E que urgente ela é ainda...). E com essa mesma liberdade e grandeza, criaste os teus filhos e netos de forma sempre tão presente e meiga!*

[1] Ver *adiante*, p. 14.
[2] Ver *adiante*, p.203.

Ainda há dias, nesta estadia intensa com a minha mãe para terminarmos o livro, dei por mim a pensar em ti e nesta linhagem bem ao estilo de matrioskas russas que tu inauguraste. E pensei que, se detrás de um grande homem, está uma grande mulher, então, detrás de uma grande mulher, está de certeza uma grande mãe!

Catarina Pombo Nabais

A história duma costureira que escreve nos jornais

A fazer vestidos sem saber pegar numa agulha — A primeira quadra aos 10 anos — Um soneto aos 22 — As primeiras publicações — Está a entrevistar-me? — Escrevendo à máquina de costura — Recordações e palavras de justiça — As costureiras começam a conscientializar-se?

Há histórias que vale a pena contar. Esta é uma delas porque é a história duma costureira que escreve nos jornais. ¡Uma costureira a escrever nos jornais!... Parece estranho. E' mesmo estranho. Uma costureira DAlm daqueles seres, imortalizados sobretudo pelos escritores franceses do século passado, que enquanto costuravam, enquanto pelas suas mãos passavam as sêdas, os veludos, iam meditando na sua miséria, na pobreza das suas chitas, e a sua imaginação exaltada construía mundos novo, impossíveis, ao sabor romântico da época, com música ao longe.



Maria do Rosário

Uma costureira a escrever nos jornais!... E não é uma costureira romântica que chora ao cair da tarde, que entra em transe quando no ocaso o sol empresta o seu fogo às nuvens. E' uma rapariga positivista, do momento presente, que não recua ante um sacrifício, mas que sabe no que consiste um sacrifício. Os leitores conhecem-na, mas não sabiam que a Maria do Rosário era costureira. Ela tem animado as colunas dêste jornal com a sua prosa nítida, concisa, racionada, e com os seus poemas cheios de ritmo e sabor realista. Ela é uma das mais vigorosas e regulares colaboradoras das muitas que se orgulha de possuir *Estrêla do Minho*, daquelas colaboradoras que não hesitam atacar problemas, e, dentre estes, cuidam sempre buscar os que apresentem a fragrância do momento, aquêles para que se reserva uma palavra que não há maneira de ser riscada do dicionário: cruciantes.

Uma vida de trabalhos sem desfalecimento, uma vida de acção intensa a da Maria do Rosário! E o problema económico a tolmar-sempre em derrubá-la, e ela teimando sempre em derrubar o problema económico...

— Como se fês costureira?

— Aos 17 anos, sem saber pegar numa agulha e numa tesoura. Era preciso vencer, ganhar mais dinheiro para acudir às necessidades que se levantavam. A costura era uma possibilidade. Peguei numa tesoura e numa agulha e comecei a fazer vestidos — eu que não sabia o que isso era. E não me atrapalhei. Desde muito cedo estava habituada a não recuar.

Pronto. Assim nasceu uma costureira.

— E olhe: o mais engraçado é que só duas ou três vezes na minha vida fiz vestidos para bonecas. Não podia perder tempo em treinos...

E dos dezassete anos até hoje — já lá vai mais de uma dezena — firmou os seus créditos. Apesar de não ter tido aprendizagem nunca freguesa alguma se queixou dela lhe ter estragado um vestido! O' costureiras, costureiras, ponde aqui os olhos...

— E de quando datam as suas primeiras produções?

— Aos 10 anos fiz a primeira quadra.

— Lembra-se dela?

— Lembro. Era assim:

Castanheiros verdes, tristes,
fendem o céu com seus ramos.
E' da vossa côr que vive
a minha alma há muitos anos.

E comentou:

— Repare. Tinha apenas dez anos e já falava da minha alma de muitos anos... Cousas de criança.

E riu-se com esta lembrança do passado.

— Depois?

— Depois... Depois escrevi, escrevi sempre. Aos 22 anos tentei o soneto. Chamei «Primavera» ao primeiro soneto que fiz.

Não amo a primavera. Vou tentar
dizer-vos porque sinto esta aversão
embora saiba vem que o coração
sabe melhor sentir que explicar.

— Curioso. Essa idea faz-me lembrar aquêle escritor sul-americano: «La palabra no traduz el pensamiento íntegro; lo mutila». E quando é que começou a publicar?

— Dois anos mais tarde. Um amigo levou-me algumas produções para os jornais. Eu não queria, mas êle lá me convenceu. Tinha em meu poder os jornais com as produções.

— Poderá dizer-me o arrependimento foi tardio. E diga-me, Maria do Rosário, como escreve agora?

— Está a entrevistar-me? Tanta pregunta.

— Entrevistá-la? Que idea! Mas sou muito curioso. Já que se proporcionou esta conversa não resisto a umas preguntazinhas.

— Bem. Confio em si. ¿Pois quere saber como escrevo? Sentada à máquina de costura. Emquanto vou costurando o pensamento gira. Talvez influência da máquina. Muitas vezes páro, tiro da gaveta o papel e o lápis, que andam misturados com as linhas, e escrevo. Está satisfeito?

— Obrigado. Estou satisfeitíssimo pelo que acabo de saber. Nem no trabalho deixa de pensar no bem comum — êste bem que todos nós ainda havemos de possuir um dia e que reside na boa compreensão e no bom entendimento dos homens.

— Também tenho fé.

Maria do Rosário é assim: explícita e compreensiva. E o que me choca, o que por certo chocará também os leitores é o facto dela não viver exclusivamente para a satisfação das suas necessidades — ela, que, vencida uma, logo teria outra que vencer. Maria do Rosário vai costurando e o ritmo da «Singer» — trac-trac, trac-trac — embala-a e desperta-lhe a sensibilidade requintada e o que de humano há no seu coração e no seu cérebro. Há um desempregado, e Maria do Rosário sabe que existem milhões de desempregados; há um alugado, um que vai vendendo aos poucos o seu sangue a troco da codea diária, e Maria do Rosário sabe que existem dezenas de milhões de alugados; há um doente, um vélho inválido, e Maria do Rosário sabe que existem muitos doentes, muitos vélhos inválidos que têm o mesmo direito à vida que ela; há um bafejado da sorte, um feliz da vida, e Maria do Rosário não esquece também os bafejados da sorte, os felizes na vida. Possue o sentido real das cousas e dos problemas. A sua consciência formou-se na vida e nos livros. Porque Maria do Rosário lê, lê muito, estuda sistemàticamente, afincadamente, alheia a cansaços e desfalecimentos.

— No intervalo do meu trabalho profissional — das minhas costuras — e do meu trabalho caseiro leio, leio tudo, todos os livros que os meus recursos permitem adquirir e a amabilidade dos meus amigos cede. Leio e após cada leitura medito e procuro tirar o máximo de rendimento. Quando não estudo peço explicações. Há sempre outro livro mais acessível ou um amigo conhecedor do assunto.

¡Que rapariga, a Maria do Rosário! ¡Quanto de esfôrço, quanto de sacrifício, quanto de energia, de heroísmo para não desfalecer, não representar a sua vida! Sem mãi desde os 10 anos — uma grande perda! — ficou só com os pés na terra, na sua boa terra do Douro que frutifica mil riquezas, e, como cepa de boa origem, resistiu aos vendavais do mundo. E' que nas suas veias corre o sangue plebeu, o sangue dos heróis e dos mártires, daqueles que se põem todos nas fileiras dos militantes das causas justas e nobres. Quanto de doloroso não lhe foi perceber as distinções sociais, baseadas em meras mistificações, em puros preconceitos estúpidos. Para ela há uma nobreza, aquela que de facto dignifica a pessoa humana: o trabalho. Para ela há um lema que constitue a elevação e nobreza de carácter: trabalhar sempre, ir mais além.

¿Perder-se em falsos problemas? Para quê? ¿Mortificar-se deixando a imaginação criar situações complicadas, embaraçosas? Para quê? ¿Deixar-se ficar apática emquanto a seu lado se chocam ideas e debatem problemas? Para quê? A terra solicita-a, o seu Douro chama-a, o seu país tem-na como filha, a humanidade como irmã. Sim, como a boa cepa do Douro. Criada entre o fraguedo, vence os socalcos, frutifica em viso e expande-se em vida resistindo, criando mais forças, dando novos rebentos, e assim se tudo continua boa cepa. E apesar de tudo é rapariga, harmoniosamente feminina, graciosamente mulher, ternamente moça, humanamente boa irmã, boa filha, boa amiga e boa camarada.

Ah!, Maria do Rosário, se as palavras fôssem o reflexo fiel do pensamento apresentá-la-ia como o símbolo que é: a costureira, da filha, da amiga conscientializada, senhora dos seus direitos e sabedora dos seus deveres que não se esquece de cumprir.

Maria do Rosário foi ferida na sua modéstia. Quando estas linhas, não ditadas pela amizade nem pela admiração, mas pela justiça, lhe caírem debaixo dos olhos, abrir-se-á no seu peito uma chaga. Sei-o bem. ¿Mas que me importa? Prefiro a muito, mas acima dela prefiro a verdade, e pela verdade não recuo seja diante de quem e de que fôr. Tenho contudo o bálsamo consolador duma esperança: Maria do Rosário sabe perdoar e perdoa-me estas palavras, sem brilho e curto, mas sinceras e verdadeiras. As costureiras do seu tipo são raras. Um achado precioso, como o há. Isto mais ainda aumenta as suas virtudes porque só o facto de poder dizer uma rapariga consciente implica uma luta fantástica consigo própria, com o meio e com vinte séculos de preconceitos. E numa luta de que saía vencedora.

SOUSA BRANDÃO.

"Notícias de Evora"

Com um lindo número de 10 páginas, recheado de esplêndida colaboração, comemorou o seu 43.º aniversário, o nosso prezado confrade *Notícias de Evora* a quem, por êsse motivo, apresentamos os nossos cumprimentos de felicitação e os votos de muitas prosperidades.

CARTA CINEGRÁFICA

Não podem as minhas palavras exprimir os desencontrados sentimentos que me sacodem a alma. Sinto-a acorrentada por grilhões invisíveis, numa *Prisão sem grades*, debatendo-se numa luta sem tréguas e sem esperança, entre o coração e a razão. E se na luta ficar vencido, terá v. obtido sòmente uma *Vitória no Deserto*.

Alguma cousa de muito caro deixei nessa linda *Aldeia da Roupa Branca*, onde v., enternecidamente, cusinava a ler, na sua encantadora *Varanda dos Rouxinóis*, os filhitos da pobre *Rosa do Adro*.

No meu pensamento, em rápida passagem, deslisam, em comovida recordação, os fugidios *Vinte e um dias* que aí passei. *Bela sem sendo*, eu acostumei-me à luz dos seus olhos e à claridade do seu sorriso, sem lhe dar lugar a que v. tivesse acêrca da minha crescente simpatia, a menor *Suspeita*. Já lhe dei, todavia, na minha *Ultima Carta*, motivo suficiente para preadivinhar os meus sentimentos para consigo.

Começo a ter receio que as cruzes votivas da minha afeição, vão caindo, como se por elas passasse, em fúria, irreprimível *Furacão*. E eu não queria ficar, à margem do caminho, murmurando inúteis lamentações, de que tudo ficou arrasado, de que *Tudo o vento levou*... Lembra-se do que lhe disse quando, à sua varanda, escutavamos, pela rádio, a *Canção do Hawai*? Se me responde negativamente, terei de concluir que tudo foi *Fantasia* e não passou de um lindo *Sonho de uma noite de verão*. E eu, positivamente, já não estou na *Idade das Ilusões*...

Sem que o exteriorizassemos, os nossos corações andaram, por vezes, como se fôssemos felizes *Namorados* desambulando, *De Braço dado*, pelas alamedas acolhedoras, abrindo no rosto sereno da *Vélha Ama*, o sorriso franco e bondoso com que a sua ternura sempre nos acolhia.

Em face do seu silêncio perturbador, que caminho seguirei eu? Irei correr a confusão das cidades, como se fôsse *Aze de Arribação*, ou caminharei para junto de si como se v. fôra o meu *Pôrto de Abrigo*? Encontro-me aqui triste, e a ninguém conto *A minha história*.

Seguro-me ao bordão de peregrino e vou, de *Lábios cerrados*, até o alto da montanha. Lá, no alto, na certeza de que ninguém me ouve, escuto-me, então, a mim próprio e penso que seria inteiramente feliz no dia em que lhe ouvisse dizer: *Serei Tua*.

Só os seus olhos me prenderam, porque ao meu ânimo é indiferente a *Quimera do Ouro*. Se o coração me ficar, em bocados, pelas escarpas dos caminhos, uma voz há-de bradar dentro de mim: sofri *Tudo por ela*.

Dizem-me que v. é *Uma mulher de Duas caras*... como se não bastasse a única que tem, para *Castigo* de ser infinitamente linda. Que a sua resposta venha salvar-me. Quero construir nesta *Terra bemdita*, o castelo onde há-de viver o amor mais alto, embalado pelas brisas, acalentado pela *Canção da Terra*.

Salve-me! Salve-me para que a minha alma não continue a ser batida inexorávelmente por impiedoso *Tufão*, no desamparado e agreste *Monte dos Vendavais!*

HARÔCE.

Futebol

Temos hoje na Berberia um encontro sensacional de futebol, para a abertura oficial da época, cujo sorteio, a contar para o campeonato, colocou frente a frente os mais directos rivais do distrito: Famalicão-Vitória de Guimarães.

— Em Braga defrontam-se o Gil Vicente, de Barcelos e o Sporting e Vizela recebe o Sporting de Fafe.

Tal é o calendário para hoje às 16 horas em todos os campos.

— Como se apresentarão os grupos?

E' a pregunta que todos os «doentes» da bola se fazem e que vai ter logo a resposta devida.

Não têm muito que esperar. E como nós temos um dedo que adivinha, aí vai, pois, o resultado:

Famalicão vence o Vitória por 4-2; Braga vence o Gil Vicente por 7-1 e Vizela empata com o Sporting de Fafe a 3-3.

Se os resultados forem diferentes, a culpa não cabe ao «dedo» do cronista, mas ao facto de, à última hora, os elementos A. do club B., o C. do club D. e o E. do club F. não poderem alinhar por causa das «cartas» que não vieram a tempo...

Porque em vindo elas, aquilo é tam certo como dois e dois serem quatro.

ZÉ DA BOLA.

O nosso aniversário

Cardeal Saraiva nosso estimado confrade de Ponte do Lima, hoje em plena festa com as suas imponentes feiras de Setembro, referiu-se nos seguintes termos ao nosso jornal por ocasião do seu 48.º aniversário:

"Estrêla do Minho"

Ao completar mais um aniversário, felicitamos vivamente o seu ilustre director e jornalista sr. José Casimiro da Silva e todos quantos neste nosso prezado colega desempenham a sua apreciada missão.

Não podemos deixar de referir-nos ao nosso saudoso amigo sr. Manuel Pinto de Sousa, que fundou e acarinhou com todo o poder do seu coração êste brilhante jornal famalicense.

Os nossos agradecimentos.

Sobre a revisão

O projecto deste livro é da Catarina[3]. A mim coube-me apenas apoiá-lo desde o primeiro momento, acalentá-lo, acompanhá-lo, reavivá-lo sempre que foi preciso, criar algumas das condições materiais da sua realização. Sobre esse projecto não direi nada. Apenas que ele vem ao encontro do imenso amor que todos, filhos e netos, tínhamos e temos pela minha mãe, da desmedida saudade que, ainda hoje, passados quase dez anos do seu desaparecimento, invade cada um dos meus poros e dos meus dias, da ternura, do carinho, da admiração perante a sua bondade, a sua inteligência, a sua generosidade, a sua grandeza.

***

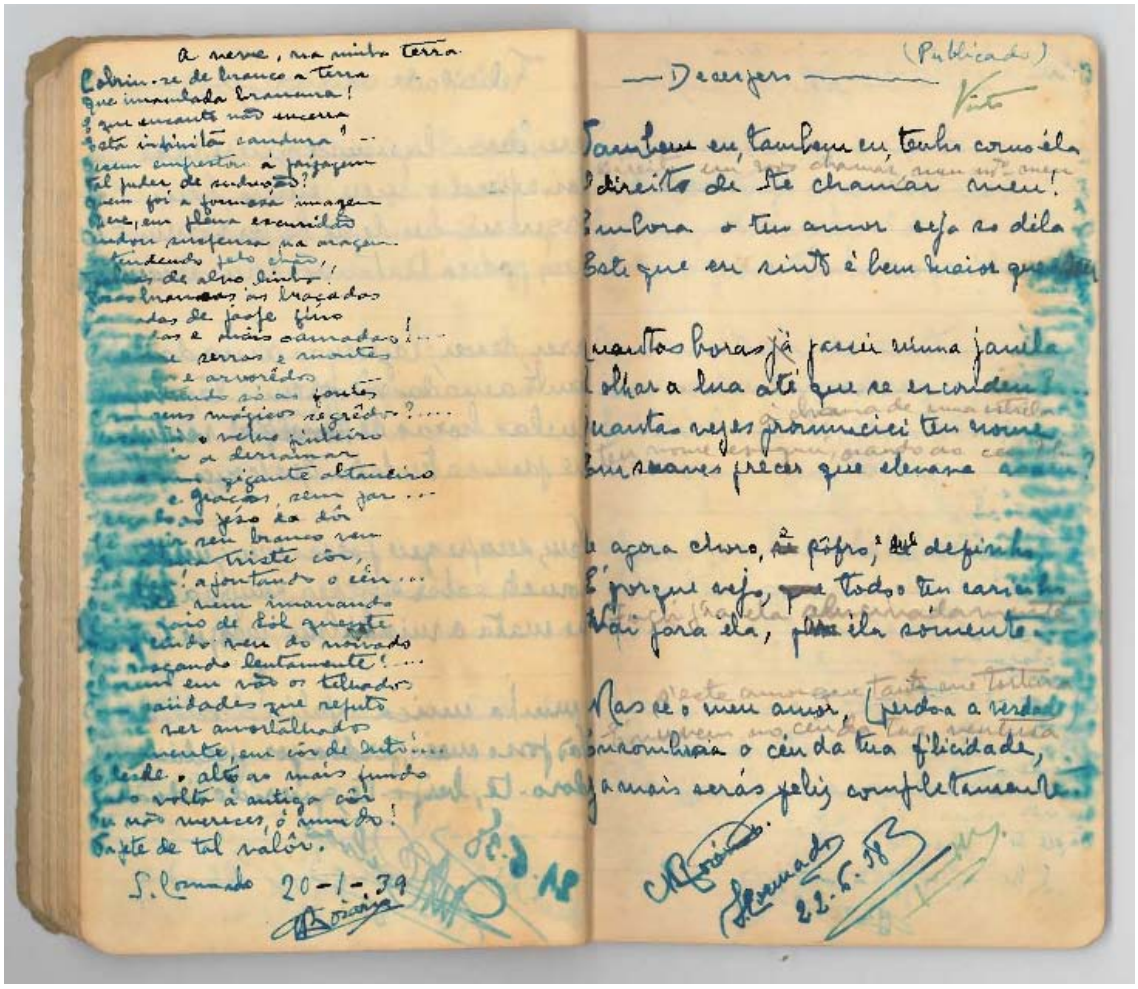
Em aditamento ao quase tudo que a Catarina já tinha feito, limitei-me a pouco. Confirmar que os títulos dos poemas eram sempre respeitados. Sugerir que, os que não tinham título, fossem designados pelo primeiro verso entre aspas. Apurar se tinham sido transcritas as dedicatórias e as localidades em que os poemas foram escritos, sempre que esses elementos eram indicados nos manuscritos. Propor que a apresentação seguisse a ordem cronológica dos poemas e que essa ordem fosse cruzada com a organização em "Cadernos" que lhes havia sido dada pela minha mãe. Sugerir que os manuscritos que não faziam parte de nenhum caderno fossem transcritos numa secção designada por "Poemas Soltos", aconselhar a inclusão, como anexos, de alguns textos em prosa que documentam facetas esquecidas, ou mesmo ignoradas, da produção escrita da minha mãe e que a leitura atenta dos manuscritos permitiu revelar.

Os "Cadernos" são de natureza variada e têm, em si mesmos, um valor documental que foi salvaguardado. Para esse efeito, a transcrição dos poemas foi intercalada com alguns *fac-simile* das capas e de algumas páginas de cada caderno. Alguns são quase ilegíveis tenho portanto o trabalho da Catarina sido quase uma tarefa arqueológica que ela realizou com grande esmero. O exemplo seguinte é bem eloquente:[4]

---

[3] O trabalho de transcrição foi integralmente feito pela Catarina. Começado em 2007, foi retomado em 2016 com o objectivo de acabar o livro antes do dia 16 de Agosto.

[4] A transcrição destes dois sonetos é dada *adiante*, pp. 37 e 38.



Na categoria de “Cadernos”, incluem-se dois blocos de cartas, um caderno diário de tipo escolar, um almanaque e dois livrinhos feitos à mão.

O primeiro, na ordem da data dos poemas nele incluídos e, portanto, na ordem de apresentação aqui seguida, é o BLOCO DE CARTAS EMEGÉ onde a minha mãe recolheu, pela sua própria mão, poemas de 1938 a 1940. O “Caderno”, com folhas de linhas, de papel fino e amarelecido, foi oferecido à minha mãe em 1958 por um amigo do Porto que não foi possível identificar (assinatura ilegível) e que, certamente no momento da oferta, nele escreveu dois poemas de sua autoria, um na primeira página e outro na última. Neste caderno, que funciona como um verdadeiro livro em branco, a minha mãe reproduziu poemas da sua autoria, bastante anteriores à data em que o caderno lhe foi oferecido, bem assim como poemas de vários autores (Jorge de Figueiredo, Delfim de Guimarães, João de Lemos, Júlio Dantas, Silva Tavares, Mário Mesquita, João Pinto Ribeiro, um poema

da sua irmã Esmeralda, dois poemas de autor anónimo, um dos quais com a indicação de ter sido "recebido" em 26 de Abril de 1939).



A minha avó e a sua irmã Esmeralda Pombo

Os poemas deste "Caderno" estão todos escritos a tinta e, em alguns casos, de tal modo desbotados que se tornou impossível a sua transcrição[5]. Alguns desses poemas já tinham sido publicados. È o que acontece com o soneto *Sonho Lindo*, datado de 16 de Agosto de 1939 e que, conforme indicação expressa da minha mãe, foi publicado em 18 de Fevereiro de 1940, no número de aniversário dos 60 anos do jornal regional "Vilarealense"[6]. Outros haviam sido enviados para publicação, como acontece com o poema *Sonho,* datado de 7 de Janeiro de 1940 e que viria a ser publicado, também no "Vilarealense", em 23 de Janeiro de 1941.[7] Outros ainda são retomados ou retirados de outros conjuntos. O que, tendo ainda em conta o facto de quase todos serem sonetos e de grande qualidade literária, prova que este caderno constitui uma selecção feita pela minha mãe da sua produção poética de 1938 a 1940. A este propósito, é significativo que alguns dos poemas, escritos a tinta, tenham sido posteriormente revistos e estejam por si emendados a lápis, o que terá acontecido na altura, bem posterior (1958), da sua transcrição neste "Caderno".

O "Caderno" que vem depois – ALMANAQUE MERCK 1939 – é materialmente o mais curioso. É uma pequena publicação, com cerca

[5] De facto, não foi possível transcrever 8 poemas.
[6] Cf. *adiante*, p. 67. É esse também o caso do soneto intitulado *Desespero,* aqui reproduzido na p. 38.
[7] Aqui transcrito em *fac-simile,* Cf. *adiante*, p. 57.

de 14 por 10 cm, oferecida pela empresa farmacêutica alemã Merck, com sede em Darmstadt, como forma de propaganda aos medicamentos aí produzidos, alguns dos quais vêm indicados, em pé-de-pagina, com breves descrições terapêuticas. O "Caderno" estava destinado a funcionar como agenda para o primeiro semestre de 1939, cada pagina dividida em dois espaços em branco, correspondentes a dois dias da semana. Nas últimas folhas, algumas paginas para notas, um calendário para o ano de 1939 e outro para o de 1940. Em todos os espaços correspondentes aos dias da semana, a minha mãe escreveu uma quadra[8]. Quase todas assinadas e datadas, umas a lápis, outras a tinta, as quadras não têm, ao contrário do que se poderia esperar, qualquer afinidade de conteúdo com os dias da semana e do mês em que aparecem. Há uma única exceção para o dia 1 de Abril de 1939, dia das mentiras, no qual, exactamente um ano depois, em 1 de Abril de 1940, escreveu:

> «Dia de enganos». São assim todos os dias!
> Enganos e mais enganos.
> Sem mesmo darmos por isso
> Lá se vão passando os anos!...

Acresce que a datação das quadras não é sequencial. Por exemplo, no dia 4 de Janeiro de 1939 está uma quadra datada de 3 anos antes, 11 de Dezembro de 1936 e na quarta-feira, 17 de Maio de 1939, uma quadra datada 3 anos depois, 26 de Maio de 1942.

Neste pequeno "Caderno", como muito bem viu a Catarina[9], a minha mãe fez de facto um almanaque, cumprindo assim o destino apontado pelo título da capa. Além das quadras de sua autoria e das indicações farmacêuticas que o "Caderno" já trazia escritas, nele registou contas, tabelas de números sem significado evidente[10], problemas e enigmas e suas respectivas soluções[11], alguns de natureza gráfica, com pequenos desenhos geométricos ou figurativos[12], duas quadras da autoria da sua irmã Esmeralda[13] e

---

[8] Há unicamente 5 espaços em branco.
[9] Por isso a Catarina se deu ao trabalho de transcrever integralmente este "Caderno" reproduzindo a sua estrutura formal.
[10] Vejam-se as páginas correspondentes aos dias 24, 25 e 27 de Fevereiro, *adiante*, p. 75.
[11] Vejam-se as páginas correspondentes aos dias 12, 14 e 15 de Março, *adiante*, p. 77 ainda as páginas correspondentes aos dias 19,20,21,22,23 de Maio, *adiante*, pp. 85-86,
[12] Vejam-se as páginas correspondentes aos dias 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30 de Maio, *adiante*, p. 86.

ainda jogos de sentido e de pontuação[14], problemas de aritmética[15], famílias de palavras[16], a letra de um tango, em espanhol e português escrita por alguém cuja assinatura não foi possível identificar. Na última pagina, a lápis, em letra muito sumida, a minha mãe escreveu ainda aquele que é, porventura, um dos lemas da sua vida de rapariga da aldeia que ainda era:

> "Se não podes nesta hora aprender algo de novo, recorda algo do que já sabes".

O "Caderno" seguinte é uma brochura artesanal de pequenas dimensões, feita de folhas de papel dobradas e cozidas à mão, com linhas, sem qualquer título ou imagem na capa, que foi por nós intitulado simplesmente de "CADERNINHO". Aqui a minha mãe reuniu, também pela sua própria mão, os seus poemas de 1940 e 1941. São todos sonetos[17], forma na qual a minha mãe se fez exímia. Se, em geral, todos são de grande beleza, alguns há que são belíssimos. Podia nomear os meus preferidos. Não o farei porém, pois acho que esse prazer deve ser dado ao leitor.

Alguns sonetos têm a indicação de terem sido publicados, como é o caso do poema *O Mendigo*, publicado no "Vilarealense" em data que não conseguimos determinar. Outros foram enviados a amigos – é o caso do belíssimo soneto *A Noite Desce*, enviado ao Magalhães (?) no dia 6 de Fevereiro de 1941[18] e do também magnífico soneto *O meu Deserto,* datado de 8 de Janeiro de 1941, que a minha mãe diz ter enviado ao "Martins". O que constitui a primeira referência àquele que viria a ser o companheiro de mais de setenta anos da vida da minha mãe.

Confesso que esta referência ao meu futuro pai me fez estremecer. Senti que a minha vida esteve em risco nesse momento. "O Martins" era então alguém que, tanto quanto sei, a minha mãe havia conhecido por carta, um leitor distante dos seus textos que, em circunstâncias para mim sempre misteriosas, com ela havia iniciado a

---

[13] Nos dias 11 e 12 de Abril, nomeadamente, no dia 11 ("A vida é eco distante / Dum grito desesperado / Que se perde no deserto / Dum coração destroçado") e no dia 12 ("A vida é saudade amarga / Que se oculta na ilusão / Viver é pois extinguir / A vida do coração").

[14] Vejam-se as páginas correspondentes aos dias 31 de Maio, 1, 2-3 e 7 de Junho, *adiante*, p. 87.

[15] Vejam-se as páginas correspondentes aos dias 4-5 de Junho, *adiante*, p. 87.

[16] Veja-se a página correspondentes ao dia 6 de Junho, *adiante*, p. 87.

[17] Há uma única excepção: o poema "O Mendigo" (*adiante*, p. 112.

[18] Ver *adiante*, p. 100.

troca de alguma correspondência. Nessa altura, ele era unicamente "o Martins". Nada fazia prever o futuro que os esperava. Nada permitia adivinhar que ele seria o futuro companheiro da sua vida. O futuro estava aberto, liso e incerto. Para eles e para mim. Eu podia nunca ter nascido 5 anos depois.

O "Caderno" seguinte é o intitulado "PRODUÇÕES DE 1944". As folhas amareladas, agora lisas e de maiores dimensões (hoje, diríamos de formato A4), estão cozidas à mão. A capa é feita de papel igual ao miolo, com desenhos geométricos, feitos a lápis de cor[19]. Neste artesanal "Caderno" estão manuscritos 34 poemas, dos quais três sonetos e três outros ditos canções. Com excepção de dois, todos os poemas são datados de 1944. Dois dos poemas têm a indicação de terem sido feitos em Coimbra, certamente durante uma estadia naquela cidade que a minha mãe sempre referia como tendo sido muito positiva e importante para ela. Aí terá tido acesso a um contexto muito mais aberto, livre e politizado, terá feito novos conhecimentos, novos amigos, recolhido novas informações, lido novos livros.



[19] Ver *fac simile*, *adiante*, p. 117.

Terá também sido em Coimbra que, tanto quanto sei, a minha mãe se encontrou pessoalmente com o meu pai pela primeira vez, com quem se correspondia há já pelo menos três anos (pelo menos desde 1941) e com quem viria a casar, logo depois do fim da Guerra. O casamento teve lugar em S. Cosmado, no dia 22 de julho de 1945. Com grande escândalo na aldeia, o casamento foi unicamente pelo civil e a minha mãe vestia, não um vestido branco como era norma, mas um vestido verde.



Esta sua estadia em Coimbra, talvez explique o facto de os poemas deste "Caderno" se afastarem do belo e pungente lirismo que caracteriza os poemas anteriores. Os seus poemas têm agora contundentes objectivos sociais e políticos, são verdadeiros escritos de protesto, atravessados por uma vontade de justiça, de solidariedade para com os pobres e ofendidos, de denúncia de atropelos, iniquidades, arbitrariedades; enfim, de luta por um mundo melhor. Neste contexto se insere um dos poemas deste "Caderno", dedicado "À venerável memória de Romain Rolland, morto num campo de concentração alemão[20]."

[20] Ver *adiante*, p. 128.

O “Caderno” seguinte é o “BLOCO DE SKI”, objecto de produção industrial, cujas folhas foram quase todas arrancadas. Nas restantes, um único longo e belo poema, intitulado “Outono”, escrito em 1956.

O último “Caderno” é o caderno-diário, um modestíssimo “CADERNO ESCOLAR” que a minha mãe diligentemente assinou na capa, no espaço destinado ao nome do aluno. Nesse caderno, de páginas quadriculadas, há apenas sete poemas - entre eles o belíssimo *Sensação* - escritos uns em S. Cosmado, outros em Lisboa, entre 1958 e 1962.

Além dos “Cadernos”, o livro incluí ainda uma coleção de “POEMAS SOLTOS”, correspondentes a uma selecção feita a partir de manuscritos dispersos em folhas de variada índole, formato e natureza. Alguns desses poemas foram publicados. E esses são muitas vezes transcritos em *fac-simile*. São poemas que a minha mãe publicava em diversos jornais, tais como “Estrela do Minho”, “O Vilarealense”, “Flor do Tâmega”, Comércio da Póvoa de Varzim”, e que assinava sob o nome de Maria do Rosário Pombo, Maria do Rosário Silva, ou simplesmente Maria do Rosário. Jornais de província que, entre notícias da Guerra e de acontecimentos locais, pequenos artigos de opinião sobre temas do quotidiano, anúncios, apresentações de livros e uma página mensal dedicada às raparigas, davam uma especial atenção à poesia[21]. A leitura dos textos e recortes desses jornais permitiu-nos verificar que a minha mãe teve, na sua juventude, algum reconhecimento. A atesta-lo o lugar que a sua poesia ocupava nos jornais referidos e a interessante entrevista que lhe foi feita pelo “Estrela do Minho” em 1943 (tinha ela portanto 27 anos), sob o título “A história de uma costureira que escreve nos jornais” e que transcrevemos em *fac-simile.*[22]

No conjunto dos “Poemas soltos” incluímos poemas de épocas diversas, mas fomos surpreendidas pelo facto de a maioria desses poemas serem datados de 1999. Como explicar que haja tão poucos poemas anteriores a 1999 e tantos datados desse ano? Terá sido 1999 um ano de excepcional produção, ou apenas o momento em que a minha mãe reescreveu, passou a limpo, poemas antigos que, por essa razão, aparecem com a data de 1999? Inclino-me a pensar que a primeira hipótese é a acertada. Por três razões: primeiro, porque a

[21] Entre os poetas publicados contam-se José Régio e Fernando Couto.
[22] Veja-se, *atrás*, p. 14.

minha mãe era muito cuidadosa na datação dos seus escritos e não iria certamente confundir a data de produção com a data de reescrita ou transcrição; segundo, porque, com poucas excepções, os seus poemas de 1999 tem uma enorme unidade temática, todos ditados pelo sofrimento físico e psíquico que, já nessa data e depois, cada vez mais, invadiam a vida da minha mãe; em terceiro lugar, porque, em 1999, a minha mãe manteve uma relação regular com uma psiquiatra – Drª Vinagre – que lhe terá sugerido que sublimasse na escrita o seu sofrimento. Assim se explica que muitos dos poemas dessa data sejam acompanhados da menção explícita: "mostrei à Drª Vinagre". Nestas circunstâncias, pensámos que a secção dos "Poemas soltos" deveria ser divida entre POEMAS ANTERIORES A 1999 e POEMAS DE 1999. A partir de 1999, o sofrimento transformou-se em doença, fuga à realidade, abandono da consciência e finalmente silêncio. A secção dos "Poemas soltos" termina com dois únicos POEMAS POSTERIORES A 1999. Tanto quanto nos foi dado apurar, estes são os últimos poemas que a minha mãe escreveu.

Como já referido, decidimos – A Catarina e eu – incluir ainda um conjunto de ANEXOS. O primeiro reúne uma pequena selecção de "ACROSTICOS" que a minha mãe muito gostava de fazer e que ilustram bem a condição de poeta popular e repentista que, por vezes, se faz sentir na sua produção poética. Segue-se uma selecção de TEXTOS DE INTERVENÇÃO, textos sobre a condição da mulher ou sobre tópicos de significado cívico e politico, publicados nos mesmos jornais onde a minha mãe publicava os seus poemas. Desses textos, de que só agora tomamos conhecimento, selecionámos quatro: um texto intitulado "Sobre as Raparigas", um texto sobre "O Preconceito", um pequeno conto sobre a condição da mulher. O quarto texto corresponde à transcrição, em *fac-simile*, de um pequíssimo texto da autoria da minha mãe, publicado no jornal "Estrela do Minho", que tem a particularidade de ter estado na origem de uma polémica sobre o divórcio que se prolongou durante meses nas páginas desso jornal e que dá bem conta da audácia, da novidade, do escândalo mesmo, que as desafrontadas opiniões da minha mãe provocavam na pacatez do seu espaço e do seu tempo.

A polémica foi desencadeada pela publicação, na folha feminina do "Estrela do Minho" de 13 de Junho de 1943, em pleno salazarismo portanto, de uma curta mas incisiva consideração da minha mãe sobre o casamento e o divórcio. Trata-se de uma resposta a uma

pergunta do jornal intitulada "O nosso inquérito"[23]. A pergunta era: "pode dizer-nos o que pensa do casamento?" A resposta da minha mãe foi a seguinte:

> "Do casamento?... Olhe, eu nunca fui casada, mas aí vai: O casamento sem o divórcio parece-me uma barbárie das eras antigas. Com isto não quero dizer que sou de opinião que os cônjuges se separem por dá cá aquela palha... Mil vezes não! Mas quisera que pudessem separar-se aqueles que já não se amam e juntar-se os que se amam sem que nada os impedisse" (p. 2)

Nesse mesmo número do "Estrela do Minho" era publicado um texto intitulado "O Divórcio" que reforçava a tese da minha mãe. Assinado pelo jurista Dr. José Pereira Morgado, o texto explica alguns artigos da lei sobre o divórcio promulgada pela Republica, em 1910, isto é, vinte e três anos antes, e concluí que a existência jurídica do divórcio é "uma necessidade que se impõe" (p. 2). No dia 27 de Junho, sob o pseudónimo de Giesta, sai a lume um artigo de frontal condenação do divórcio, tido como "veneno" de cujos perigos é necessário precaver as raparigas. Nesse artigo, plenamente enquadrado no ambiente opressivo e reacionário circundante, Giesta, a anónima colaboradora do "Estrela do Minho", dá como exemplo dos perigos inerentes à defesa do divórcio a resposta (acima citada) de Maria do Rosário publicada no mesmo jornal uns dias antes. E, para isso, Giesta transcreve - de forma truncada – o pequeno texto de Maria do Rosário, reduzindo-o à seguinte afirmação: "O casamento sem o divórcio parece-me uma barbárie das eras antigas... Quisera que pudessem separar-se aqueles que já não se amam e juntar-se os que se amam sem que nada os impedisse" (p. 2).

No número de 4 de Julho de 1943 do mesmo jornal, o Dr. José Pereira Morgado regressa ao tema, desta vez para divergir do artigo de Giesta e defender Maria do Rosário. O seu objectivo é mostrar que a truncagem efetuada por Giesta teve por objectivo deturpar o propósito de Maria do Rosário, "espirito honesto e desassombrado, que falou com simplicidade e com sinceridade". O exame que Pereira Morgado faz do texto da Maria do Rosário e dos efeitos da truncagem efetuada pela Giesta é minucioso. Giesta teria querido insinuar que a minha

[23] O inquérito foi dirigido á minha mãe, Maria do Rosário Pombo, e à sua irmã, Esmeralda Pombo. À minha mãe foi colocada uma questão sobre o casamento e outra sobre o que pensava das "raparigas modernas" e à sua irmã, Esmeralda, uma outra questão sobre o papel da mulher na sociedade e no lar.

mãe concebia o casamento como mero "contrato celebrável e dissolúvel pelo mais banal motivo" (p. 3). Giesta não teria sido capaz de criticar o pensamento de Maria do Rosário porque, como escreve, ele é "inconceptível de crítica" (p. 3). Tê-lo-ia, isso sim, "truncado oportunisticamente [para chamar] as raparigas católicas, levantando um grito de cerrar fileiras contra o imaginário inimigo que, obstinadamente, se propunha atacar" (pp.3-4). Pereira Morgado conclui, perguntando: "Foi então de boa fé que Giesta omitiu aquele período? Não! Convinha-lhe assim, e está tudo dito." (p.4).

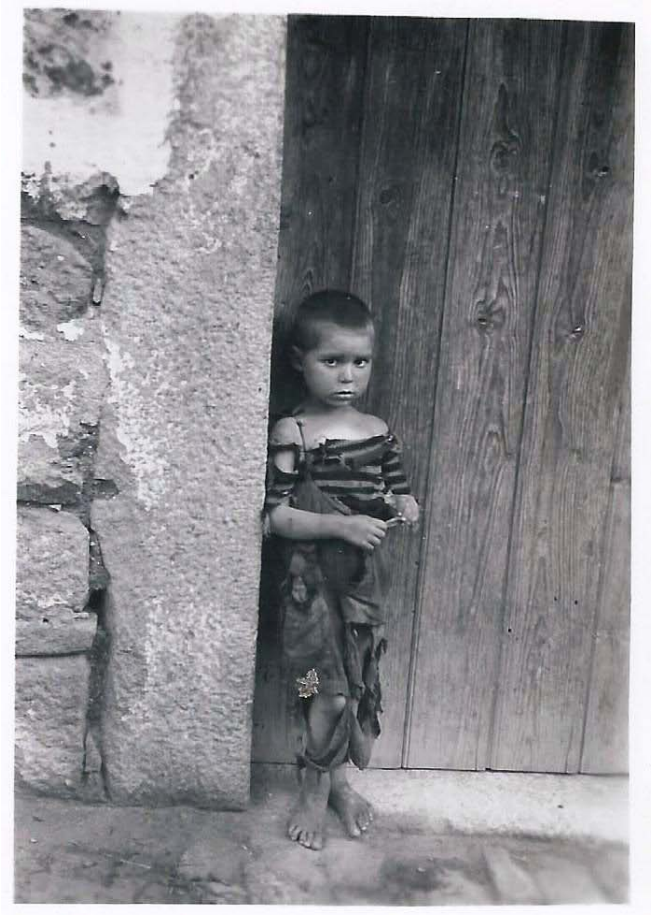
No jornal de 18 de Julho do mesmo ano, Giesta responde com veemência em nome da "moral e doutrina cristã". Reafirma a sua completa discordância com Maria do Rosário: "Quem tem 20 anos, julga-se no direito de gritar bem alto as suas audácias" (…) "É com indulgência de mãe e esposa que ouço e leio tão insensatas quimeras" (p. 1). Mais adiante, escreve: "Com a ideia de divórcio preparam-se casamentos com a mesma leviandade com que se desfazem" (p.4). E conclui: "Contar com o divórcio? Nunca. Proíbe-o a lei de Deus e isso basta". (p.1) Cerca de 4 meses depois, em 21 de Novembro de 1943, no mesmo jornal, Giesta regressa à contenda mas, agora, operando um hábil desvio na argumentação. Dirigindo-se directamente à minha mãe, cuja boa intenção e capacidade literária se vê forçada a reconhecer,[24] aconselha-a a aprofundar a leitura dos Evangelhos, a aceitar o papel da igreja católica na sociedade e a canalizar a sua vontade de um "mundo novo" para um ativismo militante no seio da Acção Católica. È neste contexto que a minha mãe, que se tinha mantido em silêncio durante toda a polémica, publica, no mesmo jornal, a 25 de Dezembro de 1943, uma resposta a Giesta intitulada justamente "Ouça Giesta". É esse texto altivo e de grande nobreza que aqui incluímos, em fac-simile[25].

É certo que outros textos, correspondentes a outras polémicas de surpreendente vigor, poderiam ter sido selecionados. Recordo, por exemplo, um poema de Oliveira Benite, publicado no "Estrela do Minho" (5 de Setembro de 1943), intitulado, "Criada de Servir". Nesse poema, Oliveira Benite acompanha a historia de uma serviçal, que, nas mil casas por que passa, quer embale "meninos cheios de

[24] Como Giesta escreve em tom de conselho: "Ouça, Maria do Rosário … os seus bons propósitos perdem-se nas exigências de uma literatura que pretende ser moderna, futurista, irreverente " (p. 3).
[25] Ver *adiante*, p 206.

rendas", faça camas, sirva à mesa, esfregue o chão ou seja violentamente possuída pelo patrão, não tem direito a ser tratada senão por um seco e invariável: "Maria". A resposta da minha mãe é um outro poema, intitulado "Maria, Maria!", no qual a denúncia dessa escravização a que as criadas de servir eram submetidas é ainda mais contundente. E, daí em diante, é com enorme frequência que, nas páginas do mesmo jornal, surgem referências à "Maria, Maria!", quer para contestar, quer para apoiar a protagonista (que, por sinal, também se chamava Maria) e o desassombro das suas posições.

A verdade porém é que, na sua diversidade, os textos que publicamos sob a designação genérica de "Textos de intervenção", mostram de que modo, desde muito nova, ainda sem ter saído da pobre aldeia do Douro em que nasceu, a minha mãe afirmava o seu espirito frontal e desempoeirado, a sua corajosa defesa da dignidade da mulher, a sua luta contra os preconceitos, a sua solidariedade activa para com os pobres e oprimidos.



Fotografia tirada pelo meu pai, João Pires Martins,
em S. Cosmado, em 1952.

Essa faceta manteve-a ela pela vida fora. A minha mãe foi uma lutadora toda a sua vida, quer durante a juventude, ainda em S. Cosmado, quer depois, já em Lisboa, casada, mãe de filhos, vivendo uma vida modesta e de muito trabalho, sempre silenciada sob os efeitos repressivos da ditadura. O seu combate continuado foi solitário, isolado, surdo. A sua luta consubstanciou-se na escrita e no gesto solidário.

Sempre a conheci a minha mãe com grande consciência cívica e empenhamento político. Sempre muito bem informada e interessada pelas notícias de Portugal e do mundo que ouvia com indignação ou alegria. Uma das imagens mais antigas que guardo dela é vê-la sentada num *maple* velhinho, à noite, num canto da sala de jantar da nossa antiga casa, na Marquês de Fronteira, a ouvir, em ondas curtas, a radio Moscovo. Tinha que ser baixinho para que os vizinhos não se apercebessem. E, por isso, ela se tinha de curvar e adoptar a posição incómoda e algo bizarra de que me recordo, para encostar o ouvido ao microfone do antigo aparelho de rádio. Depois, era eu muito pequena, sei que teve – ela e o meu pai - empenhado protagonismo durante as eleições do general Humberto Delgado, em 1958. E, mais tarde, nos anos sessenta, recordo bem como ela acompanhava com ardor a situação do país, em franca degradação, as lutas dos militantes comunistas – alguns em clandestinidade que ela e o meu pai recebiam em nossa casa – e dos estudantes de esquerda que eu e o meu irmão levávamos lá para casa. Estudantes da CPA (Comissão Pró-Associação dos estudantes do Liceu) a que pertencíamos e dos movimentos associativos universitários de Lisboa e Coimbra que então fervilhavam de actividade e que a minha mãe recebia, em nossa casa, de braços abertos, que protegia e tratava maternalmente. O Rui d' Épiney, que lhe era muito afeiçoado, costumava dizer que ela era a mãe de Gorki. Quando o meu irmão, Sérgio Pombo, montava lá em casa um arsenal para fabricação dos linóleos com que se faziam os panfletos e os cartazes para as manifestações, ela arregaçava as mangas e ajudava, até altas horas, no que podia. E quando, eu e o Sérgio, saíamos de noite para as distribuições e pinturas, podíamos contar com ela. Sabíamos que, discretamente, ela nos aprovava e apoiava. E nós lá íamos, cheios de medo mas reconfortados por sabermos que a nossa mãe estaria, ansiosa, à nossa espera, até quando preciso fosse. Para nos abraçar, agasalhar e obrigar a beber um copo de leite quente e comer um pão com manteiga.

O terceiro anexo é constituído por um conjunto de CARTAS DE LOUVOR E PROTESTO que, muito mais tarde, no verão quente de 75, a minha mãe dirigiu a diretores de jornais, como é o caso da "Carta aberta a Raul Rego", aos trabalhadores da Radio Renascença, às Forças Armadas e mesmo ao Presidente da República, General Costa Gomes, em Janeiro de 1976. Tendo pertencido – ela e o meu pai – à geração que viveu a maior parte da sua vida durante a ditadura salazarista, a revolução do 25 de Abril constituiu, para os meus pais, o acontecimento politico mais feliz das suas vidas. Nunca esquecerei o modo como o meu pai chorava ao ouvir os discursos de Vasco Gonçalves ou de Álvaro Cunhal. São mais uma vez textos de que, só agora, passados tantos anos, tomei conhecimento. Eles fazem parte dessa pequena luta, de iniciativa individual e de âmbito privado que a minha mãe levava a cabo com os poucos meios de que dispunha, mas que nunca desistiu de fazer.

O quarto anexo regista a letra da "CANÇÃO DE S. COSMADO" feita pela minha mãe na sua juventude, em data que não conseguimos determinar. Ela continua a ser, ainda hoje, o hino da aldeia, reconhecido como tal por todos os habitantes de S. Cosmado. Ela é a canção que, sempre que íamos a S. Cosmado, começávamos a cantar mal avistávamos a curva de S. Martinho. Com o coração em alvoroço, ela desenhava perante nós o perfume do que iriamos viver durante um mês de férias e para sempre recordar.

Finalmente, o quinto anexo inclui algumas imagens que evocam O FILME "A CULPA", realizado por Vitorino de Almeida, em 1980, no qual a minha mãe, com 64 anos, se dispôs, com grande desenvoltura e alegria, a desempenhar o papel de freira, juntamente com a pintora Teresa Magalhães, mãe do seu neto, Marcos Magalhães Pombo.

Resta-me acrescentar que o livro inclui ainda algumas palavras de saudade e carinho com que os seus dois outros netos, Patrícia Pombo Medeiros e Marcos Magalhães Pombo, quiseram contribuir para este gesto de celebração do centenário do nascimento da minha mãe. A capa foi feita com base num belíssimo desenho do meu irmão, Sérgio Pombo. Desenho que, só por si, diz tudo o que se pode dizer sobre a minha mãe.

***

Uma imensa mágoa me fica com a publicação deste livro. Estou certa que neste conjunto faltam alguns poemas importantes. Nas mudanças que tivemos que realizar quando a casa dos meus pais foi vendida, na transferência dos papéis da minha mãe para a minha casa, nas mudanças de casa que, eu mesma, me vi depois forçada a fazer, e ainda na transferência dos papeis, da minha casa para a da Catarina, devem ter desaparecido alguns manuscritos.

Mágoa que ganha ainda maior intensidade quando confrontada com um episódio trágico na vida artística da minha mãe e de que, aqui, dou a versão de que me recordo. Um importante conjunto de poemas seus teria sido entregue, pelo meu pai, ao Mário Cesaryni, seu amigo de tertúlia no antigo café Gelo, no Rossio. O objectivo era auscultar a opinião do já então celebrado poeta sobre os poemas da minha mãe. Mas - caso inaudito, inconcebível e inqualificável - o Mário Cesaryni teria rasgado, queimado, destruído, os manuscritos originais da minha mãe que lhe tinham sido dados a ler pelo meu pai com a justificação de que "não era possível que uma mulher portuguesa tivesse escrito aqueles poemas".

A minha mãe lamentou durante toda a vida este acontecimento que a privou de um conjunto de poemas de sua autoria que, por certo, ela mesmo tinha selecionado como os melhores, porventura aqueles que ela projectava publicar em livro, já anunciado com o título "Um Livro".[26] Este facto inclassificável marcou profundamente o seu destino de poetisa. Ela terá sentido este gesto como uma privação simbólica e uma antecipada condenação ao silêncio.

Muitos anos mais tarde, na grande exposição do Grupo 5+1 (5 pintores, Sérgio Pombo, João Hogan, Teresa Magalhães, Sam e Guilherme Parente, e 1 escultor, Vergílio Teixeira), que teve lugar na Sociedade de Belas Artes, em Lisboa, em 1976, a minha mãe encontrou o Mário Cesaryni que, nessa exposição, havia manifestado o desejo, aceite por todo o grupo, de participar com um quadro seu. Imagino que a minha mãe o terá interpelado e recordado o seu inclassificável gesto. Várias testemunhas me relataram ter visto Mário Cesaryni ajoelhar frente à minha mãe, no meio da sala. Ninguém sabe

[26] Encontramos uma referência a esse livro projetado pela minha mãe no jornal onde ela sempre publicava.

o que ele terá dito mas o seu comportamento foi eloquente. Porém, o arrependimento e o pedido de desculpa que seguramente terá então apresentado à minha mãe, não trouxe de volta os poemas que lhe destruiu, nem anulou o sentimento de privação que ela arrastou durante o resto da sua vida e que terá perturbado profundamente o seu futuro.

É pois com uma mágoa redobrada que verifico que o descaminho de que sou hoje testemunha de um número incerto de poemas do espólio da minha mãe se inscreve numa história anterior de semelhante efeito. Como se o destino da obra poética da minha mãe estivesse desde o início condenado ao desaparecimento.

O livro que agora publicamos interrompe esse movimento. Ele é o resultado, ainda que incompleto, do seu trabalho poético. Ele é também uma amostra do imenso amor que hoje, dez anos passados sobre a sua partida, não desapareceu dos nossos corações.

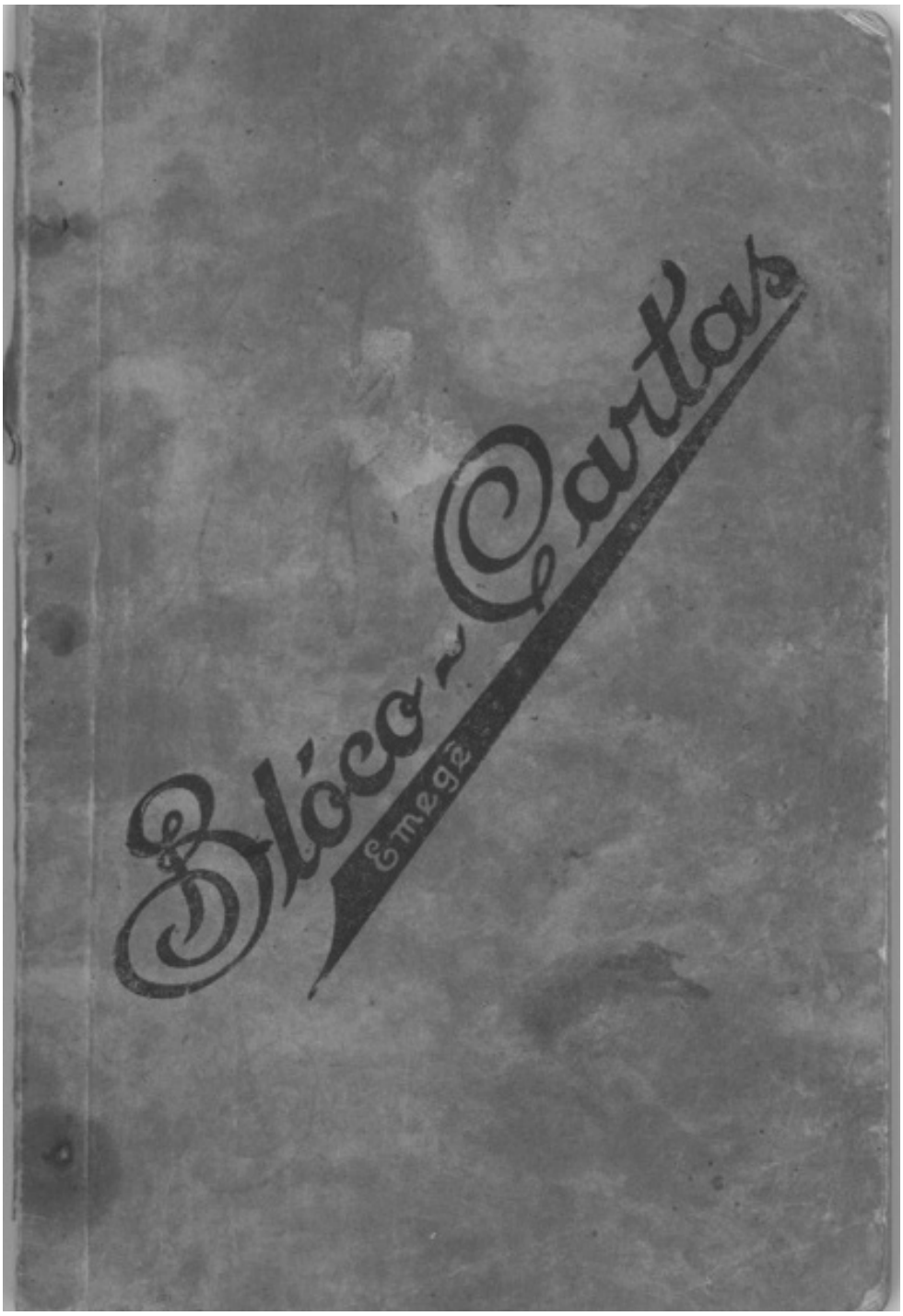
Olga Pombo
Casa do Monte, Agosto de 2016

Poemas

Maria do Rosário Pombo



Bloco de Cartas Emegé (1938-1940)



Desalento

Quando a tarde cai sombria e sossegada,
Eu fico absorta sem poder sequer pensar
Sem que d'algum modo possa explicar
Esta dor de viver sem ser amada.

Já não tenho ilusões, já estou cansada.
Bem vejo a desventura espreitar
Como uma fera, pronta a devorar
A alma que deixaste desolada.

Vivia duma esperança, mas... óh céus!...
Esfarrapou-se como o frio véu
Que o vendaval fez ecoar pelo silvado

Agora só é meu o teu nome querido
Nada o roubará ao meu sentido
Porque ele vive à minha alma bem ligado

S. Cosmado, 5-5-38

Despedida

Nem mesmo sei achar bem a diferença
Entre o que senti e o que te disse
Respondi-te ao adeus com faceirice
Pude olhar-te a sorrir com indiferença

Disseste num tom quase de sentença
Boa viagem! Mas... se alguém visse
A tristeza dos meus olhos e sentisse
A mágoa, a tortura, a onda imensa

De saudade alagando a minha alma,
Veria bem naquela falsa calma
Tal mar revolto, enorme, assustador

E tal como ele esconde no seu seio
Milhares sem fim de encantos, eu anseio
Esconder-te avaramente o meu Amor...

Caminho de Armamar a Villa-Sêca em 5-6-38

Felicidade amarga

Correi, descei, óh lágrimas queridas!
Sois afinal o meu único bem...
Por que não hei-de eu beijar-vos muito?
Quem poderá tratar-vos com desdém?

Correi, descei, óh lágrimas amadas
Muito amadas são por mim também
Aquelas horas de amarga ventura
Que passo ao teu lado... que te ouço... óh! vem.

Vem sempre que possas, meu querido amor
Prometo saber esconder sempre a dor
Que mata a minh'alma mas que é afinal

A minha única felicidade
Não posso mais, perdoa por piedade
Adoro-te, beijo-te, querido ideal

21-6-38

A neve, na minha terra[27]

Cobriu-se de branco a terra
Que imaculada brancura!
E que encanto não encerra
Esta infinita candura?

Quem emprestou à paisagem
Tal puder de sedução?
Quem foi a formosa imagem
Que, em plena escuridão,
Andou suspensa na aragem
Estendendo pelo chão
Toalhas de alvo linho

Rosas brancas às braçadas
Camadas de jaspe fino
Camadas e mais camadas!

Por sobre serras e montes
Penedos e arvoredos
O seu canto só as fontes
Conta os seus mágicos segredos

Mas o já velho pinheiro
Tem magia a derramar
Como um gigante altaneiro
Graças e graças sem par…
Vergado ao peso da dor
Vê fugir sem branco véu
E na sua triste cor
Lá fica! Apontando o céu…

De onde vem emanando
Loiro raio de sol quente
Que o lindo véu do noivado
Vai rasgando lentamente?

Choram em vão os telhados
Com saudades que reputo
De se ver amortalhados
Novamente em cor de luto

E desde o alto ao mais fundo
Tudo volta à antiga cor
Tu não mereces, ó mundo!
Tapete de tal valor

S. Cosmado, 2-1-39

[27] O *fac-simile* deste manuscrito deste soneto está publicado, atrás, p.16.

Desespero[28]

Também eu, também eu, tenho como ela
Direito de vos chamar meu, muito meu!
Embora o teu amor seja só dela
Este que eu sinto é bem maior que o seu

Quantas horas passei numa janela
A olhar a lua, até que se escondeu?
Quantas vezes à chamada de uma estrela
Teu nome evoquei, orando ao céu?

Se agora choro, e sofro, e me definho
É porque vejo todo o teu carinho
Fugir p'ra ela, alucinadamente

Mas se este amor que tanto me tortura
É nuvem no céu da tua ventura
Jamais serás feliz completamente

S. Cosmado, 22-6-38 (Publicado[29])

[28] O manuscrito deste soneto está transcrito em *fac-simile*, atrás, p. 16.
[29] Não foi possível encontrar a referência bibliográfica.

Uma carta

Pensando nela aqui vivo
Sonho contigo a escrevê-la
E comigo a recebê-la
Vê lá o que eu tenho sofrido!

Sem me sair do sentido
Sem poder nunca esquecê-la
E finalmente sem vê-la
Até hoje... que to diga

Mas... que hás-de tu escrever?
Nada tens que me dizer!
Vives feliz! Sem sentir

O fogo d'uma paixão
A queimar-te o coração!...
P'ra que havias de mentir?

S. Cosmado, 1-10-38

“Não sei que mistério existe”

Não sei que mistério existe
Nesse teu olhar profundo
Não sei porquê, vejo nele
Nova vida... lindo mundo!

Hoje, vejo que é bem certa
Esta ideia que no fundo
Me persegue e inda persiste
Em mostrar-me, que, no mundo

Há um coração de mulher
Que não pode compreender
O que é puro, bom e santo...

E desprezou teu amor
Sem notar que o teu valor
Vale mais que todo o encanto

28-8-38 (Dedicada ao Sr. José Augusto Trindade)

“Quem me dera, óh! sim, bem queria”

Quem me dera, óh! sim, bem queria
Ver de ti bem afastada
Essa tal melancolia
Que a vida te traz minada

Se em ti eu visse a alegria
A reinar despreocupada
Se esse “milagre” se fazia
E eu tivesse sido a fada!

Acredita que jamais
Eu voltaria a dar ais
E seria então também

Muito feliz, podes crer,
Pois no meu modo de ver
Só é feliz quem faz bem

S. Cosmado, 29-8-38 (Dedicado ao Sr. Trindade)

“Era uma vez um barco pequenino”

Era uma vez um barco pequenino
Sem vela, sem rumo e sem norte…
Açoitado pelo vento em rajadas
Ele lá vai… lá vai sorrindo

Todos o vêem, mas não há ninguém
Corajoso e bom que as águas corte
P’ra salvar o triste naufragado!
P’ra velar enfim p’la minha sorte

É que dentro desse barco pobrezinho,
Vai escondido, triste, num cantinho
Aquele louco coração que sendo teu

Quis ainda vir ao meu peito,
Buscar saudades minhas p’ra te levar,
E dizer-me que jamais seria meu!

5-5-38

Angústia

E vais-te embora! Meus Deus, tenho medo!
Fuzila o relâmpago, ribomba o trovão
O dia finou-se, a noite vem cedo…
Que horror, que tortura, que aflição

Bem te vejo agora entre o arvoredo
E, é de mãos postas sobre o coração,
Que peço a Deus, perdoa se excedo,
Mande um anjo bom levar-te p'la mão

Que seja o teu guia ao longo da estrada
Que te ponha a salvo desta trovoada
Que te guarde, enfim, de todo o perigo

Mais… mais do que tu, estou sozinha eu!
O meu coração ao ver-te ir, correu
E só a saudade quis ficar comigo

S. Cosmado, 22-6-38

O mais feliz!...

É aquele que não sabe compreender
A muda linguagem de um sol-pôr!
É aquele que não sabe apetecer
O desejo de amimar alguma flor

É aquele que não sabe entristecer
Na presença do mar largo, sonhador!
Que não sabe se, se sente reviver
Em amanhã, perfumada de calor

É aquele que, ao passar num cemitério,
Não se sente emocionado p'lo mistério
Que emana desse Campo de igualdade

Feliz é este, tão-somente
Que d'Amor não sentiu a garra ardente
E chorou, mas não foi de saudade!

Ao passar por Gojim, às 7h da noite, vinda do Marmelal, 23-2-40

“Há no teu olhar a cor d’um sol posto”

Há no teu olhar a cor d’um sol posto
Há na tua voz um sonoro triste
Há no teu sentir um sentir magoado
Há na tua vida um grande desgosto

Não me lembro qual dos dias de Agosto
É que têm p’ra ti recordações cruéis
Desde então viveste, como o bem o dizes,
Uns dias sem luz... um viver sem gosto...

Mas... se és um crente, se adoras a cruz
Concorda comigo em ver que Jesus
Escreve direito por linhas mui tortas

Perdeste o teu anjo, mas não desanimes
Há no mundo tantos corações sublimes
Que vivem errantes de esperanças mortas

29-8-38

Folhas mortas

Eu tenho pena das folhas, coitadinhas!
Vejo-as tão pálidas!... parecem-me doentes!
Nervosas, indecisas, transparentes
Capazes de cair, tão frágeis e velhinhas

Faz-me pena aquela luta em que as louquinhas
Se debatem, já de todo impotentes!
Não me lembro que elas são inconscientes
E tenho pena das folhas! Coitadinhas!...

Quando despegam em numerosa bandada
Levam talvez esta ambição idolatrada
De voar sempre, como as aves, penso eu

Hei-de* dizer-lhes que as aves também morrem
E que é mortal o grande mundo onde elas correm
E que, afinal, o meu amor também morreu...

Caminho de S. Cosmado a Lumiares, em 2-15-39

Fim de tarde

Já não sinto o meu pobre pensamento
Nem mesmo sei se é vida esta tortura
Já não sinto na minh'alma o sentimento
Que vóis* sentis e ao qual chamais ventura

O que penso afinal neste momento?
Que amo! Que não amo! Óh! Que loucura...
Que turbilhão de mil ideias!
Sem que uma seja menos que as outras

Se amo? Não sei. Sei só que existe alguém
De quem eu me lembro como de ninguém
E a quem vou a minha vida consagrando

Sofro se o vejo, se o não vejo choro.
Penso que o odeio. Sinto que o adoro.
E é assim que o meu calvário vou penando.

5-7-38

“Cá estou eu de novo em presença”

Cá estou eu de novo em presença
Da minha mísera e pobre papelada
Que decerto também deve estar cansada
De tanto ouvir lastimar minha descrença

Quando as tuas mãos, cheias de indiferença
Voavam como loucas, por toda esta teclada
Arrancando essa harmonia que eu via extasiada
Que fez a minha alma voar, errar, suspensa

Eu vi em ti mais que o teu ser!...
Vi qualquer coisa que me fez tremer
E, eis que faço esta pergunta de repente

Por favor, diz-me ó pobre coração
Isto será amor?... ou só admiração?
Não me respondeu o louco... Estava ausente

25-7-38

Ao mesmo

Há no teu olhar a cor d'um sol posto
Há na tua voz um sonoro triste
Há na tua vida, eu bem sei que existe
Há na tua vida um grande desgosto

Não me lembro qual dos dias de Agosto
Do ano passado, dia em que ouviste
O teu eu dizer-te: esquece, desiste
Esse coração já pertence a outro...

Que fizeste tu? Caíste vencido
E vives chorando esse bem perdido
Crente que no mundo já não há alegria!

Também como tu eu perdida a fé
Sem a qual é cruel a vida
E hoje... lá vejo um farol de guia

30-8-38

Ao mesmo (segunda resposta)

"Na minha louca esperança que morrer"
Que posso eu afinal profetizar?
Só um Deus pode, assim o creio eu,
Dar ao morto a dita ressuscitar

E mesmo as rosas, onde as tenho eu?
Da minha vida a primavera está a findar
Hoje... teria apenas só de meu
Muita ternura para desfolhar

Mas se a tua afirmação é verdadeira
Para que queres tu que eu passe a vida inteira
A desfolhar rosas sobre a tua sepultura?

Talvez um dia te ressuscitassem
E tu fosses feliz; e se mo contassem
Seria a minha eterna desventura!...

S. Cosmado, 6-9-38

“Se é que as mulheres são gente”

Se é que as mulheres são gente?
São gente são, podeis crer!
Mas... gente que infelizmente
Só sabe amar e sofrer!...

Não duvides que são gente
E gente que sabe ver
Muito embora, francamente,
Nem todas o possam ser

Mulheres... eram, bem sabeis,
As que foram nossas mães
Santas mulheres, chamo-lhes eu

E porque me lembrei dela
Paro p’ra rezar por ela
Por minha mãe que morreu.

S. Cosmado, 6-9-38

Tristes horas

Óh! Quem me dera puder
Chorar muito, óh! chorar
Sentir lágrimas correr
Como brasas a queimar

Este louco padecer
Talvez pudesse evitar
Se pudesse, quero crer,
Chorar muito, óh! chorar

Mas perdão, meus Deus, pequei
Fui fraca, desesperei
Não vi bem que esse favor

Essa dita, esse prazer
Só o podeis conceder
A quem não for pecador

3-8-38

Consolação

A minha casa é pobre, mesmo pobrezinha
Andares tem um só, o tecto é baixinho
Apenas tem um bom, um belo quintalinho
Aonde há couves, rosas e sombra à tardinha

Depois na volta, quase à noitinha
Encontrei um pobre doente e já velhinho
Sentado em umas pedras comendo um caldinho
Que lhe havia levado a minha madrinha

Depois levou-lhe pão, uma sardinha e luz
Emprestou-lhe uma manta e disse:
"Pobrezinho, desculpa ser tão fraca a cama e o caldinho

Se eu fosse rica, creia, dava-lhe melhor"
Óh! Bem haja minha santa por tanto favor
que nunca seja pobre da graça de Jesus

17-6-40

Ilusão

Não é só a solidão infelizmente
Que eu tenho por querida companheira
Antes fosse... talvez que, dessa maneira,
Eu vivesse mais feliz e mais contente

Poder sentir-me embalada docemente
Escutar nos sons da brisa ligeira
A qu'rida voz murmurando à minha beira
Orações desconhecidas, meigamente

Como que num lindo sonho de ventura
Ver nossos pensamentos à procura
Do bom Jesus que a todos talha a sorte

Bem unidos pelo mesmo ideal
P'ra lhe pedirem ventura sem igual
De os unir na sua fé até à morte

S. Cosmado, 30-9-38

O mendigo

Lá anda o pobre velhinho
De porta em porta a pedir
Quase nú e descalcinho
Mesmo assim anda a sorrir

Tenho frio... Tenho fome
Já me custa caminhar...
E continua sorrindo
É o seu modo de chorar

Dê-me por amor de Deus
Um caldinho p'ra aquecer!...
P'ra outra vez! Inda é cedo
Vá com Deus; não pode ser

Com um sorriso bondoso
Que mais parece do céu
O pobrezinho inda diz:
Fique na graça de Deus...

Óh caridade! Se existes
Se és boa, se sabes ler
Nunca digas ao velhinho
Vá com Deus não pode ser

Se nada podemos dar
Ao pobrezinho então
Peçamos-lhe que reparta
Connosco o seu negro pão

E num sorriso singelo
Pleno de resignação
O bom velhinho dirá:
O Senhor nos valerá, irmão!

S. Cosmado, 9-12-39

Cegueira

Diz-me, diz-me, óh coração
Por que é que esperas ainda?
Louco! Que sonhas em vão
Com essa ventura infinda

Porventura não vês, não?
Como a tua esperança é linda?
Que a ama com paixão
Como a tua que não finda?

Tudo ri no teu sofrer
Nem já sabes esconder
A chama que te devora

Anda... pobre ignorante!
Mesmo cego irás p'ra diante
Tu vives d'Amor!... adora...

20-10-38

Fábrica de telha e tijolos. Madeiras em bruto e aparelhadas. Esquadrias e outros materiais de construção.

FABRICA—CAMPO DA RODA *ESCRITÓRIO E DEPÓSITO*—LARGO DAS FREIRAS

CERAMICA FLAVIENSE, L.DA

TELEF. FABRICA, 59 ESCRITÓRIO E DEPÓSITO, 46.

Representante em Vila Real
Manuel Domingos Ribeiro

Completo sortido de material para instalações sanitárias. Tubagens de fibrocimento para águas, etc.

Estudantes estrangeiros em Berlim

A guerra não interrompeu o trabalho dos estudantes estrangeiros nas Universidades e outras escólas superiores alemãs. Os estrangeiros que hoje se encontram a estudar na Alemanha, também não se furtaram ao convívio e camaradagem com os seus colegas alemães. Tal como anteriormente à guerra, existe a mais profunda e estreita colaboração e entendimento entre os estudantes alemães e os seus colegas estrangeiros, tendo por única finalidade a perfeita união de toda a Juventude do Mundo. O Club Humboldt é o centro dessa apróximação entre os estrangeiros e os estudantes alemães.

Quando chegam à Alemanha estudantes estrangeiros, ha organizações encarregadas de lhes resolver os problemas de instalação, de tratar das matrículas, etc. Além disso, as mesmas organizações proporcionam-lhes a apróximação com os estudantes alemãis que falem a lingua dos recem-chegados, para que êstes lhes sirvam de guias-intérpretes. Depois, organizam-se saraus literários, concêrtos, visitas comuns a teatros e outras manifestações culturais. O Club Humboldt, onde se encontram sempre todos os estudantes estrangeiros, contribui muito para o estreitamento das relações entre êstes e os seus colegas alemãis e não é raro que essa camaradagem se transforme em forte e sincera amizade.

Os estudantes alemãis costumam convidar os seus colegas estrangeiros para reüniões, nas quais as suas relações se tornam ainda mais intimas. E' assim, que os estudantes alemãis procuram tornar o mais agradável possivel a estadia dos estrangeiros, que é uma nação jovem e impulsiva; nós, estudantes, sentimo-nos atraídos pela Alemanha».

Nota curiosa: na Inglaterra, *mutatis mutandis*, observa-se a mesma coisa.

Grandes países, que a ambição dos homens converteu em campo sangrentíssimo de lutas, cujo terminus ainda mal se prevê!

Sonho!...

Ao Ex.mo Sr. Dr. Augusto Rua
Dedica, a filha de Vitória Elisa da Silva

Sonhei um dia com um Mundo Ideal,
Um mundo cheio de alegria e côr,
Onde a Lei e a Justiça era o Amor
A' bendita Luz de uma sã Moral!...

Tôdas as almas eram de cristal,
Reflectindo graça, beleza e valor.
Reinava a bondade em vez do rancor;
Todos eram bons e tudo igual!

Amparavam-se os velhinhos com ternura,
Ensinavam-se as crianças com brandura!
Todos, à imagem das gentis violetas,

Eram modestos e bem perfumados.
Sonhei que se lia por todos os lados:—
—Este, é o Mundo onde vivem os Poetas!...

S. Cosmado, 13-1-41. MARIA DO ROSÁRIO POMBO

A ALEMANHA FALA

NOTICIÁRIO EM LÍNGUA PORTUGUESA
(Todos os dias)

Horas	Ondas Curtas	Postos
17,45 às 18,00	25,49m (11.720 kcs.) e 49,83m (6020 kcs.)	DJD e DJC
19,32 às 19,45	19,63m (15.280 kcs.)	DJQ
20,45 às 21,00	25,49m (11.720 kcs.) e 49,83m (6020 kcs.)	DJD e DJC
23,00 às 23,15	19,63m (15.280 kcs.) e 29,16m (10.290 kcs.)	DJQ e DZC
1,00 à 1,15	19,63m (15.280 kcs.) e 29,16m (10.290 kcs.)	« «

Melhoramentos para 19[illegible] no distrito de Vila Real

Pelo Fundo de Melhoramentos Rurais, vão realizar-se n[illegible]te distrito as seguintes obr[illegible] cujo plano foi aprovado p[illegible] sr. ministro das Obras Pú[illegible]cas:

Alijó, estradas: construção da de[illegible]gação de Soutelinho à nacional n.º 2[illegible] da de Balça à nacional n.º 6, empe[illegible]mento da do Cruzeiro do Carlão a S[illegible] Engénia (2.º lanço) e reparação de[illegible] minhos vicinais em Cotas; pontes: c[illegible]trução de uma em Rio Tinhela; e águ[illegible] obras de abastecimento a Vila Cha[illegible] Pegarinhos; Boticas, estradas: cons[illegible]ção do caminho vicinal de ligação [illegible] a de Boticas-Covas, empedramento [illegible] de Agundres à Asnela (1.º trôço) e [illegible] paração do caminho vicinal de S. [illegible] e Sequinhedo; águas: construção [illegible] fontenários em Vilarinho do Sêco, [illegible] dãos e Boticas; e ruas: reparação [illegible] de Eiró; Chaves, pontes: construção [illegible] uma em Rio Monce; Mondim de Ba[illegible] estradas: construção de caminhos v[illegible] nais em Ateí; Montalegre, estra[illegible] construção das municipais de Mont[illegible] gre à Assureira e Frades a Tourem e [illegible] paração do caminho vicinal de acess[illegible] ponte do Rio Cávado; Murça, estra[illegible] construção do caminho vicinal da Q[illegible] ta do Meireles a Sobredo; Pêso da [illegible] gua, estradas: construção da munici[illegible] de Santa Quitéria a Vinhós, empe[illegible] mento da de Vale a Lameiro e repa[illegible] ção do caminho vicinal de Poiares a [illegible] la Real; Ribeira de Pena, estradas: [illegible] pedramento da de Agunches à Ar[illegible] e do caminho vicinal de Terças a C[illegible] pica e reparações dos caminhos vici[illegible] de Trofa a Ruivalo; estrada naci[illegible] n.º 18 a Cabriz e estrada nacional [illegible] 10 a Escarei; e pontes: construção [illegible] uma no Ribeiro de Entrime; Sabr[illegible] estradas: construção da de entre a[illegible] cional de Tabugosa à Gouvãis do [illegible] ro e reparação da de S. Martinho [illegible] Anta a Garganta e do caminho vic[illegible] de S. Lourenço da Riba Pinhão-V[illegible] de Maçada; e águas: obras de abast[illegible] mento a S. Lourenço de Riba Pinh[illegible] Delgada; Santa Marta de Penagu[illegible] estradas: construção da municip[illegible] Mafomedes a Fornelos e das de [illegible] ção de Medrões a Loureiro e Trav[illegible] nho a Sanhoane e reparação da de [illegible] ta Marta de Penaguião a Costin[illegible] águas: construção de um fontenár[illegible] Fio; Valpaços, estradas: construção [illegible] de Vilarandelo a Bouçoais (2.º lan[illegible] da municipal de Valpaços a Franco[illegible] la Feuca de Aguiar, estradas: con[illegible] ção da de Cabanas a Vila Pou[illegible] Aguiar e empedramento da de P[illegible]

Raridade

Que m'importa a vida se a passo aqui
Sofrendo sozinha as saudades tuas?
Se ao menos eu visse as pedras das ruas
Por onde tu passas... onde eu já te vi!

Onde em dias ledos eu já me senti
De mãos meigamente afagadas p'las tuas
Passaria horas talvez menos duras
A chorar sobre elas, pensando em ti!

Mas... contra o destino nada há que fazer
Vou assim vivendo, se é que isto é viver.
Vou assim levando ao calvário a minha cruz

Até que um dia o Deus da bondade
Se compadeça de tanta saudade
E nos una as almas num beijo de luz

6-11-38

“Acorda coração, fala sem medo!”

Acorda coração, fala sem medo!
Grita bem alto tua dor imensa
Murmura talvez a luta intensa
Em que há muito te debates em segredo.

Acorda, coração, falso penedo
Ninguém acredita na tua indiferença
Traça o teu caminho! Traça-o sem detença
Aceitarei beleza ou degredo

Não negues a resposta que te peço
Tu vês bem o tormento que padeço
Tem piedade de ti mesmo, pobre amigo!

É triste este sentir embaraçado
É por Ele que tu bates apressado?
Diz-me a mim muito baixinho! Eu não lho digo

S. Cosmado, 30-10-39

“Digamo-nos adeus, serenamente”

Digamo-nos adeus, serenamente
Sem lágrimas nos olhos ou na voz
A dor não é mais forte do que nós!
Saibamos enfrentá-la heroicamente

Nós temos um destino transcendente
Mãos dadas, lado a lado, iremos sós
É o que me diz uma secreta voz
Que no silêncio grita desesperadamente

Eu sei sentir contigo, sei pensar como tu
E sei sentir o frio do pobre que anda nú
E sei sentir a fome de uma boca sem pão

Depois… havemos de encontrar-nos com facilidade
Tem tão pouca gente a “Vila Caridade”
Vamos! Levar-lhes conforto e consolação

S. Cosmado, 6-9-39

Dúvida ou certeza?

Sim, eu sinto que te amo
Mas não tanto como eu desejaria ser amada!
Ao meu querer falta ainda aquele encanto
Sem o qual toda a ternura é quase nada

Sim! eu sinto que te amo
No entanto creio, persinto que vivo enganada
Nunca senti na minh'alma o prazer santo
De pensar só em ti e em mais nada!

Eu sei que existe aquela amor que tudo abrasa
Que faz da vida uma constante primavera
E dá ao pranto o calor vivo de uma brasa

Que inunda as almas de ternura e carinho
E que nos faz apetecer: óh! Se eu pudera...
Beijar as pedras que ele pisa no caminho

Dedicado a Veiga Leitão, S. Cosmado, feito em 25-1-39, passado para o caderno em 15-5-39

Natal do nosso Amor

O nosso Amor nasceu devagarinho
Nem mesmo eu sei como apareceu!
Não sei se foste tu, ou se fui eu
O primeiro a vê-lo pequenino!

Bateu à nossa porta de mansinho
Não me recordo quem o recebeu
Entrou para o aposento que escolheu
O coração, onde ficou sozinho

Certo dia, altivo, a fronte ergueu
E eu que o julgava ainda pequenino!
Fitou-me e disse assim, meigo e baixinho:

Quero ficar eternamente aqui.
Nesse momento eu olhei para ti
E foi assim que o nosso amor cresceu

Caminho de S. Cosmado a Lumiares, 6-11-39

“Mais um ano rolou na imensidade”

Mais um ano rolou na imensidade
Do tempo que, a correr, fugindo vai
Mais um ano passou e reparei
Como está já mais perto a eternidade!

Mais um ano rolou na imensidade
E mais folha que despega e cai
Da árvore sem fim da vida que aos poucos vai
Morrendo como nós de saudade

Que linda a lua, nesta noite fria!
Com que ternura o vento assobia
E soluça ao longe no pinhal!

Há risos de fé na alma do povo
Passou um ano, mas, eis que de novo
Jesus renova seu santo Natal

S. Cosmado, 19-12-39, à meia-noite

Fantasia

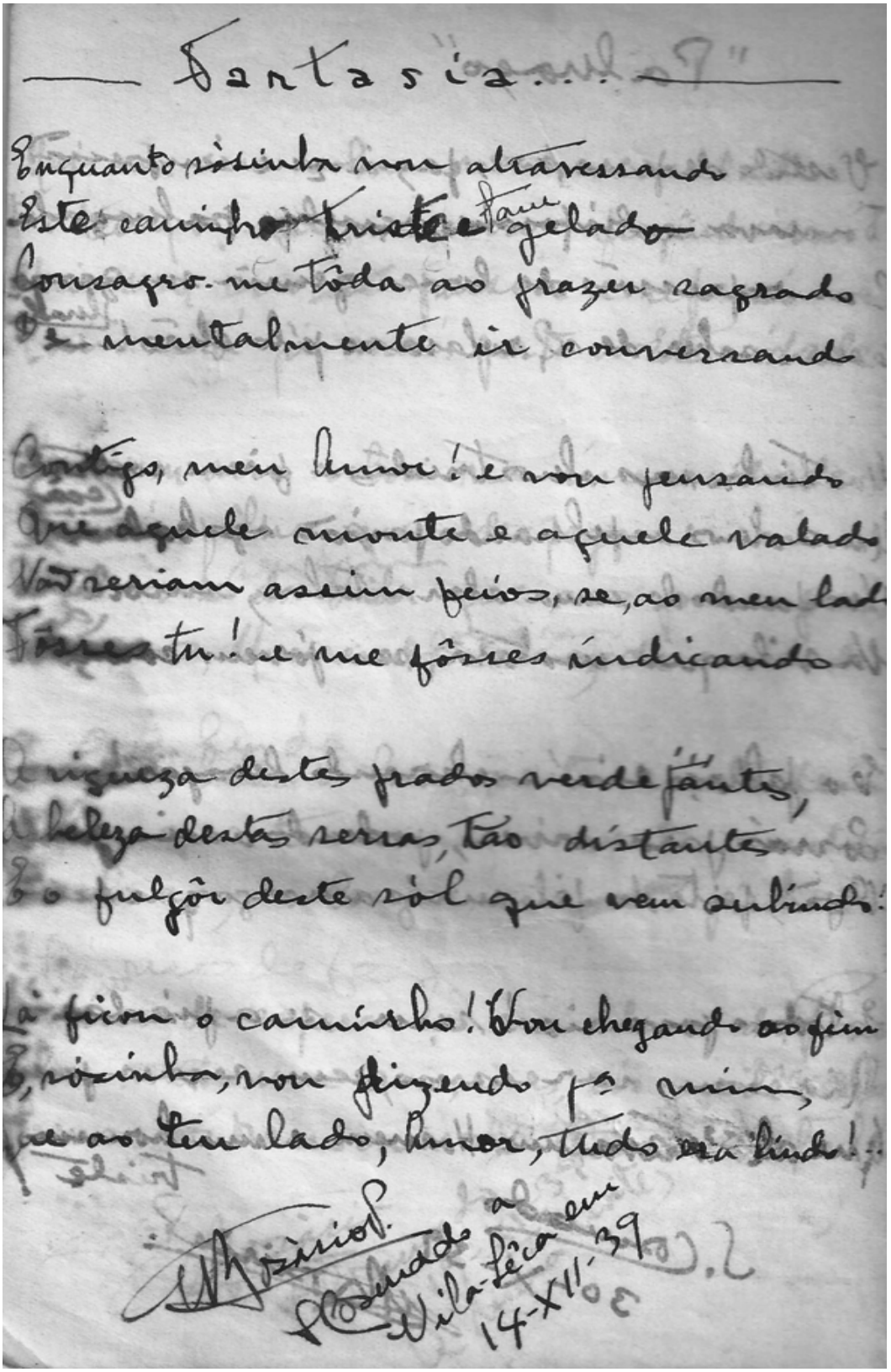
Enquanto sozinha vou atravessando
Este caminho triste e tão gelado
Consagro-me toda ao prazer gelado
De mentalmente ir conversando

Contigo, meu amor! E vou pensando
Que aquele monte e aquele valado
Não seriam assim feios, se, ao meu lado
Fosses tu! E me fosses indicando

A riqueza destes prados verdejantes
A beleza destas serras tao distantes
E o fulgor deste sol que vem subindo

Lá ficou o caminho! Vou chegando ao fim
E, sozinha, vou dizendo para mim
Que ao teu lado, amor, tudo era lindo

S. Cosmado, Vila-Sêca, em 14-12-39



Fantasia...

Enquanto rosinha vou atravessando
Este caminho triste e frio gelado
Consagro-me toda ao prazer sagrado
De mentalmente ir conversando

Contigo, meu Amor! e vou pensando
Que aquele monte e aquele valado
Não seriam assim feios, se, ao meu lado
Fôsses tu! e me fôsses indicando

A riqueza destes prados verde-gaios,
A beleza destas serras, tão distantes
O fulgôr deste sol que vem sulcando

Lá ficou o caminho! Vou chegando ao fim
Rosinha, vou fazendo pr'a mim,
Que ao teu lado, Amor, tudo é lindo!..

Rosinha
Rosendo a ela
Vila-Teca em
14-XII-39

Anoitecer

Anoiteceu. Só se vêem neste momento
Vagas sombras de luz a vaguear
Só se ouve o silêncio murmurar
Baladas que parecem sofrimento

O seu passo bem firme embora lento
Não dava ocasião de duvidar
Que faltava uma hora p'ra chegar
A sua casa sem encantamento

Serrou-se muito mais o nevoeiro
As corujas tristemente no outeiro
Gemiam tanto que causavam horror

E aquela rapariga lá seguia
Sem ver que a negra noite a envolvia
Só por ir a pensar no seu amor

23-2-40

Sonho lindo!...

Eu te bendigo, Amor, de mim desconhecido
Amor cheio de fé, Amor Santo e Sagrado
Tecido de carinho, de beijos perfumado
Que vivas na minh'alma em sombras escondido

Eu te bendigo, Amor, por mim nunca antes sentido
Que vives no meu sonho, real e acordado
Bonança sempre atenta, em mar encapelado
Amor, luz adorada! Amor apetecido!...

Eu te bendigo, Amor, eterna criança
Fantasma do meu "Eu", amanhecer de esperança
Melodia distante, aura suavidade!...

Amor que não tem nome, razão do meu viver
Amor idealizado, razão do meu sofrer
Amor! Sagrado Amor da minha Saudade!

16-8-39 (publicado em 18-2-40, dia do aniversário do Vilarealense)

“Óh noite de Novembro enregelada e muito fria”

Óh noite de Novembro, enregelada e muito fria
Vestida d’alva ceda, fulgurante
Tecida com a luz inebriante
Que a lua lá do alto irradia

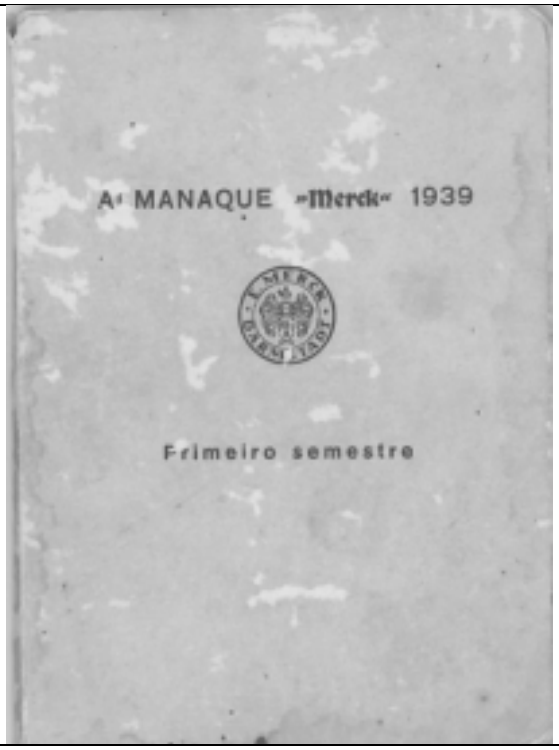
Ao longe o vento que sopra e assobia
Desfalece e geme agonizante
Aumenta em mim esta saudade crua
Por ti, óh minha vida e alegria!

O vento soluça! O luar campeia,
A minh’alma voa, busca-te e anseia
Refugiar-se em teu peito, meu amor!

Enquanto os meus olhos com carinho
No teu retrato poisam de mansinho
E o vento geme, ao longe, assustador!

25-11-39

Almanaque *Merck* 1939



Domingo 1 Janeiro 1939

Ano Bom
Leio as letras do teu nome
Na colina verdejante
Leio-as dentro de mim
Na minh'alma a todo o instante.

26-VIII-36

Segunda-feira 2 Janeiro 1939

Candeia pobre candeia
Louvo sempre a tua luz
Aos charcos da minha ladeia
Dás um brilho que seduz.

Pomada «Merck» de Efetonina, combate a coriza.

Terça-feira 3 Janeiro 1939

É hoje o meu primeiro dia
Dos meus vinte e cinco anos
Passados em companhia
De ilusões e desenganos.

16-8-940

Quarta-feira 4 Janeiro 1939

Aos meus olhos qualquer terra
Veste sempre a mesma côr*
A côr* saüdosa* e triste
Dos olhos do meu amor…

11- XII-1936

Cebion na avitaminose C latente na

Quinta-feira 5 Janeiro 1939

Não te rias dos meus versos
Humildes e pobrezinhos
Eu já vi alguém guardar
Folhas sêcas* dos raminhos.

Sexta-feira 6 Janeiro 1939

Passam horas, passam dias…
Finda um mez*, decorre um ano…
E assim vai fugindo a vida
Sempre a lidar num engano…

10-XII-940

O **Cardio-Vascular «Merck»** na fraqueza

criança e no adulto.

circulatória depois da gripe.

Sabado 7 Janeiro 1939

Tem quatro letras o nome
Que dá luz aos olhos meus
É do tamanho da vida
Em lêtras* é igual a Deus.

S. Cosmado 26-VIII-41

Domingo 8 Janeiro 1939

Quem me dera que tu fôsses*
Um pobre um cego um doente!
Só assim consentirias
Em ser meu iternamente*.

O **Vogan** revelou-se muito eficaz no tratamento das afecções catarrais das vias respiratórias da criança.

Segunda-feira 9 Janeiro 1939

Dizem que as almas são pombas
Brancas, negras, nem sei bem
A minh'alma tem apenas
As penas que as pombas têm.

Terça-feira 10 Janeiro 1939

Entre perfumes suaves
Trago o teu nome em prisão
Fechadinho a sete chaves
Dentro do meu coração.

10-XII-940

Administrado a tempo o **Ultracarbon** garante um bom prognóstico nas intoxicações agudas.

Quarta-feira 11 Janeiro 1939

Se aquilo que em mim se passa
Entrasse pelos vales
Então sim talvez chorasse
Quem me causa tantos males

(Coutim)

Quinta-feira 2 Janeiro 1939

Podes dar o teu coração
À mulher que te prendeu
Mesmo assim hás-de viver
Deste o teu, ficou-te o meu.

(Meia noite) 12-XII-941

Para a terapêutica pelo fígado e pelo ferro, o **Opotonico** eleva a percetagem da hemoglobina.

Sexta-feira 13 Janeiro 1939

Apartei-me do meu bem
Oh! Que desgosto profundo!
Senti-me assim como quem
Ficasse só neste mundo!...

9-XII-941

Sabado 14 Janeiro 1939

A quadra tem quatro versos
Que se dizem num momento
Mas quanta vez numa quadra
Se lê profundo tormento
Ou
Traduz grande sofrimento.

1-IX-39

Neobar para o exame radiológico do esófago e do tracto digestivo.

Domingo 15 Janeiro 1939

Ó candeia de nós todos!
Tu dás luz e fazes luz…
Aos charcos da minha aldeia
Dás um brilho que seduz.

6-XI-938

Segunda-feira 16 Janeiro 1939

O pensamento é uma árvore
Que se despe no Outono
Abalam as quadras soltas
Como a folha, ao abandono!

12-12-940

O **Cardio-Vascular «Merck»** na fraqueza

Sábado 21 Janeiro 1939[30]

Chorar com saudades tuas?
Nunca chorei, podes crêr*!
Eu faço apenas aquilo
Que tu me mandas fazer!…

S. Cosmado IV-IX-39

Domingo 22 Janeiro 1939

Diz que tens um outro amor
A quem queres muito! Enfim…
Descança* que muito em breve
Dirão o mesmo de mim!…

IV-IX-XXXIX

Eucodal: Sedativo e analgésico de acção rápida.

Segunda-feira 23 Janeiro 1939

Tu tens nome de baptismo
Mas que queres! Eu só me ageito*
A chamar-te meu amor!…
Deixa lá… isto foi geito*!…

VIII-IX-37

Terça-feira 24 Janeiro 1939

Eu sei meu amor que existes
Que hás-de aparecer-me um dia
Tão certo como no fim
Da noite aparece o dia[31].

III-IX-39

Opotónico, o reconstituinte comprovado em tôdas* as doenças depauperantes.

Quarta-feira 25 Janeiro 1939

Há quem te chame menino
Há quem te chame Senhoras e senhores: mas ninguém sabe chamar-te
Como eu: - ó meu Amor!…

XVI-XII-937

Quinta-feira 26 Janeiro 1939

«Livrai-nos de todo o mal»
Pedimos no «Padre nosso»
Tu és o meu mal maior
Mas viver sem ti, não posso!

XIII-XII-941

Eumenol combate a amenorreia, especialmente de origem nervosa.

[30] Aqui falta uma página deste almanaque, portanto a contagem passa directamente para o dia 21.
[31] «Tão certinho como ao fim da noite aparece o dia» era a outra hipótese que a minha avó acrescentou.

Sexta-feira 27 Janeiro 1939

'Star, Amor, ao pé de ti
É mesmo assim, tal qual
Como 'star ao sol do Inverno
- sabe bem! mas faz tão mal[32]...

8-XII-940

Sábado 28 Janeiro 1939

Eu comparo, meu Amor
A doce luz do luar
Ao teu olhar sedutor
Quando teima em me fitar!

X-XI-36

As cólicas ureterais desaparecem graças ao **Eupaco**.

Domingo 29 Janeiro 1939

«As almas nascem aos pares»
Mas... oh! triste sina minha
São sem fim os meus pesares...
Minh'alma nasceu sòzinha*!...

15-V-940

Segunda-feira 30 Janeiro 1939

Versos? se tento fazê-los
Saem-me todos iguais!...
O teu nome, saüdades*,
Lamentos e nada mais!

5-XI-937

Helminal, o bom vermífugo para crianças e adultos

Terça-feira 31 Janeiro 1939

Há um mez* durante o ano
Que pertence á mão de Deus
Nos anos da minha vida
Todos os meses são teus!...

I-XII-36

Quarta-feira 1 Fevereiro 1939

Da lua cai luz aos peixes
Sobre a terra tôda* em flor
E eu sinto na minh'alma
Do negro Inverno o rigôr*!...

14-IV-36

Hepracton o medicamento preferido na anemia de Biermer.

Quinta-feira 2 Fevereiro 1939

A vida é como o vento
Como êle* também corre.
Seja vivida ou não
Corre, corre, até que morre!...

S. Cosmado XI-X-39

Sexta-feira 3 Fevereiro 1939

Puz meu amor num barquinho
Puz o barquinho no mar
Depois, açoitei as ondas
Pró barquinho naufragar!

3-XII-940

Cardio-Vascular «Merck» na fraqueza cardíaca e circulatória, no decurso de doenças infecciosas.

[32] Inicialmente a frase era: «Sabe tão bem! mas faz mal...».

Sabado 4 Fevereiro 1939

Se soubesses, meu amor
Quanto sofre a tua querida!
Estou bem certa que os remorsos
Tiravam-te anos de vida!...

19-XII-39

Domingo 5 Fevereiro 1939

O Amor é como o Sol
Que morre sempre ao sól-pôsto*
De manhã, se não há nuvens
Acorda mais bem disposto!...

XX-XII-39

Antitiroidina Mœbius para o tratamento específico da doença de Basedow.

Segunda-feira 6 Fevereiro 1939

O passado, irmãos meus
Já não volta, não regressa...
E nós pedimos a Deus
Que o tempo passe depressa!...

XX-XII-39

Terça-feira 7 Fevereiro 1939

Às meninas dos meus olhos
Não quero mais do que a ti
Afastam-me dos escolhos,
Mas... a luz, vem-me de ti!...

XX-XII-41

Ultracarbon combate ràpidamente a flatulência e o meteorismo.

Quarta-feira 8 Fevereiro 1939

Se eu pudesse numa quadra
Traduzir meu pensamento
Talvez, meu Deus! minorasse
Este profundo tormento!...

XX-XII-39

Quinta-feira 9 Fevereiro 1939

Mesmo que Deus não tivesse
Criado um céu p'ra nos dar
Valia a pena viver
Pelo prazer de te amar.

18-IX-941

Cebion nas diáteses hemorrágicas.

Sexta-feira 10 Fevereiro 1939

Teu nome, breve oração
Que rezo sempre ao deitar!
Bendita saudação
Que invoco ao acordar!...

(0h30m da noite) 12-XII-941

Sabado 11 Fevereiro 1939

Maldigo aquele momento
Em que fitei os teus olhos
Desde então tenho vivido
Na negra; treva entre abrolhos

S. Cosmado 14-IX-36

As anemias secundárias são favoràvelmente influenciadas pelo **Hepracton**.

Domingo, 12 Fevereiro 1939

Oh! Quem me dera poder
Como as pombas ao Sól-pôr*
Dar um voo e ir pousar
Nos teus braços meu Amor!...

13-IX-940

Segunda-feira 13 Fevereiro 1939

Eu quisera – como as pombas –
À tarde quási* ao Sól-pôr*
Subir, voar... e pensar
Nos teus braços meu Amor!

13-IX-940

Luminal: Hipnótico e antipiléptico, mesmo nos casos desesperados

Sabado 18 Fevereiro 1939[33]

Altos castelos de sonho
Quem vos pudera medir
Com puros beijos d'amor
E não mais nos ver subir!...

VI-IX-39

Domingo 19 Fevereiro 1939

Esmeralda

Phanodórmio produz um sono tranqüilo* e reparador.

Segunda-feira 20 Fevereiro 1939

Olho as estrêlas* do céu
E sinto logo o desejo
De pousar, por cada uma
Nesses teus olhos um beijo.

(1h da noite) 12-12-940

Terça-feira 21 Fevereiro 1939

Queria ter muito dinheiro
Pergaminhos e brazões
P'ra contar-te, sem receio,
Minhas pobres ilusões!...

12-12-940

Eupaco: excelente efeito nos espasmos de piloro.

Quarta-feira 23 Fevereiro 1939

Faz eco, dentro de mim
O teu riso encantador
Parece dizer-me assim: -
'Stou a rir do teu Amor!...

12-12-939

Quinta-feira 23 Fevereiro 1939

Eu queria ser p'ra ti
O que o sol é para o mundo!
Tua luz e te calor
E teu mistério profundo!...

12-12-941

Stipcina, o hemostático comprovado na prática diária.

[33] Faltam as páginas correspondentes aos dias 14 a 17 de Fevereiro

Sexta-feira 24 Fevereiro 1939

8 5 3
5 3 3
2 5 3
8 5 3
5 3 0
3 5

Sábado 25 Fevereiro 1939

8 5 3
5 3 3
2 3 0
7 5 3
4 0 1
1 3
4 3

Vigantol fortifica as crianças de crescimento retardado.

Domingo 26 Fevereiro 1939

Olhei para ti
Mas… não te encontrei!
Já te tive amor
Hôje*… já não sei!…

Lamêgo* - X- IX -37

Segunda-feira 27 Fevereiro 1939

8 5 3
~~5 3 0~~
~~2 5 1~~
7 1 ~~3~~
4 3
4

Para a terapéutica* hepática por via oral em tôdas* as anemias, especialmente as hipocondras: **Opotónico**.

Terça-feira 28 Fevereiro 1939

Deixai-me ficar sozinha!
Eu vivo melhor assim.
Teu olhar, o vida minha,
Não sai de junto da mim!…

23-XI-940

Quarta-feira 1 Março 1939

Quantas vezes já senti
O desejo de chorar
Mesmo estando ao pé de ti
Sorridente, a conversar!…

27-XII-940

Cebion na paradentose, na cárie e na piorreia alveolar.

Quinta-feira 2 Março 1939

Que emporta* que as aves cantem
Tôda* a terra esteja em flôr*?
P'ra mim não há primavera
Ao longe de ti… meu Amor!…

15-IV-940

Sexta-feira 3 Março 1939[34]

Queria mesmo ser a flor
Cortada por tua mão!
Aspirada com Amor
Depois… atirada ao chão!

12-12-937

Choleval, o antiblenorrágico de acção profunda.

[34] Esta quadra foi riscada. A razão, desconheço. Mas achei a quadra tão bonita que decidi ir contra a vontade da minha avó e transcrevê-la.

Sábado 4 Março 1939

Diz-me, Amor, porque é que eu sinto
Estes perversos desejos
Quando te fito – não minto –
Q'ria cegar-te com beijos!...

12-12-940

Domingo 5 Março 1939

Nunca verás o lugar
Que ocupas no coração
De quem vive p'ra te amar!
Meus versos nunca to dirão!...

12-XII-940

Detavit, o preparado de vitaminas A + D de paladar agradável.

Segunda-feira 6 Março 1939

E os dias vão-se seguindo
E os anos vão-se passando
E a dor vai-nos consumindo
E o tempo vai-nos matando!

XI-IX-39

Terça-feira 7 Março 1939

Eu nunca desejei ser
Muito rica! Vêde* vós!
E hôje* queria poder
Comprar o mundo p'ra nós!

12-12-940

A eclampsia e os estados préeclâmpticos* são favoràvelmente* influenciados pelo **Doryl**.

Quarta-feira 8 Março 1939

Deixa-me ser os teus olhos!
Com bem pouco me contento! –
Fita-los, sem que tu vejas
Beija-los em pensamento

29-XI-940

Quinta-feira 9 Março 1939

Dos teus olhos, cintilantes
Como as estrêlas* do céu
Fez Deus dois astros errantes
Que roubam a luz aos meus!

3-XII-940

A **Efetonina** atalha os acesos de asma.

Sexta-feira 10 Março 1939

Por tanto amor que te dou
Nada quero receber
Além da extrema ventura
De te amar e poder ver!

29-XI-940

Sábado 11 Março 1939

Teus olhos são como o sol
Impossíveis de fitar.
Se alguém tenta – pobrezinha! –
Em breve fica a chorar.

27-XI-940

O **Eucodal** é muito eficaz em tôdas* as dores nevróticas.

Domingo 12 Março 1939[35]

Sincojoão

Por causa desta peça de vestuário
levei com um pedaço num prato.

Solução: Casaco-caco

Segunda-feira 13 Março 1939

Hei-de aprender a falar-te
Amor dum modo diferente
Com palavras e sorrisos
Falo eu a toda* a gente…

Maio de 1940

Opotónico, o reconstituinte comprovado em tôdas* as doenças depauperantes.

Terça-feira 14 Março 1939

É nesta cidade portuguesa
que existe uma linda
planta portuguesa.

Solução: Évora.

Quarta-feira 15 Março 1939

Nesta cidade vi um réptil.

Solução: Co|ím|bra*

O **Eumenol** produz um alívio na dismenorreia.

Quinta-feira 16 Março 1939

Oh! Meu amor diz-me aonde
É o paiz* da saudade
Quero ir nêle* habitar
Sinto-me aqui deslocada

28-XI-940

Sexta-feira 17 Março 1939

Seja de noite ou de dia
Muito longe ou muito perto
Tu és a minha alegria
Oásio* do meu deserto

28-XI-940

Betabion atenua nevralgias e ciáticas.

Sábado 18 Março 1939

Há no fundo da minh'alma
Tanto tanto amor por ti
Que às vezes chego a pensar
Que só p'ra te amar nasci!…

27-XI-940

Domingo 19 Março 1939

Ao meu Amor impossível
Hei-de chamar meu juiz
Pois é ele quem me obrigada
A viver tão infeliz.

28-XI-940

Hepracton aumenta a actividade das células hepáticas importante para o tratamento das intoxicações pelos metais pesados.

---

[35] Esta página, que inclui estas «charadas» ou «memorandos», estão assinadas por outra pessoa.

Segunda-feira 20 Março 1939

Falta-me a tua presença
Como tarda a amanhecer!
Os teus olhos são a luz
Que dão luz ao meu viver.

28-XI-940

Terça-feira 21 Março 1939

Não pode a erva rasteira
Sem a luz do sol crescer!
Minh'alma é erva que pisas
Mas dás-me luz p'ra viver.

27-XI-940

Luminaletas: sedativo e espasmolítico nos estados nervosos.

Quarta-feira 22 Março 1939

Ó mundo não me censures
Por querer ir onde não posso!
Mais alto que tudo é Deus
E é meu Pai como é vosso.

27-XI-940

Quinta-feira 23 Março 1939

Meus olhos, são para mim
O inimigo mais feroz
Não me obedecem em nada!
Dizem tudo que eu não quero!

26-XII-940

Neobar: O meio de contraste ideal para a exploração do tracto gastro-intestinal.

Sexta-feira 24 Março 1939

Quando me vires amuada
Sem nada poder dizer,
Não fales, não digas nada
Aumentas meu padecer!

28-XII-940

Sábado 25 Março 1939[36]

Phanodórmio produz um bom sono.

Domingo 26 Março 1939

Ilusão, porque não morres,
Agora, neste momento?
Enquanto viveres em mim
Não acaba o meu tormento!...

16-XI-940

Segunda-feira 27 Março 1939

Porque é que eu só penso n'ele?
E lhe quero tanto assim?...
Porque Aquele é mesmo Ele
E pensa pouco em mim...

23-XI-940

Prominal combate os estados de «petit mal».

[36] Este espaço foi deixado (deliberadamente?) em branco.

Terça-feira 28 Março 1939

Há tanto mistério! Tanto!
Nos teus olhos… meu Amor!
Ora são o meu encanto
Ora a minha maior dôr*!…

12-XII-940

Quarta-feira 29 Março 1939

Há tanta incerteza, tanta,
Numa alma enamorada
Ora é feliz e canta
Ora chora amargurada.

13-I-40

A **Stipticina** susta* ràpidamente* as hemorragias uterinas.

Quinta-feira 30 Março 1939

É tão triste o meu viver
É tão negra a minha sorte
Que chego a apetecer
O fero abraço da morte!

12-XI-940

Sexta-feira 31 Março 1939

Dizem que o Amor da terra
É mesquinho, sem valôr*
Será certo, mas, na terra
É tudo que há de maior!

7-XII-40

Como reconstituinte geral nos cardíacos o **Opotónico** revelou-se como excelente.

Sábado 1 Abril 1939

«Dia de enganos»
São assim todos os dias!
Enganos e mais enganos
Sem mesmo darmos por isso
Lá se vão passando os anos!…

1-IV-940

Domingo 2 Abril 1939

Não me encanta, ó primavera
Tôda* a tua bizarria
Não sinto na minha alma
Tua vida e alegria!…

11-IV-940

Cardio-Vascular «Merck» tónico cardíaco de eficácia comprovada.

Segunda-feira 3 Abril 1939

Fiz do peito uma gaiola
Fechei lá meu coração;
Mas… vou soltá-lo! Não posso
Ouvir tão triste canção!…

12-12-39

Terça-feira 4 Abril 1939

Pensamento, ó pensamento!
Que fazes lá por tão longe?
Anda! Volta ao teu convento!
Tu nasceste p'ra ser monge!…

5-12-940

---

1 a 1 ½ comprimido de **Efetonina** suprime a urticária.

Quarta-feira 5 Abril 1939

A saüdade* é como o Mar
Como êle* é triste e é linda
Ora calma ora a gritar
Como êle* é grande e não finda

Vila-Sêca, 14-12-39

Quinta-feira 6 Abril 1939

Saüdade* nêgra* Saudade[37]
Imortal, nunca vencida!
Sem ti, amiga cruel,
Não tinha valor a vida!

17-IV-940

Betabion para a profilaxia e terapêutica pela vitamina B1.

Sexta-feira 7 Abril 1939

Subi ao alto da serra
Só p'ra ver se se avistava
Os lados da tua terra
Com isso me contentava…

Marmelal, 17-X-39

Sábado 8 Abril 1939

A Saüdade é o dôce*-amargo
Que o mundo tem de melhor
É o suave refrigèrio*
Que a alma tem de peor*

S. Cosmado, 7-XII-39

Hepracton exerce uma acção favorável nas intoxicações pelos arsenobenzois*.

Domingo 9 Abril 1939

Ilegivel

Segunda-feira 10 Abril 1939

Há quem estando bem longe
Viva sempre a nosso lado
É que o coração tem azas*
Com que busca o ser amado!

12-2-941

Magnésio-Perhidrol combate a hiperacidez sem aumento secundário de HC1.

Terça-feira 11 Abril 1939

A vida é éco* distante,
Dum grito desesperado,
Que se perde no deserto
Dum coração torturado.

Esmeralda Pombo

Quarta-feira 12 Abril 1939

A vida é saüdade* amarga
Que se oculta na ilusão.
Viver, é pois extinguir
A vida do coração!

Esmeralda Pombo

Phanodórmio, sonorífero sem acções secundárias desagradáveis.

[37] Às vezes, a minha avó escreve «saüdade» outras «saudade». Será que se estava já a habituar à nova caligrafia? Creio que a razão para esta diferença reside quando escreve saudade em maiúscula. Aí, geralmente, ela escreve sem acento.

Quinta-feira 13 Abril 1939

Meu peito, porque não gritas
Bem alto a tua dôr*?
Talvez assim tenha penas
Quem me dá penas de Amor!...

27-XII-39

Sexta-feira 14 Abril 1939

Perguntas porque emudeço
Quando estou ao pé de ti?
Nem eu sei... não me conheço
Desde o dia em que te vi!

8-I-941

Doses profilácticas de **Vogan** aumentam a resistência da criança nas doenças infecciosas.

Sábado 15 Abril 1939

O coração não tem longes?????
- Tens assim é mesmo assim
É pois por isso que o meu
Nunca pára ao pé de mim!...

12-2-941

Domingo 16 Abril 1939[38]

Prominal o antipiléptico indicado na clínica infantil.

Segunda-feira 17 Abril 1939

Não tenhas pena de mim
Por me veres ás vezes triste!
Estou a pensar que a Saudade
É o «Bem» mais cruel que existe.

12-12-39

Terça-feira 18 Abril 1939

Castanheiros verdes tristes
Fendem o céu com seus ramos
É da tua côr* que vive
A minh'alma há muitos anos!

(Feita aos 12 anos de idade)

O **Cebion** evita e cura o escorbuto.

Quarta-feira 19 Abril 1939

Já compreendo a razão
Porque saüdades* não sinto
Levaste-me o coração!...
Nada sôfro*, crê, não minto.

12-XII-37

Quinta-feira 20 Abril 1939

Com que saudade* dou conta
Do tempo que vai passando...
Cada dia que desponta
É um ano que vai tombando!...

12-12-39

Opotónico, o tónico hemopoiético por excelência.

[38] Este espaço foi deixado em branco.

Sexta-feira 21 Abril 1939

Ó sol da minha ventura
Porque não vens aguçar-me?
- Vida na sombra é tão dura!
Nem desejas conhecer-me?

20-XII-939

Sábado 22 Abril 1939

Cantar não é traduzir
Alegria! Não senhor.
Eu cantei quando mataste
O meu sonho encantador

12-2-941

Algumas pérolas de **Efetonina** a título profiláctico evitam a constipação dos fenos.

Domingo 23 Abril 1939

Não digas, nem a brincar
Adeus a quem mais te quer
- Também eu te queria muito
E disseste: - «até mais ver»!...

12-2-941

Segunda-feira 24 Abril 1939

Deixa-las voar, deixa-las
Numa abalada de amor
Atraz* de um sonho nem outro
Que morre aumentando a dor.

12-2-941

Graças ao **Eucodal** as dores desaparecem ràpidamente*.

Terça-feira 25 Abril 1939

Tinha a alma envenenada
Quem no amor das mulher's*
Encontrou quando brincava
Mortal veneno às colher's*

12-2-941

Quarta-feira 26 Abril 1939

Dos amores que tens no peito
Deixa guardar um aqui
Quero a cinsa* dos teus versos
Os outros deixa-os p'ra ti.

12-2-941

Nas cólicas hepáticas o **Eupaco** elimina ràpidamente* o espasmo da vesícula biliar.

Quinta-feira 27 Abril 1939

Nos versos há riso e graça
E perfume, dizes bem.
Mas há mais: há desenganos
E mentira há também.

12-2-941

Sexta-feira 28 Abril 1939

Escondi-me quando passaste
Talvez com mêdo*, talvez...
Com mêdo* que tu fitasses
Meus olhos mais uma vez.

27-XI-940

Betadion nas afecções do sistema nervoso.

Sábado 29 Abril 1939

O amor é como o Sól*!
Se há nuvens, parece môrto*
Logo que estas se desfazem
Ressurge mais bem disposto…

XII-XII-39

Domingo 30 Abril 1939

Duas amêndoas doentes????
Teus olhos são quanto a mim
Mas… que horror! Quanto trabalho
P'ra chupar até ao fim!…

1-4-40

Nos estados de excitação e insónias graves: **Luminal**.

Segunda-feira 1 Maio 1939

Com beijos apaixonados
Quis fechar os olhos teus
Fechei-os, tão bem fechados
Que não mais viram os meus.

Coimbra, 25-5-942

Terça-feira 2 Maio 1939

Os comprimidos de **Magnésio-Perhidrol** combatem a dispepsia e são agradáveis de tomar.

Quarta-feira 3 Maio 1939

A tua formosa imagem
Paira em frente a meus olhos
Qual uma grata miragem
Sorrindo, por entre abrolhos

31-XII-940

Quinta-feira 4 Maio 1939

Caminha, não te demores
Um momento a escutar.
Na vida há prazeres maiores
Do que o de ver's-me*[39] chorar!

31-XII-940 (11h30 da noite)

Neobar presta-se muito bem para a replecção* total.

Sexta-feira 5 Maio 1939

«As almas nascem aos pares»
Mas… vejam, se isto é verdade,
A que nasceu quando a mim,
Ou já morreu, ou é Padre!…

1939

Sábado 6 Maio 1939[40]

O sol quando nasce é fraco
Mas ao meio-dia é forte
Meu amor nasceu já grande
Foi sempre da mesma sorte

Na constipação dos fenos **Pomada «Merck» de Efetonina**.

[39] A minha avó escreveu por cima desta palavra uma outra solução: «ouvir's-me».
[40] Este verso não tem data, só assinatura.

Domingo 7 Maio 1939

O ano velho findou
Quando o novo nasceu.
Minha alegria acabou
Quando teu riso apareceu!...
1-I-1941 (Meia-noite)

Segunda-feira 8 Maio 1939

Tenho p'ra mim que a maior
Dor que existe neste mundo
É ter um filho e morrer
Ao dar à luz o segundo!

Prominal, antiepilectico de acção duradoura.

9/10 Maio 1939[41]

Com a minha companheira
Não há tristeza sem fim...
- Eu trabalho a vida inteira
P'ra ela e p'ra mim
Seu sorriso alegre e fino
Dá-me a força dos heróis...
O meu lar é pequenino
- Cabe bem para nós dois.
Muito feliz
É o homem que tiver
A seu lado uma mulher
Que o adora e que o bem diz
Ventura infinda
Com a graça do Senhor
Seja feia ou linda
É o nosso amor.

Opotónico, o tónico hemopoiético por excelência.

11/12 Maio 1939

Sonhava eu tristonho inconsciente
Uma vida de aspereza e amargor
Quando notei estranha e bela flôr*
A olhar-me e a sorrir-me meigamente.
Vi transformar-se instantaneamente
Os seus cabelos loiros pela côr*
Em potentes cordas de estranho valor
E senti-me logo presa a ti eternamente
No puro azulino dos teus olhos
Eu vi dois céus escondidos, sem abrolhos
E senti como não sentira ainda...
Senti que um beijo pode dar-nos vida
Senti desejo de chamar-te querida
De chamar-te esposa! Idolatrada! Linda!

13-XI-39

Cebion nas hemorragias dos órgãos internos.

Sábado 13 Maio 1939[42]

Se uma lágrima me abraza
Tenho depois um sorriso...
Quando volto p'ra casa
Vejo nela um paraíso!
E lá dentro sem canseira
Há um passarinho
É a minha companheira
A cuidar do nosso ninho

Domingo 14 Maio 1939

Fôlhas* do Outono, lá vão caindo...
Anos da vida, lá vão fugindo...
Lá vão fugindo
P'ra nunca mais
Tempos felizes
Por onde andais?...

11-11-939

Choleval nas afecções inflamatórias das vias biliares.

---

[41] Esta página é um pouco estranha. 1. Pela caligrafia. 2. Como não se trata de uma quadra, está escrita por cima mesmo da divisão dos dias, característica deste Almanaque. 3. Não tem data nem assinatura.
[42] Este verso, escrito pela minha avó, está referenciado a Armando Neves.

Segunda-feira 15 Maio 1939

Meu Amor! Salta a fogueira
E anda depressa, vamos!
- A vida passa ligeira
No fundo perdem-se os anos.

2-7-941

Terça-feira 16 Maio 1939

S. João, vale-me aqui!
'Stou aflita de morte.
Há dias que o não vi
Ando sem rumo, nem norte!

3-7-941

Doryl actua imediatamente nas retenções de urina post-operatórias.

Quarta-feira 17 Maio 1939

Trago na alma um pecado.
Confesso-te S. João:
- Gosto de ti porque tens…
Um certo quê de pagão.

26- Maio 1944

Quinta-feira 18 Maio 1939

Ó noites de S. João
Com balões e ervas Santas
Arraial de tentação
Precipício que me encanta

A **Efetonina** suprime a irritação fussigénea e a dispneia na bronquite crónica.

19/20 Maio 1939

Um pai tinha 17 vacas para distribuir por três filhos.
Deu a um metade, a outro a terça parte e a outro a nona parte.
(dizer como conseguiu repartir as vacas, na certeza de que ele nem comprou nem vendeu, nem precisou partir vacas)

Solução: Pediu uma emprestada.

Eumenol eficaz na amenorreia, especialmente na de origem nervosa.

Domingo 21 Maio 1939

Um homem comprou um burro por 10$00, vendeu-o por 5$00 e não perdeu nem ganhou.
Solução:
Comprou e não o pagou; vendeu e não lhe pagaram…

Segunda-feira 22 Maio 1939

Sardinha e meia a dez reis, a como sai a dúzia?
Com um fósforo, fazer um nome de mulher. – L

Solução: «ele-vira» (Elvira!)

Eucodal, sedativo e analgésico de acção rápida.

Terça-feira 23 Maio 1939

Com seis fósforos fazer quatro triângulos iguais.

Solução:

Mexer três, para formar o primeiro triângulo; os outros três, partindo dos vértices, juntá-los ao dito.

Quarta-feira 24 Maio 1939

(rico) (mansão) (convento) (forte)

Com seis fósforos fazer um rico.

Solução: «Rico»

Os supositórios de **Eupaco** aliviam as dores das contracções e aceleram o parto.

Quinta-feira 25 Maio 1939

Com vinte "oitos", fazer mil.

Solução:

1.000

Sexta-feira 26 Maio 1939

«Enigma»

casa casa casa casa casa casa casa

«Solução»

O tratamento de depósito pelo **Hepracton**, é a terapêutica mais económica.

Sábado 27 Maio 1939

«Enigma»

Um Caminho para atravessar o Rio

«Solução»

Domingo 28 Maio 1939

(Enigma)

TARUA TARUA Palácio Real

Solução)

Rio

O **Luminal** atenua os casos de coreia, eclampsia e epilepsia.

Segunda-feira 29 Maio 1939

Um pastor dentro duma ilha tinha o seu rebanho quando deflagrou um incêndio que começava propagar-se a toda a ilha. Salvou e salvou o seu rebanho.

— Como? —

Incendiou o fogo em sentido oposto ao vento, antes que o mesmo chegasse ao ponto de partida do vento.

Ilha

Terça-feira 30 Maio 1939

(Enigma)

1 1 0 0 0 0 0 0

Solução:

Magoado

Enigma

| | | | | | |

Solução:

VINTE

Cardio-Vascular »Merck« tónico de circulação exactamente doseável.

Quarta-feira 31 Maio 1939

Um lavrador tinha um cão e a mãe do lavrador era também o pai do cão. - Complete o verdadeiro sentido da frase por meio da pontuação.

Um lavrador tinha um cão e a mãe, do lavrador era também o pai do cão.

Quinta-feira 1 Junho de 1939

Como come como como como como como come como come como como.

(completar com pontuação)

Como come? como como?! como como como!!! come como come?!! Como, como!!!!!

Vigantol desenvolve o crescimento dos ossos na criança.

Sexta-feira 2 Junho de 1939

Matar Salazar não (!) faz falta à Nação (.)

Um dum lado, outro doutro dois no meio, quantos são?

(Decifração)

1ª (121) **2ª** (Dois, porque só dois nomeámos)

Sábado 3 Junho de 1939

O que faz uma galinha debaixo das panelas da cozinha?

Solução: Namora a criada … uma galinha… um «magalinha»

Como reconstituinte geral nos cardíacos o **Opotónico** revelou-se como excelente.

Domingo 4 Junho de 1939

Dois comboios pela mesma linha férrea (dupla) com a mesma velocidade gastam um 80 minutos e outro uma hora e vinte. – Porquê a diferença?

(A solução…é sabida)

Segunda-feira 5 Junho de 1939

Sai um comboio do Porto a Lisboa a 80km à hora; sai outro ao mesmo tempo de Lisboa ao Porto a 50. No ponto onde os dois se encontram qual é que está longe de Lisboa?

Solução: (à mesma distância, visto que estão juntos)

Oral-Tetragnost para a colecistografia por via oral.

Terça-feira 6 Junho de 1939

Com as letras da palavra «prato» formar oito palavras.

Solução:
Prato, parto, porta, topar, trapo, tropa, rapto, potra (?)

Quarta-feira 7 Junho de 1939

Problema:
Em que se parece uma galinha com Cristóvam* Colombo?

Solução: A galinha põe um ovo, sentada e Colombo põe-no de pé.

Vidalon nas perturbações do desenvolvimento.

Quinta-feira 8 Junho de 1939

I

Quando embarcado parti p'ra França
Como um soldado, bravo e leal
Levei nos olhos, a luz e a esperança
Da côr* dos prados de Portugal

II

E nas trincheiras durante a guerra
Nas cartas dela podia ler
Tôda* a beleza da nossa terra
Que nunca mais pude ver

Sexta-feira 9 Junho de 1939

III

Consegui a quási* até risinho????
A vida d'aldeia a soletrar
Ver tôda* num sonho
Que não poso agora contemplar

IV

Tôda* aquela malta até dizia
Do inimigo as balas ao sentir
Que eu via, que eu via
Mais que todos êles* a dormir

O **Luminal** atenua ràpidamente* a epilepsia.

Sábado 10 Junho de 1939

V

Num dia horrível em que a batalha
Uns contra os outros nos atirou
Foi que um estilhaço entre a metralha
A luz dos olhos me arrebatou

VI

O sangue rubro vi eu sentelhas*
Brilhar em fôgo* nos olhos meus
Mas tive ainda visões vermelhas
Pedindo a graça de Deus

Domingo 11 Junho de 1939

VII

Depois disso nunca a luz do dia
Me deixou tornar a ver ninguém
Não via, não via
Nem jamais verei a minha mãe

VIII

E a partir de então por entre abrolhos
Vi mas já sem vêr*, que a vaguear
Seriam os meus olhos
Duas covas nêgras* p'ra chorar.

Phanodórmio é insípido, portanto agradável a tomar.

12/13 Junho de 1939

«Refram»*
E agora então
Nesta escuridão
Nada já p'ra mim existe
Mais que a saudade da Vida
Que foi boa e que hôje* é triste
Na miséria dolorida
Do meu sôfrer* e já sem ter razão
Numa existência perdida
Sem luz... sem lar... e sem pão!

Lumiares – 17-XI-39

Prominal combate os estados de «petit mal».

Quarta-feira 14 Junho de 1939

Sofrem muito, acredito
Os amores que estão ausentes
Mas... olhai, não se compara
A uma forte dôr* de dentes!...
11-XI-939

Quinta-feira 15 Junho de 1939

Eu não posso acreditar
Que as horas sejam iguais
Longe de ti... são sem fim!
Junto de ti... breves ais!...

18-XI-40

Cebion profilàcticamente* nos regímens* dietéticos.

Sexta-feira 16 Junho 1939

Sentir ciúmes, é como
Ter uma ferida a doer.
Ao mais leve movimento
Aumenta o nosso sôfrer*!...

Sábado 17 Junho 1939

Esses olhos que desejo
Fechar com beijos sem fim,
Andam perdidos, bem vejo,
Nunca se fitam em mim!

28-XII-940

Administrado a tempo, o **Ultracarbon** garante um bom prognóstico nas intoxicações agudas.

Domingo 18 Junho 1939

Foi uma tarde tristonha
Sob uma chuva medonha
Que fitei os olhos teus
E desde então até hôje*
'Inda que vivendo longe
Teus olhos dão luz aos meus!

14-1-936

Segunda-feira 19 Junho 1939

Se durmo, sonho contigo
Se penso, penso em ti,
E p'ra maior castigo,
Se choro, choro por ti!...

12-XII-940

A eclampsia e os estados preeclâmpticos são favoràvelmente* influenciados pelo **Doryl**.

Terça-feira 20 Junho de 1939

Não sei que mistério existe
Nesse teu olhar profundo
Mesmo a sorrir é tão triste
Como o prazer deste mundo.

31-XII-940

Quarta-feira 21 Junho de 1939

Nunca hei-de desfazê-lo
- Quero ignorar a verdade –
O meu sonho que é mais belo
Que a vossa realidade!

31-XII-940

Sedalmerck, analgésico e antipirético reconhecido.

Quinta-feira 22 Junho de 1939

Essa luz bendita! essa luz que exalas
Ó meiga lua, farol do etéreo!
Faz errar meus olhos por sombrias valas
Mostra-me ciprestes, negros cemitérios!...

Sexta-feira 23 Junho de 1939

Eu canto... nem sei se canto!...
E canto... nem sei o quê!...
Eu choro... nem sei se choro!...
E choro... nem sei porquê!...

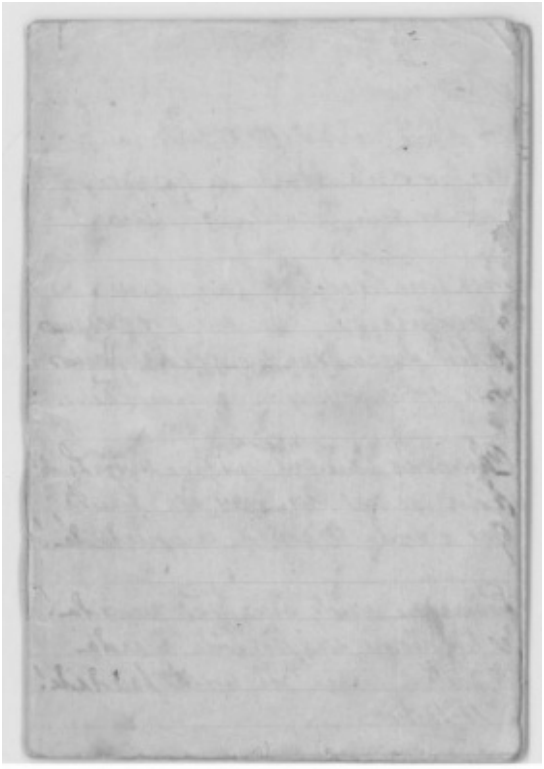
O **Eumenol** produz um alívio na dismenorreia.

Sábado 24 Junho de 1939	**Segunda-feira 26 Junho 1939**
Já tenho saüdades* tuas Que queres? a vida é assim... Eu, choro e sofro por ti E tu... nem pensas em mim 22-XII-940	Tudo ama e com prazer Todos têm horas de gôzo* Enquanto eu vivo a esconder O meu amor desditoso
Domingo 25 Junho de 1939	**Terça-feira 27 Junho de 1939**[43]
Os meus versos pobrezinhos Dou-tos agora a guardar Se os fiz, não foi por ter geito* Foi obra do teu olhar!...	Oh! se eu tivesse umas asas Voaria, já se sabe Iria ver bem se entende Quem eu tenho na vontade
Hepracton o medicamento preferido na anemia de Biermer.	Algumas pérolas de **Efetonina** a título profiláctico evitam a constipação dos fenos.

Notas	**Notas**
Por vós... Yo me rompo todo! Tango pela orquestra de Francisco Canaro??????	Por ti... eu me rasgo todo! Tradução do tango anterior[44]
Por vós, yo me rompo todo, mi china Por vós, yo me juego entero, mi vida Por vós, yo seré doctor Todo um gran senor Rico y distinguido. Por vós, y seré inventor, Sábio, y triunfador, Mago y consabido. Por vós, yo me rompo todo, mi china. Porque sos mi grande amor.	Por ti, eu me rompo todo, pequena Por ti, minha vida eu jogo, morena Por ti, eu serei doutor Serei um senhor Rico e distinguido. Por ti, eu serei ladrão, Serei um vilão, Mau e atrevido. Por ti, eu me rasgo todo, pequena (ou morena). Pois és o meu grande amor.
Yo soy como el ave que canta y no lhora, Como la calandria, igual que un zorzal Quando canto, canto. Quando rio, rio. Quando quiero, quiero, com todo el corazón. Yo soy como el ave que canta y no lhora Y busco un carino para mi passion.	Eu sou como a ave que canta e não chora, Sou como um canário, como um sabiá. Quando canto, canto, quando quero, quero, E sorrindo espero que a vida se vá. Eu sou como a ave que canta e não chora Pois o teu carinho alegria me dá.

[43] As duas página correspondente aos últimos dias de Junho estão vazias.
[44] É interessante notar que a tradução deixa de lado algumas passagens. Desconheço se por vontade do tradutor ou por simples lapso...

Caderninho (1940-1941)



À minha Mãi!...

Óh Mãi! Querida Mãi!
Inda me lembro,
Do adeus que disseste há tantos anos
Aos teus e a esta vida só de enganos
Que tão cedo trocaste pelo além!

Essa terra bendita d'onde vem
A ventura, a luz com que nos guiamos
A dôce ilusão com que conformamos
Esta dor cruel de perder-te, óh Mãi...

Choravas, bem me lembro, ó meiga santa
A dor de nos deixares era tanta
Que a vida te roubou sem piedade!

Passaram vinte anos, Mãi querida!
O teu nome será por toda a vida
O grito, a praia da nossa saudade

11-12-40

Visão de felicidade

Uma casa modesta, mas decente
Para o corpo... o sustento necessário
A virgem e jesus num santuário
Ser bom amigo para tôda a gente

Sentir teus passos e rapidamente
Voar para ti qual leve canário
Saltitante e meiga que em gorjeio vario
Canta a nossa dor tao suavemente

Sepultar no ardor dos teus afagos
Os teus desgostos, mesmo os muito vagos
Adivinhar os teus menores desejos

E, se apesar de todos os meus desvelos,
Fosse impossível bem satisfaze-los,
Dar vida à tua vida com meus beijos

5-12-40[45]

[45] Significativamente, esta era a data de aniversário do meu avô João.

Paisagem

Uma serra, outra serra, e outra mais
Uma mancha de fumo esbranquiçado
Aqui, além d'onde a onde um povoado
E a luzir como estrelas, os casais

Porque ficas de asas presas e não vais
Minh'alma percorrer de lado a lado
Este espaço infinito? Ilimitado
P'ros teus sonhos quiméricos e fatais?

Quem te cortou as asas branca pomba
E te obriga a viver sobre uma alfombra
Negra, sem luz, sem cor, que digo eu?

Nasceste para amar e ser amada
Se o não és, toda a culpa é do nada
Em que o teu pobre invólucro nasceu

12-12-40

“Ó noite de Novembro bela e fria”

Óh noite de Novembro bela e fria
Vestida d’alva ceda fulgurante
Tecida com a luz inebriante
Que a lua lá do alto irradia

Ao longe o vento sopra e assobia
Murmura e desfalece, agonizante
Mostrando à minh’alma a luz distante
Do teu olhar que as trevas alumia[46]

O vento geme e o luar campeia
Minh’alma voa, busca-te e anseia
Queimar-se nos teus beijos, meu Amor![47]

E eu fecho os meus olhos tua imagem
Peregrina, distante como a aragem,
E sonho ao som do vento assustador![48]

9-12-1940[49]

[46] Aumenta em mim esta saudade crua/ Por ti ó minha vida e alegria!
[47] Refugiar-se em teu feito, meu amor!
[48] No teu retrato poisam de mansinho/ E o vento geme, ao longe, assustador!
[49] Havia uma versão anterior, escrita a 25-11-39, no *Blóco-cartas Emegê*.

“É noite, meu Deus, é noite escura!”

É noite, meu Deus, é noite escura!
A chuva bate com fragor na estrada
E eu penso, em tristeza mergulhada,
Nos pobres, nos que vivem sem ventura

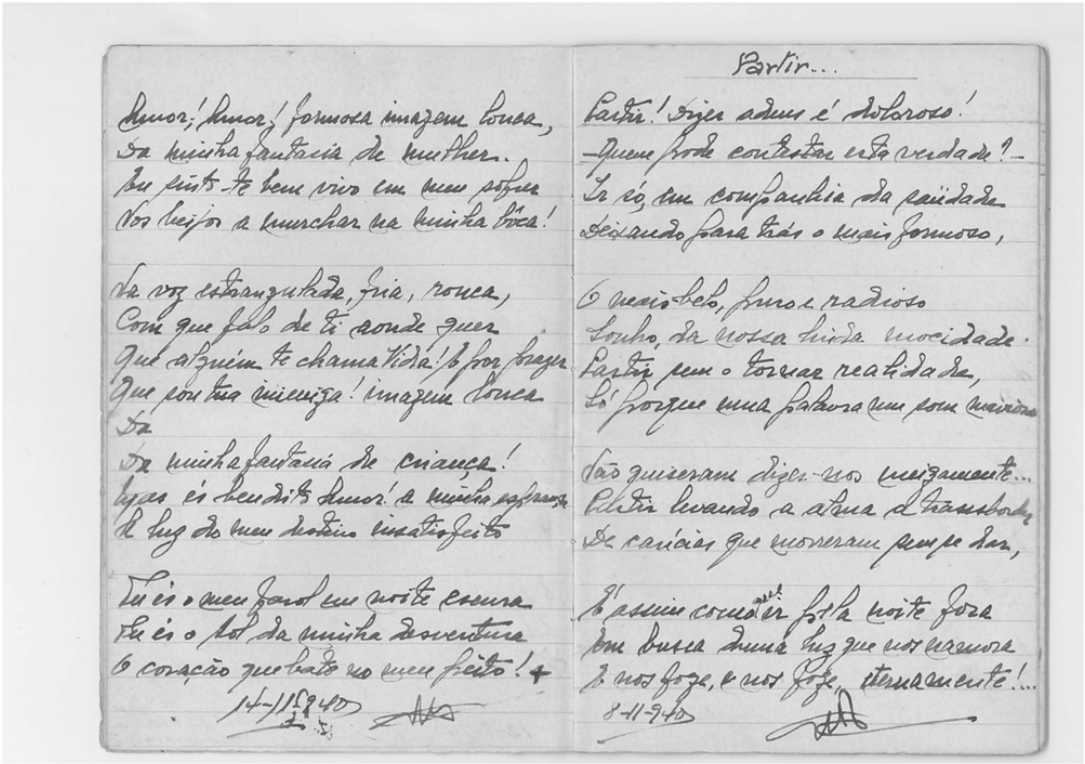
Naqueles que esta vida de amargura
Atira com a alma desolada
Através desta noite atormentada
Por lágrimas e mantos de negrura

Eu penso nos doentes, nos aflitos
Que sofrem resignados d’além gritos
Os vendavais duma negra sorte

E esperam as melhoras dia-a-dia
Em crises de tristezas e alegria
Até que chega traiçoeira a morte!

12-12-40

Dedicado ao Martinho, mandei para o *VilaRealense*



Humor! Humor! formosa imagem louca,
Da minha fantasia de mulher.
Eu quis-te bem viva em meu regaço
Dos beijos a murchar na minha boca!

Da voz estrangulada, fria, rouca,
Com que falo de ti onde quer
Que alguém te chama tida! Por graça
Que pouca piedade! imagem louca
Da
Da minha fantasia de criança!
Bem és bendita Humor! a minha esperança
A luz do meu destino imaterializado

Tu és o meu farol em noite escura
Tu és o fio da minha desventura
O coração que bate no meu peito! +

14-11-940

Partir...

Partir! Dizer adeus é doloroso!
- Quem pode contestar esta verdade? -
Se vê, em companhia da saudade
Deixando para trás o mais formoso,

O mais belo, puro e radioso
Sonho, da nossa linda mocidade.
Partir sem o tornar realidade,
Só porque uma palavra nem pomos noutros

Não quiseram dizer-nos ternamente...
Partir levando a alma dilacerada,
De raivas que morreram sempre dentro,

É assim como ir pela noite fora
Em busca duma luz que nos ilumine
E nos foge, e nos foge, eternamente!...

8-11-940

Platonismo

Bem sei, bem sei que é leviandade
Consagrar-te este afecto, este amor!
Suportar uma vida de saudade
Enquanto assim quiser nosso senhor

Não sei passar de mim esta ansiedade
De te amar, de te querer mais e melhor
Amar-te a sós por toda a eternidade
E ser para ti um anjo guardador!

Tu nunca podes ser-me indiferente
Eu amo e sinto como pouca gente,
Tu sabes ser homem como mais ninguém

Para te esquecer lutarei com alma
Mas se mesmo assim não vencer a palma
Viverei para ti, meu amargo bem!

12-12-40

A noite geme[50]

Nesta hora sombria das trindades
Nesta hora de amor, que tudo canta
Envolve as nossas almas a mais santa
Auréola de vivíssimas saudades

Vêm-se dramas nas banalidades
Tudo nos lembra, tudo nos encanta!
Até as ilusões – como me espanta! –
Tomam o aspecto de realidades

As palavras banais que se disseram
A par de afirmações que se fizeram
Combinam num quadro de maneira

Que a gente ao contemplá-lo com saudades
Nesta hora sombria das trindades
Gostaria que fosse a vida inteira!...

28-10-40

Mandei para o Magalhães no dia 6-2-41

[50] Título riscado.

“Atende coração! Por Deus escuta!”

Atende coração! Por Deus escuta!
Repara que naufragas dessa sorte
Foge depressa. É tremenda a luta
E há-de vencer só quem for mais forte

Queixas-te? Não tem tua dor conforto?
E choras? Mas ai! Ninguém vê ninguém!
Teu pranto dorido, teu sonho morto
Calma, coração! Há-de vir também

Um dia para ti cheio de sol
E então verás lá longe, o farol
Envolto agora numa nuvem negra

Coragem! Não sucumbas nesta dor
A chama que disputam com ardor,
Ficará para dar luz à tua treva.

24-12

A noite desce

Lá vem a noite, a passos de gigante

Lá vem a noite, eu vejo-a a chegar

E com ela a ventura torturante

Ou muito mais, meu Deus, de em ti pensar!

Lá vem a noite, escura, arrepiante

Sem estrelas, sem carícias de luar

Igual aquele beijo agonizante

Que morre nos meus lábios sem se dar

Igual a esta dor que me devora

Que me cansa, que me vence a toda a hora

Numa ansia de gritar, gritar, gritar!

E esta exaltação a que me entrego

É por ver que tudo em volta é negro

Como a grande escuridão do meu destino

30-10-40

Mandei ao Magalhães no dia 6-2-41

Retrato

Voava um indefeso passarinho

Por entre o arvoredo descuidado

Uns olhos lhe apareceram no caminho

E o triste ficou logo fulminado!

A muito custo, regressou ao ninho

Onde chegou louco, aniquilado

Vendo ainda esse olhar que de mansinho

O prendeu e deixou apaixonado

Mas a “ave” tinha alma, coitadinha

E lá foi muitas vezes à tardinha

Em busca do olhar que a fitou

A “serpente” impiedosa que, enfim,

Era uma alma menos má do que uma fera

Feriu a “avezinha” mas não a matou

15-10-40

“Sagrada hora do entardecer”

Sagrada hora do entardecer!

Que magia esconde o teu manto escuro?

Este fumo azul, leve, mal seguro

É manto que encobre rifas de sofrer?

Óh! Santa hora do anoitecer

Como te assemelhas ao meu sonho puro

Que há-de viver escondido – juro! –

No meu coração fraco de mulher!

Vagas luzinhas tremulando a medo

Na noite funda, plena de segredo

Fazeis-me lembrar ilusões amadas

Também como vós, viverão no escuro

Iluminando o meu destino, duro

E só pelo dia serão apagadas[51]

22-12-40

[51] A decifração desta palavra é incerta. A minha mãe acha que deveria ser “vingadas”

Aspiração

Tu queres ver, meu amor como eu queria
Que esta vida fosse para mim?
Ter simplesmente o pão de cada dia
E filhinhos sãos em redor de mim

Para vivermos? Pequena moradia
De branco caiadinha e com jardim
Modesto, pequenino, onde eu iria
Colher violetas, rosas ou jasmim

Para enfeitar a virgem do Rosário
Que estaria ali num santuário
Com José seu esposo muito amado

Ensinar nossos filhos a falar-te
E à tardinha ir com eles esperar-te
Num beijo carinho, apaixonado

8-11-40

“Uma cruz se erguia majestosa”

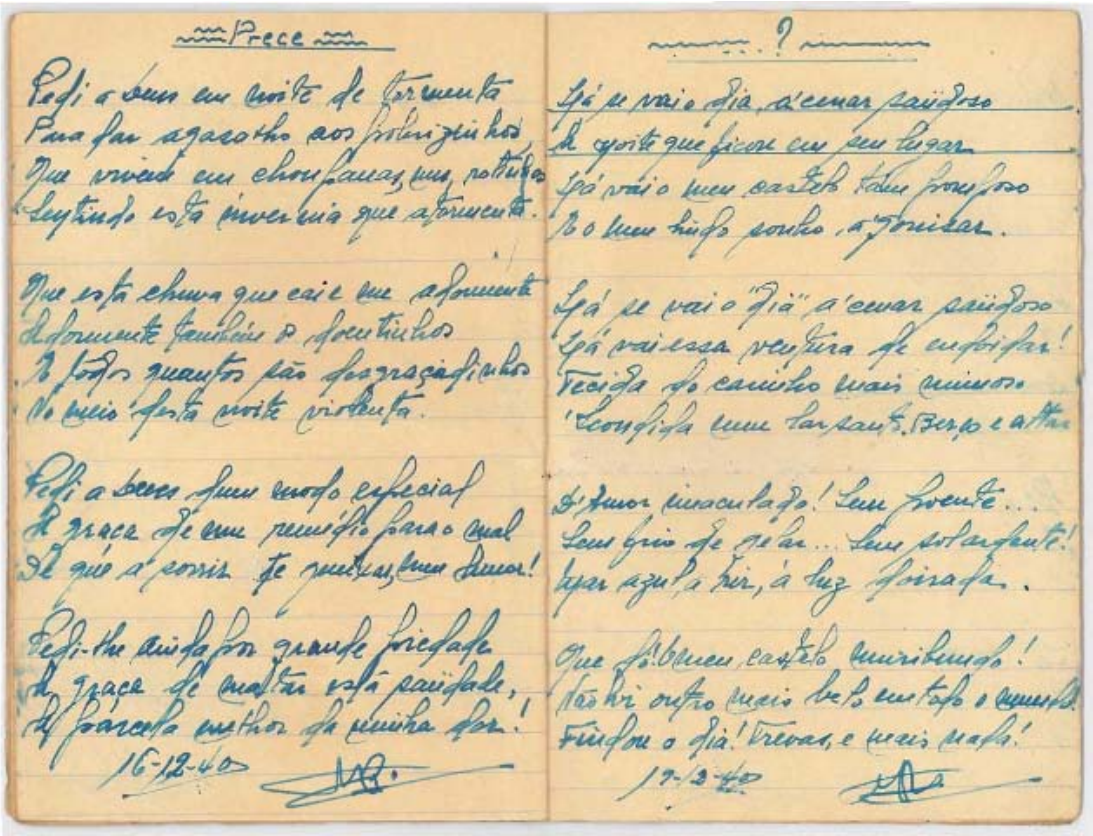
Uma cruz se erguia majestosa
Lá no alto do monte a dominar
A terra que me faz silenciosa
Dormia sob a bênção do luar

O céu estava ao longe côr-de-rosa
A cor linda do amor ao despertar
Então vinha minha alma receosa
Fugir, desaparecer, voar, voar...

E a noite caía! Branda e linda!
E a lua subia mais ainda,
Inundando de luz tudo em redor

Olhei a cruz que ali estava erguida
Senti desejo de gritar: ó vida!
És bela, muito bela. Toda amor

14-10-40



Prece

Peço a Deus em noite de tormenta
Uma flor agasalho aos passarinhos
Que vivem em choupanas, sem rebuço
Sentindo esta inverneira que atormenta.

Que esta chuva que cai e me atormenta
Adormente também os descuidados
E todos quantos são desgraçadinhos
No meio desta noite violenta.

Peço a Deus um modo especial
De graça de um remédio para o mal
De quê só sorrir de quebras, meu Senhor!

Peço-lhe ainda com grande fineza
De graça de manter esta pobreza,
De parceiro melhor da minha flor.

16-12-40

?

Já se vai o dia, a cenar pardavasco
A noite que fiscal em seu lugar
Já vai o meu castelo todo fronteiro
Pó meu lindo sonho, a fenecer.

Já se vai o "dia" a cenar pardavasco
Já vai essa ventura de enfeitar!
Fecida de caminho mais escuro
Escondida numa barranca, Berço e altar

De Amor miraculado! Seu Poente...
Seu frio de gelar... Seu sofrimento!
Lapa azul, a ferir, à luz ofuscada.

Que fé! Meu castelo encantado!
Nesta noite outro mais belo encontro e encanto
Findou o dia! Trevas, e mais nada!

17-12-40

“Óh! Pudesse eu cantar-te em versos belos”

Óh! Pudesse eu cantar-te em versos belos
Toda a grandeza do meu louco amor!
Manifestar-te a sós os meus anhelos,
A minha vida, esta enorme dor!

Falar-te da ternura, dos desvelos
Que eu queria espalhar em teu redor
Dos beijos que daria em teus cabelos
Da vida que te dava, sem favor

Mas... versos são palavras, meu amigo
E nunca tu verás no que eu te digo
O muito que te quer minha alma louca

Sem custo eu seria a vida inteira
Uma boneca má e feiticeira
Fel e doçura para a tua bôca!

14-11-40

“Findou o dia. A noite devagar”

Findou o dia. A noite devagar

Vai caindo sobre a Natureza

E eu ouço baixinho a murmurar

O teu nome, assim como quem reza!

Ao longe passa o vento a assobiar

Uma canção eivada de tristeza

E eu ouço baixinho a murmurar,

Teu nome, assim como quem reza

Mais longe é uma fonte a soluçar

Saudosa de partir e não voltar

Seguindo o seu destino de incerteza

Aqui, é uma alma infortunada

Que geme em saudade mergulhada

O teu nome, assim como quem reza!

15-11-40

Natal do nosso Amor

O nosso Amor nasceu devagarinho
Nem mesmo eu sei como apareceu!
Não sei se foste tu, ou se fui eu
Que primeiro o vimos pequenino!

Bateu à nossa porta de mansinho
- Não me recordo quem o recebeu! -
Entrou para o aposento que escolheu
O coração, e ali ficou sozinho

Certo dia, altivo, a fronte ergueu
- E eu que o julgava ainda pequeno! -
Fitou-me e disse assim, meigo e baixinho:

Quero ficar eternamente aqui
Nesse momento eu olhei para ti
E foi assim que o nosso amor cresceu!...

Caminho de S. Cosmado a Lumiares, 6-11-39

O meu deserto

rgui-me com estrelas! Eu queria

Chegar muito mais cedo que ninguém

Apertar nos meus braços esse alguém

Que de longe, radioso, me sorria

Manhã era já clara e eu lá ía

Pés nús, serras em fora, vales além

Os olhos sempre presos nesse Bem

Que fugia aos meus olhos! que fugia

Sol alto! Luz, mais luz eu abro os braços

E pronta a enlaçar-te nesses laços

Corro mais e mais, querendo-te perto!

O sol morreu. Lá vem a noite escura

Morta de cansaço, louca de amargura

Aqui fiquei, sozinha, no deserto

8-1-41

Mandei para o Martins[52]

[52] È esta a primeira vez que aparece a menção ao meu futuro pai

O mais feliz!...

É aquele que não sabe compreender
A muda linguagem de um sol pôr
É aquele que não sabe apetecer
O desejo de amimar uma flor!

É aquele que não sabe entristecer
Em frente do mar largo, sonhador!
Nem sabe se se sente reviver
Em manhã perfumada, de calor

É aquele que, ao passar p'lo cemitério
Não se sente chocado p'lo mistério
Que emana desse Campo de Igualdade

Feliz, feliz é este, tão somente
Que d'Amor não sentiu a garra ardente
E chorou, mas não foi de saudade!

23-2-40

Ao passar por Gojim, às 7 da noite, vinda do Marmelal

Natal

Mais um ano rolou na imensidade
Do tempo que, a correr, fugindo vai
Mais um ano passou e reparai
Como está já mais perto a eternidade!

Mais um ano rolou na imensidade
Mais uma folha que despega e cai
Da velha árvore que aos poucos vai
Morrendo, como nós de saudade!

Que linda a lua, nesta noite fria!
Com que ternura o vento assobia
E soluça ao longe no pinhal!

Há risos de fé na alma do povo
Tombou um ano, mas, eis que de novo
Jesus renova seu santo natal

S. Cosmado, 19-12-39 à meia-noite

O mendigo

Lá anda o pobre velhinho
De porta em porta a pedir
Quase nú e descalcinho
Mesmo assim anda a sorrir

Tenho frio... tenho fome
Já me custa caminhar...
E continua sorrindo
É o seu modo de chorar

Dê-me por amor de Deus
um caldinho p'ra aquecer!...
P'ra outra vez! Inda é cedo
Vá com Deus; não pode ser

E num sorriso bondoso
Que mais parece do céu
O pobrezinho inda diz:
- Fique na graça de Deus...

Ó caridade! Se existes
Se és boa, se sabes ler
Nunca digas ao velhinho
- Vá com Deus não pode ser

Se nada podemos dar
Ao pobrezinho então
Peçamos-lhe que reparta
Connosco o seu negro pão

E num sorriso singelo
Pleno de resignação
O bom velhinho diria:
- O senhor nos valha, irmão!

S. Cosmado, 9-12-39, publicado no Vila Realense

Cruzeiro!

Cruz de Cristo, cruz bendinta
Cruz dos castelos guerreiros!
Faixas de luz infinita
Guia e fé dos marinheiros!

Cruz de Cristo, cruz bendita!
Cruz do mar dos outeiros
Nosso amparo e nossa dita
Nos monumentos derradeiros!...

O luzir das caravelas
Nas ermidinhas singelas
Ou voando pelo ar

Tu és sempre, ó sacra cruz
O leito onde Jesus
Quis morrer p'ra nos salvar

9-2-941

Tempestade!!...

Ouves o vento, meu amor? Parece
Um louco desgraçado a gemer
Em crises de paixão, atroz sofrer
Que as almas desgraçadas enlouquece

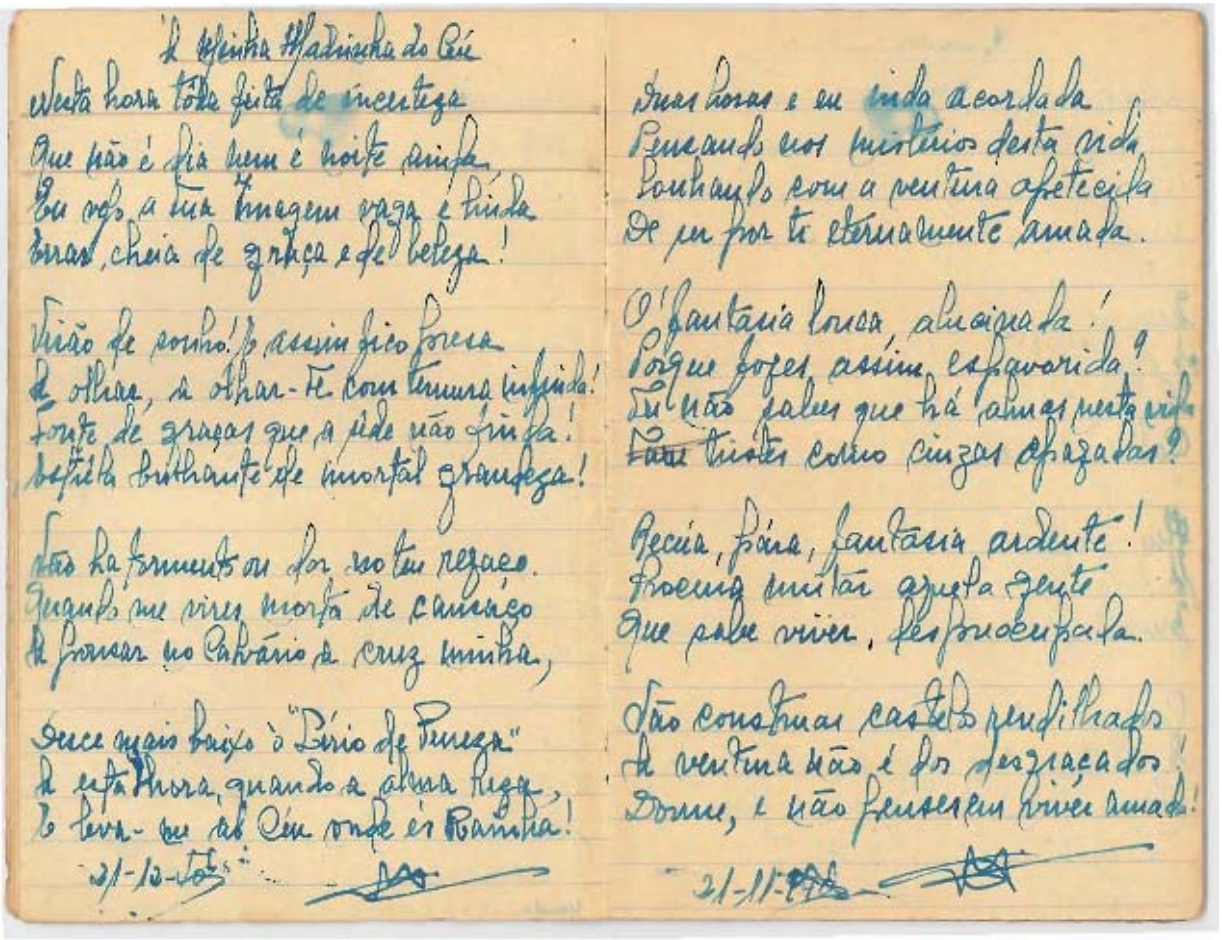
Decerto é assim a derradeira prece
Dum condenado quando vai morrer
E assim desesperado o padecer
Do coração ardente que se oferece

Que se oferece inteiro confiado
Dos sonhos cor-de-rosa envenenado
Que se chama amor, paixão, tormento

Óh! Como é parecida esta noite horrível
De tempestade fera invencível
Que grita[53] no meu peito como o vento

15-2-41, noite de temporal

[53] A minha avó aqui hesitou e escreveu também "ruge"



A minha Madrinha do Céu

Nesta hora toda feita de incerteza
Que não é dia nem é noite ainda
Eu vejo a tua imagem vaga e linda
Irmã, cheia de graça e de beleza!

Visão de sonho! Assim fico a pensar
De olhar-te, a olhar-te com ternura infinda!
Fonte de graças que a sede não finda!
Estrela brilhante de imortal grandeza!

Não há tormento ou dor no teu regaço.
Quando me vires morta de cansaço
De penar no Calvário da cruz minha,

Desce mais baixo o "Véu de Pureza"
E nesta hora, quando a alma reza,
Leva-me ao Céu onde tu estás!

21-12-[illegible]

Irmã Lorna e eu ainda acordada
Pensando nos mistérios desta vida
Lembrando com a ternura afetuosa
De ver-te eternamente amada.

O fantasia louca, alucinada!
Porque foges assim, espavorida?
Eu não falei que há almas penadas
Que vivem como cinzas apagadas?

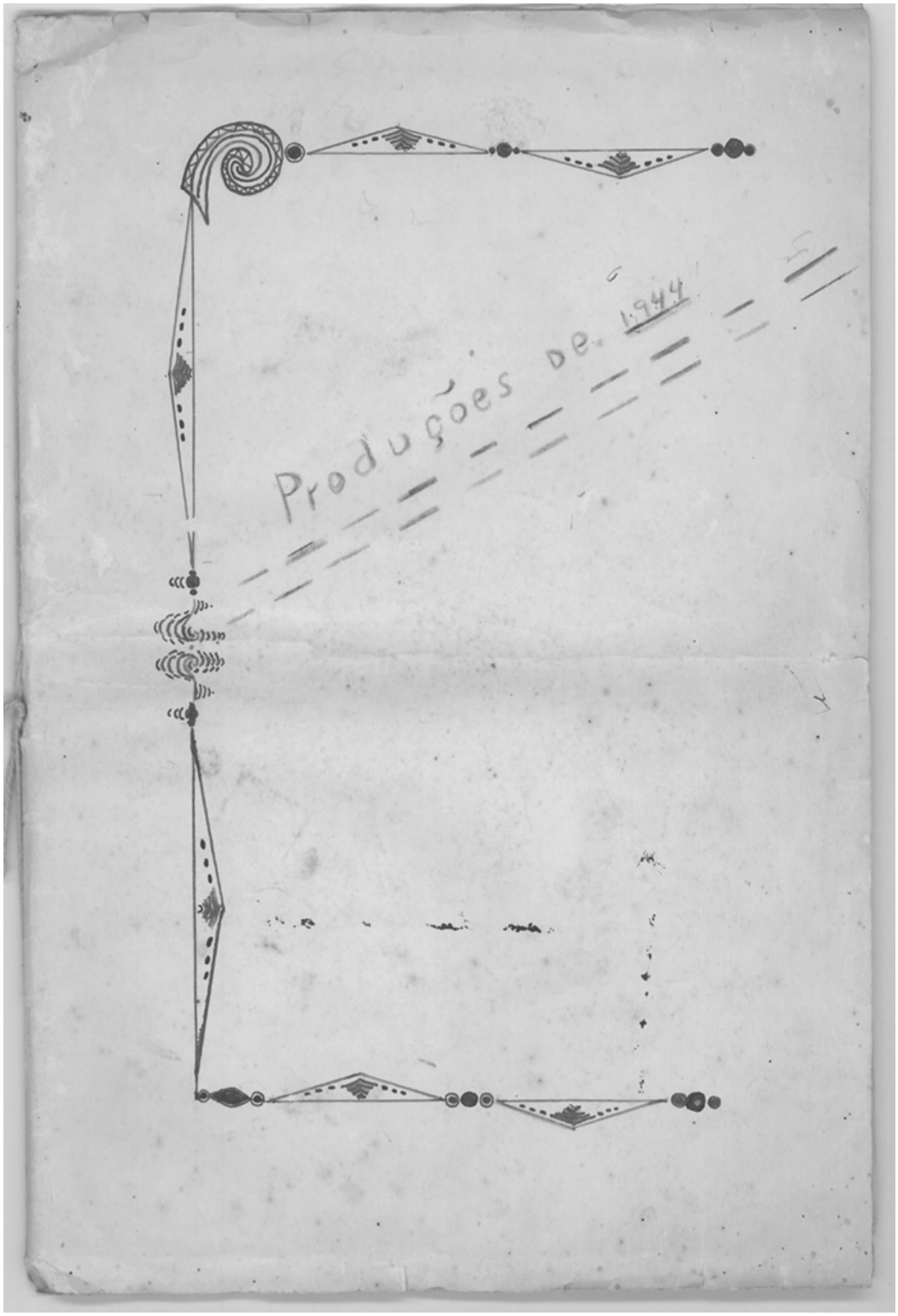
Recua, pára, fantasia ardente!
Procura imitar aquela gente
Que pode viver, despreocupada.

Não constroem castelos pendilhados
A ventura não é dos desgraçados!
Dorme, e não penses em viver amada!

21-11-[illegible]



Produções de 1944



A minha canção

Os que cantaram antes de nós
Cantaram, o murmurar da fonte,
O chilrear das árvores
o marulhar do rio
a candura da flor
o roçagar da brisa
o sussurrar do Mar.

Nós,
Os que cantamos agora,
Só nos resta cantar
- cantar até à morte –
a menina que, descalça vai à fonte.
O rapaz, sem aula nem emprego
Que à fisgada mata as avezinhas
Os pés gretados dos homens fortes só de água
que trabalham e morrem de fome no rio.
Das flôres caras que pertencem àqueles que tudo têm
O vendaval que leva o teto da choupana do vizinho.
Os pés curtidos dos irmãos das ondas traiçoeiras.

Nós,
Os que cantamos agora
Devemos
Cantar, cantar até morrer
A nossa canção diferente
- aquilo que os outros não cantaram!
Para que a vida seja
Para todos
Mais bela do que a cantaram
Os Poetas que cantaram antes de nós

3-1-944

Pátria – Mãi!

Mas que Mãi, ó Pátria!
Mas que mãi és tu!
Como podes, diz-me,
Consentir se és Mãi
Que este filho ande
Rôto, quase nú
A morrer de fome,
Pôdre de tumores?

Como podes, diz-me
Se em verdade és Mãi
Consentir que êste ande
A pedir o pão
Entre mil horrores
Tormentos sem nome?
Descarnado, negro
Negro como o chão
Que os seus pés meninos
Pisam a tremer?

Como
Tu que tens um outro
Filho teu também
(se és de todo Mãi...)
que não sai à rua
quando o frio gela
apesar de ter
fofos agasalhos
de fazenda bela!
(que maldada a tua!)

como podes Pátria,
viver sossegada?
Êste nunca soube
O que era fome.
Sempre teve doces
Ânimos e limpeza
Quarto de brinquedos
Criadas, riquezas
Luxo, mil folgados
Tudo quanto quiz
Mais do que o preciso
Para ser feliz.

Êste assim, e o outro...
Lá vai sem camisa
Pelo Mundo além!
E esta dor não fere
O teu coração
De "bondosa" Mãi!?
Ai Pátria! Os teus filhos...
Tão inconscientes!
Tão inconscientes
Como nunca vi!...
Quanto mais lhes bates
... mais gostam de ti!...

14-1-944

Canção da Mãi solteira

Ó meu filho, meu filho! Adormece.
Maldita fome, deixa-me dormir
Senão a minha alma desfalece
Não posso, não consigo resistir

Porque não tenho o pão que te apetece
E tenho vida p'ra poder sentir
Esta existência atroz que me enlouquece
Enquanto outros vivem a sorrir?

Porque não morro eu de desespero
Se o Mundo não me dá o que tanto quero
E me deu êste filho estremecido?

Porque não me mataram ao nascer
Se eu não tinha o direito de viver
De criar o meu filho enternecido?

24-1-944

Tempestade

O vento de todos fustiga as romarias
Mas do pobre os ramos o vento não fustiga.
A chuva alaga as serras e os vales
Mas o pobre não tem casas sujeitas ao trovão.
O relâmpago atravessa os vidros da janela
Mas o pobre não tem vidros por onde passe a luz

A tempestade respeita os bens do pobre
Só o ataca a impiedosa em seu mísero corpo
E não toca o corpo lesto do dono dos ramos
Das serras, dos vales e das casas com janelas.
Entretanto
O vento leste vai fustigando tudo
P'ra frente! Sempre p'ra frente!

18-10-43

Canção da Terra

Eu quero ser, eu quero ser
Mais do homem que me alisa
Que daquele que me pisa

Eu quero dar, eu quero dar
Quanto sou e quanto valho
Aos Homens p'lo seu trabalho

Eu quero ser, eu quero ser
Paraízo apetecido
P'ro herói e p'ro vencido

Eu quero ver, eu quero ver
Satisfeita a Humanidade
P'ra'cabar a iniquidade

Mas, aquele, aquele que pisou
Com rigores de patrão
Não me deixa viver lisa
Como era de razão.

Sou muito forte! Dum sôpro
Faço estoirar um vulcão
Hei-de fazer respeitar
A minha nobre canção

No meu constante rodar
Hei-de afirmar ao patrão
Que só do que me alizar
Darei agasalhos e pão

Quero ser Terra de todos
De todos sem excepção
Que que ninguém me pise
Com rigores de patrão.
Quero que todos me abracem
Com Amor e gratidão

Que todos todos os Homens
Em perfeita comunhão
Me chamem Terra Bendita
Terra Mãi da Promissão!

28-1-944

“Nasceram duas almas e andaram”

Nasceram duas almas e andaram
caminhos paralelos vida fora
e já desesperavam quando a hora
surgiu radiosa e ambas se encontraram

tão deslumbradas as almas se ficaram
tão novo lhes parecia tudo agora
que, muito a mêdo, como quem adora
se viram, se entenderam, se abraçaram

que seja o vosso abraço um elo forte
e o sorrir vos leve até à morte
que ambos já velhinhos bendireis

é o que eu vos desejo: só venturas
a vida cheia de alegrias puras,
na Terra o Céu que ambas mereceis.

31-1-944

Na casa das “fidalgas” do lugar

Na casa das “fidalgas” do lugar
Entrou – já digo o quê – certa velhinha
Tremia enregelada, coitadinha
E a um Janeiro frio de matar

O seu bom neto andava em militar
E mandara, lá de longe, essa cartinha
Que a “fidalga” com a sua mão sequinha
Estendia para ela decifrar

Que estava com saúde e não esquecia
Aquela a quem no mundo mais devia
Mas não tinha p’ra mandar um tostão só

Nesta vida – que vida! – ouço dizer:
- deveria amar a Pátria até morrer!
Aprendi a mentir, sossega, avó.

29-1-943

Não creias

Amigo!
Não creias de pronto nos homens que te dizem
que alem
atrás daquela serra
está uma fera pronta a devorar-te.

Não creias!
Não creias somente porque to dizem
Vai ver.
Anda!
Vai até lá.
É longe?
O caminho é mau?...
Que importa?
No fim terás a certeza que buscavas
- saberás o que está
p'ra além daquela serra...

feito em 14-9-43

Ventos

Ai vento agreste da serra
Ai vento brando do mar!
Um, beijando as formas da menina loira
Deitada de borco na areia
Outro, fustigando as formas da pastorinha trigueira.

Ai vento brando da serra
Ai vento agreste do mar!
Um, estoirando barcos destroçando esperanças fabricando lutos
Outro... refrescando as loiras deitadas costas no pinhal
A ler um livro azul.

Ai vento vento
Agreste e brando
Como és diferente
Como és diferente!...

1943

Malditos

E vieram automóveis grandes e pequenos
De 2 lugares, de 20, de 40
E encheram as cidades grandes e pequenas.
E passaram automóveis grandes e pequenos
A correr a correr
Pelas estradas largas e estreitas.
E continuaram a pé de enxada ao ombro
Os homens mal tratados
E continuaram a pé de feixes á cabeça
As mulheres miseráveis.
E os feixes pesados esmagavam as mulheres.
E o pensamento e a vontade
Continuavam esmagados
Pelo peso dos feixes e enxadas.
E os automóveis corriam, corriam
Esmagando os homens e as Mulheres
Esmagados, construindo automóveis,
Manejando enxadas,
Transportando pesados feixes.
Malditos automóveis que correm que correm
Que esmagam que esmagam
E não ficam. E não são...
E não são das mãos que os trouxeram
a sorrir.

15-3-944

Venham!

Venham os mundos de todos os Mundos
Baixar a cabeça dizendo que sim
Juntem-se todos os mundos da Terra.
Os mundos que não sabem falar
E os que não querem falar
E ainda os que têm medo de falar
Venham todos e não digam nada
Mostrem apenas a sua fome
Nos ossos
Mal cobertos
P'la pele pergaminhada do seu corpo
Semi-nú
De titãs!

Juntem-se os mundos de todos os Mundos
E não digam nada
Tirem um seixo debaixo dos pés
E voem mil seixos num golpe certeiro
A derrubar o esteio
Que vos obriga a ser mundos
E corpos cansados de fome e trabalho.

26-2-44

Ai tudo tão branco, ai tudo tão lindo!

A neve caíu em louco borborinho
E tudo ficou igualmente branquinho
Com neve lá fora que bom estar na cama até ao meio-dia
Até que a criada nos venha dizer
Baixinho a sorrir:
Já vou pôr na mesa a sopa quentinha
Caiu a neve e tudo ficou branco e tudo ficou igual...

Na venda do Lopes a meio da aldeia
Juntaram-se os homens vendidos à terra
Ouvir o coral dos filhos famintos
É coisa penosa ao pai cavador
Só Mãis a cantar
Que sabem cantar até adormecer
Anda lá ó Lopes
Bota lá um quartinho
Eu estou meio doido
É p'ra esquecer
Nem me digas nada
Três dias sem jorna
Nem me digas nada
Não digas eu pago
Anda! Empresta as cartas
Vamos jogar
Viva a bebedeira
Quem fala em juízo?
Só precisa dele o nosso patrão
Nós, cá por mim rapazes
Quando me lembro
Antes queria ser doido de todo
Talvez dessa maneira eu não visse a neve negra!...

A neve caiu em louco borborinho
E tudo ficou igualmente branquinho

28-2-44

Enquanto a chuva cai

Foi a chuva de todos ao cair
Que fertilizou a Terra dos homens.

Foram os braços de tantos ao sangrar
Que cuidaram a ceara loira
De alguns homens.

Por isso a chuva ao cair
Encontrou
Choupanas que a acolheram
Corpos nús para beijar
Trapos para encharcar
Telhados para lavar
Janelas p'ra se encostar
E senhores por dentro delas
P'ra divertir
P'ra deliciar

- porque a chuva de todos ao cair
fertiliza a Terra de Todos os Homens
- a terra de onde brotam
as loiras cearas dos donos de muitos homens
que não têm choupanas rôtas
p'ra colher a chuva Amiga!...

s/d

À venerável memória de Romain Rolland, (morto num campo de concentração alemão)

Derrubaram-no!
Derrubaram o farol alto e potente
Que iluminava
Os náufragos de todos os mares.
Foi o vento traiçoeiro...

Foi o vento desesperado.
Oh! Venham os náufragos de todos os mares
Apanhar os estilhaços
Fazer deles amuletos
E vamos de novo p'ro mar
Vamos!
A luz vai connosco
Bem viva no estelhaço
Que beijaremos com fé no meio da procela.

Derrubaram o Farol!
Venham os náufragos de todos os mares
Soprar ao nevoeiro
Para que o barco possa
Chegar ileso
Ao ponto de Salvação!

21- 10- 943

Manhã de primavera

Acordei contente.
Choveu muito de noite
e eu
sonhei, p'la madrugada
que havia muito pão! - Que todos tinham pão.

Acordei contente.
A chuva, tao precisa e desejada
caiu enfim.
A terra ressequida
Bebeu, bebeu, sofregamente
E prodigamente criou
pão, muito pão!

Acordei contente.
P'la madrugada
sonhei que
enfim
os homens se irmanaram
e comeram como irmãos
o farto pão que a terra dera!
Porque choveu muito de noite.

Sonhei assim
O belo sonho de tantos
E acordei contente

7 horas
Tamancas na calçada
enxada batida numa pedra
sacudindo a terra de ontem.
E lá vao tamancos p'la calçada
e vozes tristes de corpos sem esperança.
e lá vão!...
nos meus ouvidos fica o hino
mudo e metálico
de enxadas a bater em luta aberta.

E a Terra Mãi
porque bebeu bebeu
sofregamente
chuva e sangue, suor e lágrimas
dá, produz
muito!
tudo o que é preciso.

acordei contente

acordei e depois...
fiquei triste, muito triste
abri os olhos
e vi o sol
a subir
a iluminar
a irradiar
e fiquei cheia de esperança
a olhar o sol nascente

s/d

Novo mendigo e mendigo novo

Novo mendigo era o Chico
Muito amarelo, fraquito
Olhos brilhantes profundos
Olhos bondosos leais
Febris e inteligentes
Encanto do professor
Que o ensinara em menino
Na boca um vinco de horror
Na cara sempre voltada p'ro chão
Arde cinismo e revolta
Que a fome obriga a esconder

Era forte, meu pobre Chico
Só a tosse
A tosse cava
Que minava, que minava
O peito que mal sustinha
Um coração revoltado.
Chapéu roto na cabeça
Voz nervosa, mãos nos bolsos:
- Senhora! Veja se pode
dar qualquer coisa a um doente
fazia a fome dizer
enquanto que bem no fundo
o pobre Chico escutava
aquela voz que dizia
mais vale roubar que pedir

Mendigo novo o José
olhar submisso de cão
voz de criança enfezada
a soltar brandos queixumes
lamúrias de enternecer
na aula andara em pequeno
mas a ler não aprendera
cara tombada à direita
e um "padre-nosso" rezado
entrecortado
de convulsões doloridas.

E uma tosse teimosa
A surgir dentro do peito
Que mal sentia bater
Um coração escravizado
Contente com ser escravo
Desde que dona Maria
Desse uma esmola sofrida
- peço a V. Exc^{a}
que me dê alguma coisa
mais vale pedir que roubar...
óh! Por Deus dê uma esmolinha
a este pobre doente

· — · — ·

Dois tostões estavam a menos
na caixinha do dinheiro
- a caixa da caridade –
da boa Dona Maria

· — · — ·

Boa tarde disse o Chico
chapéu roto na cabeça
e dentro dela o desejo
de deitar fogo ao mundo!
Tudo queimar, destruir
E depois, de sob as cinzas
Deste mundo apodrecido
Novo mundo ver surgir
Onde não mais uma dona
Tivesse dentro de casa
Caixinhas de caridade

Muito obrigada, senhora
Deus lhe pague com saúde
A esmolinha que me deu
Deus lhe acrescente o seu fica
Dizia o mendigo novo
À boa Dona Maria
Que estava ainda zangada
Por causa dum atrevido!

Mas que cara de bandido!
Que pobre tão insolente!
Se visse senhor prior…
A humildade de Jesus
Anda esquecida senhor!
E assim perdemos até
O gosto de fazer bem.

Mas que atrevido! Pegou
No generoso tostão
Que aquela santa lhe dera
E nem palavra tivera
P'ra agradecer tal acção!

Retirou-se amarfanhado
Silencioso a sorrir…
Mas que sorriso aquele
Daquele Novo Mendigo!
… até deixou a tremer
a boa Dona Maria…

11-4-44

Avante

Ergue bem alto a tua enxada, cavador!
Ergue-a bem
A tua bandeira –
- a tua bandeira de 8 quilos!
E vai
com teus irmaos
Enterrar na terra a tua bandeira

Revolve-a e depois
Ao alto as enxadas cavadores!
Para que fique uma floresta de bandeiras
De bandeiras de aço rebrilhando ao sol!
Arrancando vida, defendendo a vida

Ergue bem alto a tua enxada, cavador!
Ergue-a bem
Cerre-se mais a floresta de bandeiras
P'ra lá dos gloriosos trapos
Gloria aos teus calos, cavador!
Gloria às mãos que sustentam as bandeiras de 8 quilos

Gloriosos soldados da luta
Uni-vos e avante
Pelas vossas bandeiras de vida.

Coimbra, s/d

“Às vezes ouço dizer”

Às vezes ouço dizer
- ai quem me dera poder
voar como as andorinhas!

Girar, correr, lá no céu
Subir, descer, devagar
Marcar curvas caprichosas
Traçar rectas numerosas
Viver no céu a voar...

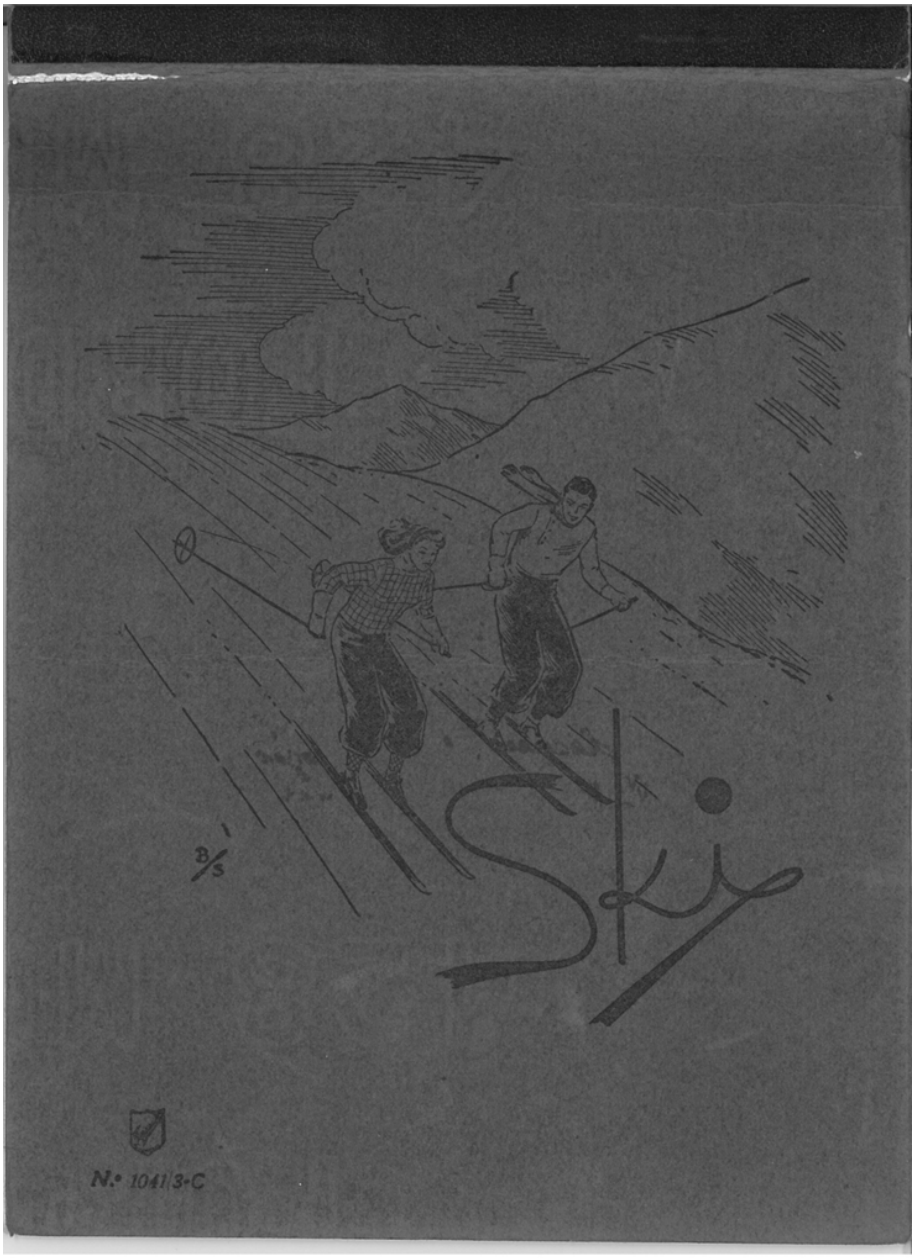
Ouço isto, e de repente,
Ouço a criança doente
Magrita cheia de fome
Gemendo baixo, baixinho
Ao colo da pobre Mãi
Da Mãi pobre que só tem
A miséria em seu caminho

E fico então a pensar
Que é egoísmo desejar
Pretender voar no céu!
Pairar por lá descansado
Enquanto que cá na terra
Há crianças a chorar
À espera que as vá salvar
O nosso esforço de guerra

4-8-44



Bloco de notas Ski (1956)



Outono

Outono! Onde estás tu, meu Poeta Triste?
A cidade enorme não deixa que eu te veja.
As arv'res da graça tem folhas todo o ano
Parecem arv'res de papel!...
Oh!
Mas elas estão recortadas no cinzento de aço que é só teu,
Outono!...
.....
Não vejo o fumo azulinho a trepar a medo do telhado ao céu!
Aquele fumo leve, puro
que se não suja nas denegridas telhas da minha aldeiinha.
Não vejo
a aguarela dos vinhedos que só tu sabes pintar, Outono.
Não vejo caminhos velhos que andasses a alcatifar
Não ouço o vento furioso a levantar a alcatifa em torvelinhos no ar...
Não vejo os soitos perdidos
no seu eterno cismar
troncos de musgo vestidos
braços despidos no ar
Não ouço o som comparo
dos sïnos pelas quebradas
Avé Marias que ficam
rentes à terra, espalhadas.

Não vejo o pastor descalço
nem o cão esfomeado
Não ouço o grito horroroso
da agonia do cevado.
Mas tu existes Outono
p'ra lá das paredes lisas
das casas desta Lisboa

Mas tu existes Outono
P'ra lá da Saudade imensa
que aos meus olhos faz não ver-te
Lá, onde a serra se quebra
p'ra deixar passar o rio
Lá, aonde o sol se esconde
num suicídio de luz
Lá, aonde estrondeia o vento
na noite sem cobertores
é que tu moras, Outono
Outono dos meus amores.

Dos meus amores porque eu amo
teus capuxos teus mistérios
p'ra dares vida enches primeiro
a terra dos cemitérios.
Tu és bom, és carinhoso
Antes que chegue o nevão
p'ra cobrir as ervas tenras
deitas as folhas ao chão.

Outono! Bendito sejas!
Sinto vida enquanto vives
Serão uvas, serão vinho
estas ressequidas vidas.
Outono!
Tens na minha alma um altar
Só tu podes, só tu sabes
Matar p'ra ressuscitar!

Baladas do vento triste
Gemendo agonizante
Deixai dormir o Outono
Sua noite fecundante

Deixai-O dormir deixai-O
pois tudo é Vida em seu sono
se há pobres sem primavera
não tem culpa o meigo Outono……
…….

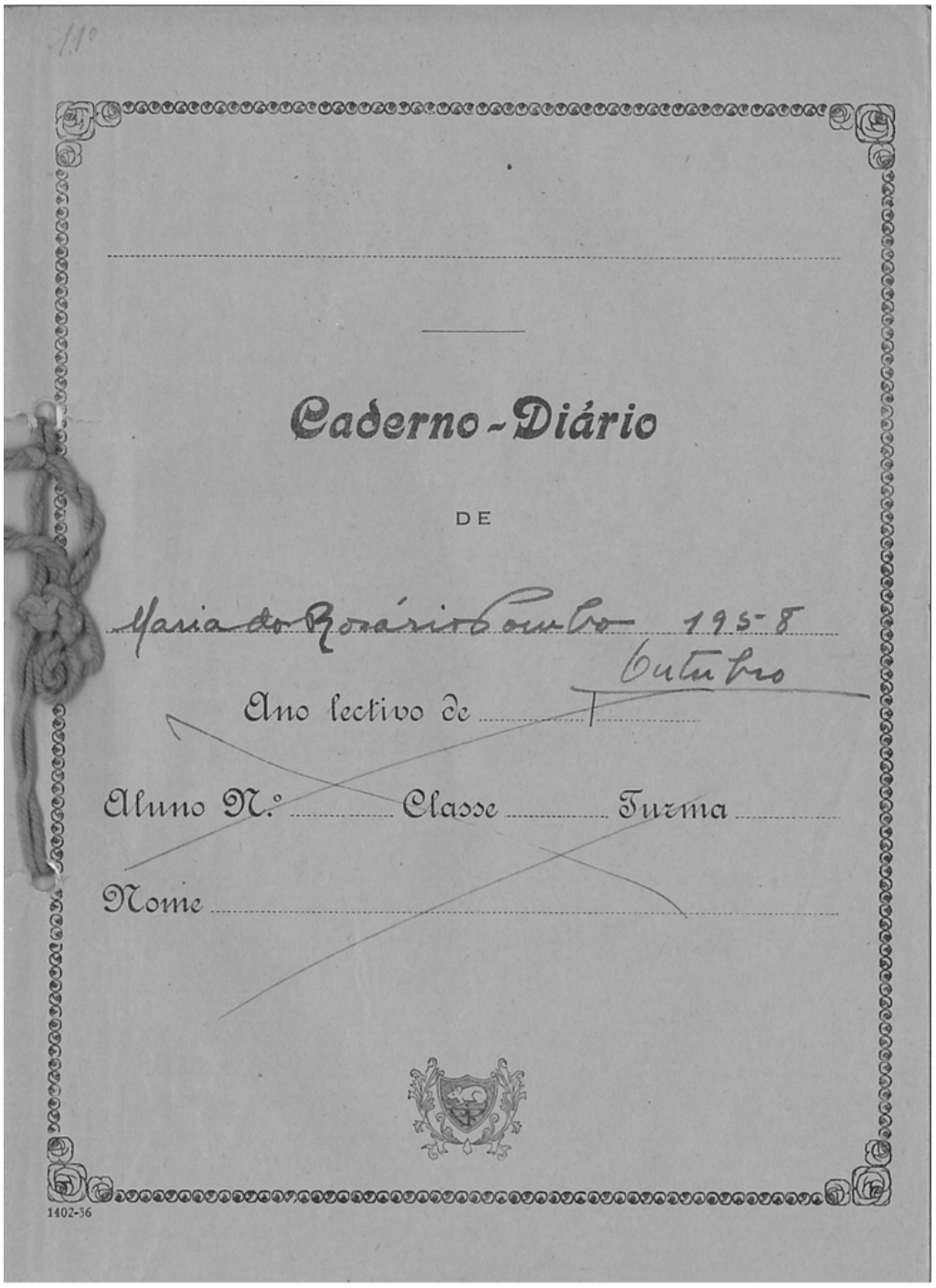
Dos teus esponsais com a terra fria
endurecida, coberta de codos
minha alma sabe que há-de nascer
uma Primavera florida p'ra Todos!

10/12/56



Maria do Rosário

Caderno Diário (1958 – 1962)



Sensação

Vem! Anda comigo. Vamos com as sombras deste dia
Ajudar a espalhar tão finos véus
- saudade roxa a envolver a terra inteira.

Vem comigo
e assim
desta maneira
talvez possamos entender a voz
deste silêncio fundo que suspende
o coração da Terra nesta Hora.

Hora do Vago, do Belo e Impreciso
- igual a um sonho de Amor que sonho é só...
Vem!
Anda comigo e com o dia que findou

De asas libertas
ambos
irmanados
erremos
por estas serras longos esfumados
por estes vales fundos já dormentes
onde há meninos a dormir a fome.....
.....

Vamos!
vamos voar de almas abertas
vamos sonhar com belas coisas certas
que a Madrugada um dia há-de trazer

Vamos beijar a luz que escureceu
a esta hora em que as próprias pedras
me parecem ter alma como eu.

S. Cosmado, 6/9/58

Sequência

Que importa que seja
um menino… assim….
ou mesmo anormal?
Tem que ser doutor
a bem ou a mal.

O pai tem dinheiro
o pai tem valor
por isso o menino
tem que ser doutor

E há-de ensinar
meninos um dia
- ser um professor
de grande valia…

Se não for doutor
a bem ou mal
há-de - como o pai
ser oficial

- Andar por aí
fardado a mandar
é melhor talvez
que ‘star a ensinar –

Já o vêem garboso
de espada comprida
na grande parada
de alma empedernida.

Que importa que seja
um menino… assim…
ou mesmo anormal?
há-de ser por força
grande oficial.

Lisboa, 4/10/58

“Porque choro assim, um choro tão maguado”

Porque choro assim, um choro tão maguado,
sem lenitivo, sem consolação?
Tantas vezes tens ferido a minh’alma
e eu costumo reagir… mas hoje não.

Costumo ouvir uma voz a me dizer:
- Não tens razão! Vê bem, não tens. pois não.
Mas hoje a minha lama está sozinha
ouvindo apenas a tua sem razão.

Sinto-me flor que nunca foi colhida
Sinto-me vento faminto de amplidão
Sinto-me nau em mar que enfureceu.

…
Não acertarei meus passos pelos teus,
nem engeitarei* os mil defeitos meus.
Chorarei, assim, bem sei, mas serei eu!

Lisboa, 26/7/59

(Dia da chegada do Sei-lá-se-é…)

*enjeitarei está escrito como engeitarei

Quadras soltas para o 1º baile de Carnaval do C.A.C. (Clube Atlético de Campolide), no ano de 1960[54].

(1º prémio)

Se eu fosse milionário
Mascarava-me de pobre
P'ra par'cer, só por 3 dias,
Um homem honrado e nobre…

___…___

Há um ano, menos 3 dias,
que te esperamos, entrudo
agora é folgar e rir
pois depressa acaba tudo.

___…___

O Carnaval está a chegar
com seu grande poderio
Faz-nos rir, faz-nos esquecer
o tormento senhorio

___…___

Ó Carnaval mentiroso
Farsa breve entontecida
Só tu fazes com que a gente
Esqueça o Carnaval a vida…

___…___

Tu trazias mascarilha
e eu bigode postiço
Não sei como aquilo foi –
- foi o Amor?... foi feitiço?...

[54] Estas quadras estão repetidas no "Caderno Escolar" e, aí, com a indicação de terem sido escritas no Carnaval de 1960.

“Eu tinha na alma um poema belo”

Eu tinha na alma um poema belo
e peguei neste papel para o ‘screver

Imóvel, de lápis entre os dentes
procurava as palavras de começo

Mas…
o vento, o vento que acoitava a noite negra
de um Fevereiro frio desfez o poema belo
que tinha na minha alma e colocou lá um outro
que não posso escrever…

… Mordi o lápis
trinquei-o todo
mas não escrevi o poema
que o vento frio de Fevereiro
colocou na minha alma burguesa
alma que sente o luxo dos remorsos
mas não tem coragem
para gritar Basta!

Basta, vento gelado de Fevereiro!
Eles nunca respeitaram o 3º mandamento
(terceiro vestir os nus)

É preciso lançar pedrados tão velozes como o vento
É preciso escrever Poemas em vez de morder os lápis
É preciso…
É preciso rebentar com os Mandamentos…

Lisboa, 4/2/60

Viajando dentro de mim

E esta angústia de todos os carregadores
me perguntarem num tom quasi afirmativo:
- V. Excia viaja na 1ª não é verdade?

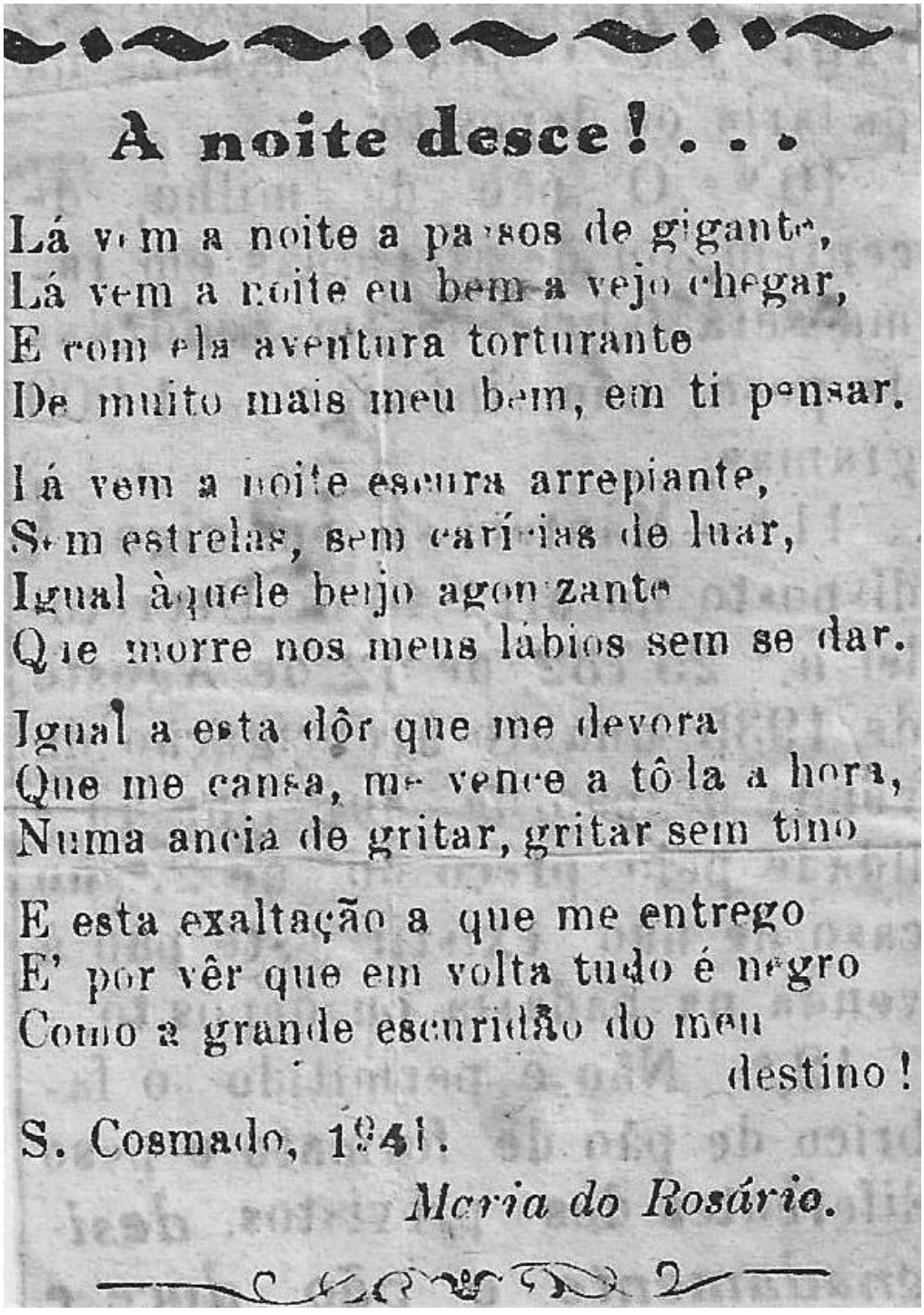
E esta angústia de eu não poder dizer-lhes
que sou contra esta coisa de segundas e primeiras
enquanto ele mete as minhas malas velhas na terceira?!

Uma terceira suja
de um comboio desconjuntado
cheio de vindimadores
que ainda não são capazes
de ver o Comboio Novo
que vem aí a chegar
e trará uma só classe!!!
O nosso Comboio Novo!

27/9/62

Poemas Soltos

Poemas anteriores a 1999



A noite desce! . . .

Lá vem a noite a passos de gigante,
Lá vem a noite eu bem a vejo chegar,
E com ela aventura torturante
De muito mais meu bem, em ti pensar.

Lá vem a noite escura arrepiante,
Sem estrelas, sem carícias de luar,
Igual àquele beijo agonizante
Que morre nos meus lábios sem se dar.

Igual a esta dôr que me devora
Que me cansa, me vence a tôda a hora,
Numa ancia de gritar, gritar sem tino

E esta exaltação a que me entrego
E' por vêr que em volta tudo é negro
Como a grande escuridão do meu
destino!

S. Cosmado, 1941.

Maria do Rosário.

2

Natal

Sonetos? já não sei! já não sei fazer.
Têm de ser medidos, rimados, bem feitos
E aquilo que eu gostava de dizer
É feio! é duro, não toma esses geitos.

Sonetos? já não sei! já não sei fazer.
Tem de ser rimados, medidos, perfeitos
E aquilo que eu preciso de dizer
É monstruoso, cheio de defeitos!

Preciso de falar das criancinhas
Famintos, quási nuas, pobrezinhas
Que nunca tiveram um natal.

Que mal fizeram Elas ao Menino
Que enche tanto e tanto sapatinho?
... Sonetos?! já não sei. Rasguem que está mal.

Mãe Maria
(Natal 1953)

“Agora já conheço a noite funda”

Agora já conheço a noite funda
Da Africa distante e ressequida
Vi-a nos teus olhos!

Agora já conheço o tenebroso
fragor das vagas no revolto mar
Vi-o nos teus olhos…

Agora já conheço o mavioso
rebolar das ondas a beijar a areia
Vi-o nos teus olhos

E vi ainda nos teus olhos lindos
céus e infernos gelos e fogueiras

Vi neles o que ninguém viu
e ainda o que jamais saberá ver alguém.

Vi neles a parcela que falta à minha vida
para poder somar: feliz como ninguém…
……
Ai o mistério dos teus olhos lindos
Que há-de para sempre, sempre ser mistério.

Singulares olhos que jamais verão
Quem os saiba amar e tornar ditosos.

s/d

Carnaval[55]

Afivelei a máscara e fui brincar o Carnaval.
Havia chegado ao degrau mais alto da estrada da minha vida[56]. 35 anos! Depois… era descer, descer, descer até ao chão, parar, morrer.
Por isso eu fui – pela primeira vez, brincar o Carnaval.
Folguedos, gritarias, cantares e folias.
Pares bailando estonteadamente.
E eu… triste, triste, triste.
Sem saber folgar, sem querer[57] brincar.
Dancei, dancei, enfastiada, dos outros e de mim.
Pensei[58] em ir-me embora. Tudo me parecia louco e banal[59]. Depois vieste tu, e eu fui dançar contigo. A pouco e pouco senti tudo a mudar[60]. Talvez mesmo fosses feio (eu não tinha visto ainda) mas era tão bela e linda aquela sensação de enleio
Que eu sentia junto a ti
Que fiquei! Já não parti.
Na sala havia muitas raparigas! Jovens, atraentes, meio desnudadas.
Não volta a chamar-me, disse p'ra comigo[61]. Mas tu voltaste, e sorriste… E eu vi o teu sorriso. Depois falaste, e olhaste e eu vi o teu olhar e ouvi a tua voz[62]. Depois ficámos os dois a dançar sempre a dançar! Senti o teu coração a bater de encontro ao meu. E senti – não sei porquê – que o meu era irmão do teu…

Meu coração abraçou-te, mas ninguém o percebeu.

……
Desejei não mais te ver. Nunca mais saber de ti. Mas para ver se te encontrava, mal sabes quanto corri.
E quando ao voltar da esquina te encontrei, risonho e meigo, senti…
Não sei o que senti! Não posso descrevê-lo! Senti que o amor mais forte, mais estonteante, pode durar apenas um instante.
Findou o Carnaval, mas não findou ainda o Carnaval da Vida…

---

[55] Inicialmente este texto foi escrito no Caderno Escolar, possivelmente em Outubro de 1958. Mas mais tarde foi retrabalhado e passado a limpo. Ganhou título e tornou-se poema, pois na versão original era em prosa. Decidi por isso manter esta diferença entre um texto «sem título» e um poema intitulado «Carnaval». Interessante é o facto de ambos não terem data, o que é muito pouco comum nos textos da minha avó.
[56] «Da minha vida» foi mais tarde retirado.
[57] «Querer» foi substituído por «saber».
[58] «Pensei em» foi alterado para uma fórmula mais afirmativa «quis».
[59] Mais tarde passou a ser: «Tudo era louco, ridículo, banal».
[60] «Vieste tu e a tua voz chamou-me p'ra dançar. E eu fui dançar contigo, e senti tudo a mudar».
[61] «Não volta mais, pensei, não volta mais…».
[62] «E ouvi a tua voz» foi retirado.

Rio Negro

Brilhava o chiado de preto estreado
e jóias de preço
perfumes, «batons», «haute coiffeur»
cintilavam mais no preto retinto dos fatos de Tom.
Cristal em rosários orlando pescoços de jaspe
E mãos enluvadas
Tépidas, saudosas do cigarro caro
Em dois dedos prendem pequenino
Um minúsculo ramo de Oliveira verde.
Era quinta feira Santa.
Ai tantas folhinhas de oliveira
Voou uma pomba…
Aí as folhas presas nos dedos mimosos
Que luto! Que luto tão negro vertia o Chiado…
Era quinta-feira santa…
De luto vestidos…
E a pomba voando
Sem nada no bico…

1959

"Olhai se amar é pecado"

Olhai se amar é pecado
Eu estou no inferno a arder
Pois outra coisa não fiz
Depois de te conhecer

Desde amor que tu partiste
Veio a tristeza e ficou
Dentro do meu coração
E nunca mais o deixou

Não se cansam de chorar
Meus olhos quando estão sós
Que tristeza viver junto
De quem está longe de nós

27/8/48

ADEUS

— Adeus, netinha encantada!
Onde vais tão apressada?
Há tanto que te não vejo!
Há tanto que não te encontro
de mãos postas a rezar
inclinada a meditar...
Que linda eras ali!

— Adeus, avô. Vou com pressa,
Vou cumprir uma promessa,
uma promessa sagrada!
Disseram que neste mundo
um mundo novo existia
um mundo onde a alegria
seria de tôda a gente.

Deitei-me logo à procura.
Que todos sintam ventura,
— bem sabes — é o meu desejo.
Encontrei após lutar
o caminho que ora sigo.
Se não podes vir comigo,
não me detenhas. Adeus!

MARIA DO ROSÁRIO

“Estrela do Minho”, 1944, Domingo, 20 de Agosto de 1944

20/1/77

Depois de ouvir Valéria Correia

Que era um cacto, disseste, e eu acreditei
Um cacto é um cacto e nada mais
Planta exótica, agressiva que não dá fruto.
Todos picos, picos agudos
avidos de sangue e gotas transparentes
para trespassar.
Aceitam-se picados para colher uma rosa
ou para alcançar o ramo de espinheiro
com suas flores lindas, alvas, pequeninas.
Nenhum cacto?...
Só poderão picar-se dedinhos
de dedinhos almas sem "anjos da guarda"?
O 25 de Abril e seus Heróis
Tem a ver com cravos não com cactos.
A parte mais bela das almas mais belas
tem a ver com frágeis flores de terras portuguesas
sem muros e sem donos.
não com coisas - picos que não dão fruto nem sombra
Os
que estão intocáveis no coração do Povo
jamais serão tocados por picos desérticos inúteis.
Jamais serão portas removidas
se irão picar seja o que for
quanto mais aquele Sol que ainda aquece
o coração do Povo Português.
Quando a ~~floração~~ Surrealista da Vila Terminus
morrerão envolvidos nos seus picos
doentia vocação de picar, ferir, dilacerar.

Mandei p/ o Diário em
20-1-77

“Lá vão homens na primeira”

Lá vão homens na primeira
cansados de viajar
Lá vão homens na terceira
inquietos no chegar

Sempre as altas chaminés
a espalhar fumo no ar….
…….
…….

E sempre o Tejo a correr
grosso a caminho do mar
ai que grandes cemitérios
sem jazigos a boiar

«Senhora dos Navegantes,
dai-nos à Terra voltar!»
Senhora! se eu fosse Tu
não ficava um só no mar.

Mal abro a minha janela
vejo o Tejo a faiscar
e a certeza incomparável
da manhã que há-de chegar

Manhã sem barcos de pesca
sujeitos a naufragar
manhã sem navios brancos
com «primeiras» sobre o mar

manhã do Tejo que corre
por sob o fumo p’ro mar
da janela da minh’alma
Vejo-Te, Manhã sem par!

Mal abro a minha janela
Vejo o Tejo a faiscar
e vejo no mesmo Tejo
barcos leves a pescar
e vejo barcos cargueiros
no seu negro negrejar
lá dentro homens mais negros
que o seu negro mourejar

e barcos de passageiros
alvinhos no seu brilhar
nas altas chaminés
sempre fumo a vomitar

Lá vão homens na «primeira»
Cansados no viajar
Lá vão homens na «terceira»
Inquietos no chegar…

Mal abro a minha janela
penso: barcos a pescar…
Senhora dos Navegantes
p’ra que os deixas não voltar?

Mal abro a minha janela
Sempre este fumo no ar
São as negras chaminés
Sempre sempre a vomitar

Lisboa, 4/10/58

A MINHA CANÇÃO

Os que cantaram antes de nós
cantaram
o murmurar da fonte,
o chilrear da ave,
o marulhar do rio,
a candura da flor,
o roçagar da brisa,
o sussurro do mar . . .

Nós
os que cantamos agora,
só nos resta cantar
— cantar até à morte —
a menina que descalça vai à fonte
e o rapaz
sem aula nem emprêgo
que à fisgada persegue as andorinhas.
Os pés gretados dos homens que trabalham e morrem de fome no rio.
As flores caras que pertencem a menos de dez por cento da Humanidade.
O vendaval que leva o tecto da choupana do vizinho.
Os pés curtidos dos homens irmãos das ondas traiçoeiras.

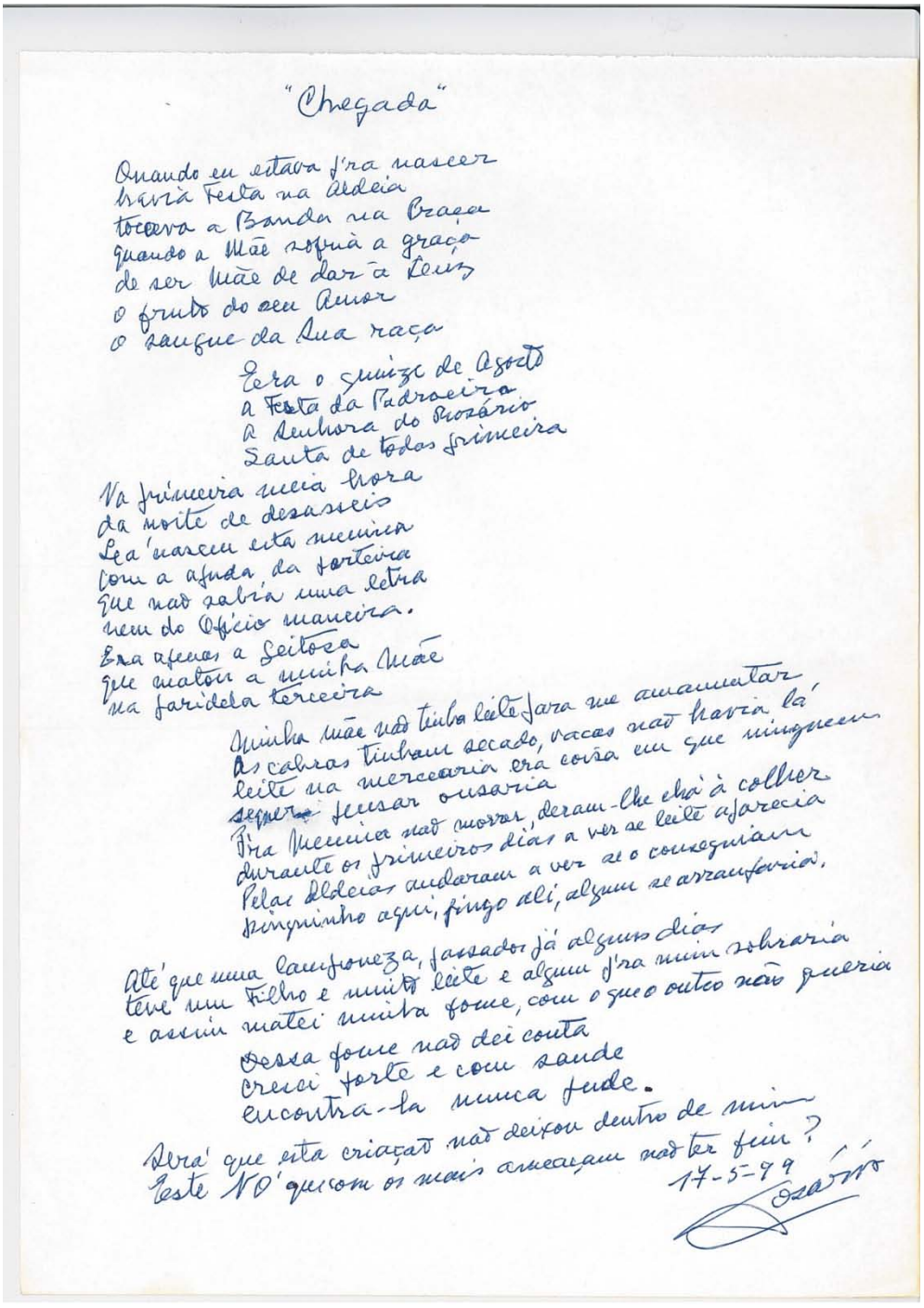
Nós,
os que cantamos agora,
devemos cantar — cantar até morrer —
a nossa cantiga diferente . . .
Devemos cantar
aquilo que os outros não cantaram.
para que a vida seja
para todos
mais bela.
mais
do que a cantaram os Poetas que cantaram antes de Nós.

3-1-44.

MARIA DO ROSARIO.

“Estrela do Minho”, 1944, Domingo, 12 de Março de 1944

Poemas de 1999



"Chegada"

Quando eu estava p'ra nascer
havia Festa na Aldeia
tocava a Banda na Praça
quando a Mãe sofria a graça
de ser Mãe de dar à Luz
o fruto do seu Amor
o sangue da sua raça

Era o quinze de Agosto
a Festa da Padroeira
a Senhora do Rosário
Santa de todas primeira

Na primeira meia hora
da noite de desasseis
Lá 'nasceu esta menina
com a ajuda da parteira
que não sabia uma letra
nem do Ofício maneira.
Era apenas a Leitora
que matou a minha Mãe
na faridela terceira

Minha Mãe não tinha leite para me amamentar
As cabras tinham secado, vacas não havia lá,
leite na mercearia era coisa em que ninguem
sequer pensar ousaria
Pra Menina não morrer, deram-lhe chá à colher
durante os primeiros dias a ver se leite ajarecia
Pelas Aldeias andaram a ver se o conseguiam
Pingrinho aqui, pingo ali, algum se arranjaria.

Até que uma lamponeza, passados já alguns dias
teve um filho e muito leite e algum p'ra mim sobraria
e assim matei muita fome, com o que o outro não queria

Dessa fome não dei conta
Cresci forte e com saude
encontra-la nunca pude.

Será que esta criação não deixou dentro de mim
Este NÓ que com os mais ameaçam não ter fim?

17-5-99

Rosário

Partir

É feio deixar o Mundo
mas é desígnio profundo
todos temos que partir
nem que tenham triliões
sejam donos de Cidades
saibam todas as Verdades
escrevam todos os Tratados
É a vida – temos de ir

Não vale a pena correr
Tudo é vão. Nada é urgente
por isso se este tormento
me apagar um momento
é melhor do que ficar
té a Máquina parar.

Se eu soubesse ao certo isso
bendizia este sofrer
que me faz enlouquecer!
E eu tenho medo disso.
Aqui estou pronta a sofrer
o que a Vida quizer

só não queria complicar
a Vida de quem me olhar
um dia por compaixão.
Queria ser como a folha
que a chuva d'Outono molha
se desprende e cai ao chão.

8-7-99

“Escreve as tuas memórias”

Escreve as tuas memórias
conta-nos tuas histórias
dizem-me os amigos.

Mas agora já é tarde
p’ra me meter em tais perigos
fui criada muito bem
apesar de não ter mãe.
fui criança, fui à escola
na mão a minha sacola
que levava com fastio
porque como não estudava
todos os dias apanhava
(na moda palmatuada)
nas mãos cheiinhas de frio.
às vezes fugia à escola
só p’ra pegar na sachola
mas lá fiz o meu exame
com nota de distinção
dando aos pais satisfação.
eu era muito interessada
gostava de aprender
sem ser à palmatuada
gostava muito de ler
apanhar coisas no ar
mas sem ninguém me mandar

Aprendi a costurar
Sem ninguém me ensinar
Comecei só por fazer
Vestidinhos p’ras bonecas
Que eu fazia com cabeças
Com trapos, com algodão,
olhos e bocas de linha
só pernas é que não tinha.

Mais tarde pedi ao Pai
Que com ele me levasse
Para que com ele sachasse
Rapidamente, num ai!

Enxofrei muitas videiras
Trepei altas cerejeiras
Cortei milho, ceifei trigo
Sem nunca ser por castigo.

Namorei, fui rapariga
Sempre sem zangas nem brigas
A todos dizia siga
A modos de quem não liga.

Mais tarde me apareceu
Por um «milagre» do céu
Aquele que me entendeu
E que dois filhos me deu
P’los quais fez tanto como eu.

Tive comigo meus Pais
Não tive que os meter
Nos cemitérios finais
À espera de morrer.

Ajudei a minha irmã
Até que uma Amizade sã
A levou ao casamento,
Não muito a seu contento;
Mas a idade avançava
E o corpo reclamava
Uma mudança qualquer
Uma vida de mulher.

Os nossos filhos estudaram
E ambos lá se formaram
E hoje são sabedores
São Mestres de professores
E talentosos pintores.

O Pai que era estudante
Ao tempo do casamento
Formou-se sendo empregado
Com esforço mas encantado.

Vivemos anos a fio
No eterno desafio
De não chegar o dinheiro
Para o que era primeiro

Mas lá nos fomos compondo
E conseguimos comprar
O nosso pequeno andar
Cheio de sol e bom ar.
E de livros repleto
Desde o chão até ao tecto[63].

Depois comprámos um Morris
Pequenino, azul escuro
Que foi o nosso orgulho
Chamei-lhe «supositório»
Mas inda hoje é um Morris

No fim de várias lições
Meu marido aprendeu
A guiar em condições.
Só não sabia os caminhos
Por onde tinha de andar
Mas estava eu p'ra ensinar.

Íamos para todo o lado
Mas sempre p'ra S.Cosmado
A minha Terra Natal
Que é muita ambição fatal.

A Filha, linda e menina,
Casou-se com gente fina
Com o curso de Engenheiro.
Mas como foi educado
a nunca ser empregado
preferiu ser Carniceiro
pensando ganhar dinheiro
com o comércio do gado.

O casamento falhou
Como era de esperar
Mas deu muito sofrimento
Muita lágrima p'ra chorar.

Dele ficou uma Neta
Que é a menina dileta
Da minha vida cumprida.
Somente o que me desgosta
É ela não estar já posta
Na condição que queria
De me dar um bisnetinho
Mais um novo rebentinho
Que eu com amor criaria.
Ou melhor ajudaria
Se a tal me dessem ensejo
De cumprir esse desejo.

Meu Filho também casou
Com uma linda Pintora
Mas como era muito novo
Não pôde aguentar o jogo
De um casamento à maneira.

E então, estouvadamente,
Deixou tudo e foi p'rá frente
Viver sem eira nem beira.
Desse tonto casamento
Ficou um Filho – um talento
Que toca cravo com arte
Com emoção e alento,
Aqui e em toda a parte.
Viveu com muitas mulheres
Que lhe inspiraram prazer
Porque se não fossem elas
Não saberia viver.
Nenhuma o soube prender
Deixou-as todas nas telas.
Mas no fundo do seu ser
Bem sabia ainda haver
O primeiro amor sentido
Que apesar de escondido
Nunca deixou de aparecer.
Até que enfim, finalmente
Vive feliz e contente
Com quem verdadeiramente
Era ela e só ela
É a tampa da janela
Que encontra pouca gente.

[63] Num pequeno papel encontrei : «Para acrescentar às Memórias: Há livros em profusão desde o tecto até ao chão»

A Filha por sua vez
Apaixonou-se de vez
Por um aluno que lhe ouvia
Suas aulas com magia
Mostrando nada mais querer
Do que com ela viver.

E assim veio a ser
Sem mais pensar, a correr
Pois a paixão era tal
Que não podia afinal
Esperar, pensar, ceder
Senão ao impulso forte
Capaz de ir até à morte.

Daqui surgiu outra Neta
Decidida, linda e recta
Que apesar de menina
Já traçou a sua sina.

Fomos a outras Nações
Por graça de Genro e Filha
Que nos deram condições
Dessa grata maravilha
O genro cheio de atenções
Tão amigo como a Filha.

Todo o carinho nos deram.
De tudo que nos fizeram
Só nos resta uma saudade,
Tão amarga e tão pungente
Quanto mais hoje sabemos
Que tudo é diferente.

O Nuno era um amor
Uma delicada flor
Airosa cheia de cor
Que em tudo lançava odor.

Mas desses tempos felizes
Só nos restam as raízes
Que sustentam a saudade,
Daquela forte amizade.

O Genro ninguém o entende
Quer (pelo menos eu não sei)
ser marido sem lei
Ser livre e independente
Doutra raça de outra grei
Que o torne de si seu rei
Tudo isto é muito duro
Neste tempo tão maduro
Que sem armas se defende
Pois verdade é que «há razões
Que a razão não entende».
Mas nem por isso é menor
A dor que causa horror.

Sei que «Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena»
Mas eu sei que a minha alma
É pequena e não tem calma
quando a doença a transtorna.

Procuro encontrar a forma
O objectivo, a norma
Para me poder curar
De um mal que não é lógico
Porque é psicológico.

Nada o pode sarar
Assim o diz a Ciência
Sem pudor e sem clemência
E se às vezes acredito
Há outras em que êxito.

E apesar de não poder
Este estado controlar
Tenho 'inda fé de encontrar
Algum modo de bem estar
Que me deixe aguentar
Sem demais incomodar.

E aqui estão minhas memórias
Sem triunfos, sem victórias
Mas humanas, com fervor
Sempre guiadas p'lo Amor.

Resta-me falar da Niska
Muito meiga e muito arisca
Como pequena faísca
Que entrou no meu firmamento
Pois que a todo o momento
Mostra melhor sentimento
Que muitas almas cristãs
Que sabem rir mas são vãs

Tem uma fala mansinha
Mas não a Amizade sã
Desta minha cadelinha.

Aqui ficam estas letras
E tudo o resto são tretas…
Tretas que fariam rir
Outras fariam chorar
Não vale a pena contar
Pois a vida finalmente
É igual p'ra toda a gente:
Vir ao mundo sem vestido
E partir todo ao comprido
Deixando grande fortuna
Ou não deixando nenhuma.

Por mim só queria a sorte
De ter repentina morte.

Parede, 30-5-99



Na Parede

Aqui, neste belo Paraízo
perto do mar calmo e lizo
eu pergunto a mim mesma
por que é que anda esta lesma
no mais fundo do meu Ser
a rastejar sem correr?
Porque não posso eu matar
este bicho reluzente
pegajoso, repelente
que teima em me tormentar?
Aqui, neste Paraízo
onde há Amor que tudo dá
onde há sincero bem querer
e onde vejo passarinhos
contentes fazendo ninhos
no velho jacarandá;
onde sinto a Amizade
de quem por pura Bondade
me diz que gosta de mim,
porque me sinto eu assim?
Tão aflita, tão sofrente
que temo ver-me demente!
incapaz de me vencer
e sem poder recorrer
nem ao Corpo nem à Alma
nesta tarde quente e calma
que me grita, que me diz
Goza a Vida! Sê Feliz!
deita fora o sofrimento
aproveita este momento.
Mas nada posso fazer
senão esperar e sofrer.

28-5-99



Meu Filho também casou
Com uma linda Pintora
Ficou um Filho – um talento

Que toca cravo com arte
Com emoção e alento,
Aqui, e em toda a parte.



Partida

Lá vai a minha Netinha
tão nova! Ainda menina
naquele avião sozinha
p'ra longe da Pátria minha.

Vai tratar do seu futuro
que neste mundo tão duro
vai ter de poder vencer
p'ra não ser Verbo de encher.

Complicaram tanto a vida que é difícil ser vivida.

Vai conquistar um Diploma
que lhe dê saber e sôma
de dinheiro p'ra viver
neste mundo de consumo
neste mundo de chacais
onde alguns gastam demais
e reduzem tudo a fumo.
Queimam cidades, aldeias
gelam sangue nas veias
de milhões de Inocentes.

E há quem se julgue sublime e apoie este Crime.

Tantas como a Catarina
Sofreram morte sem par.
Outros no auje da vida
fugiram para a salvar.

Outros nos últimos furos
dos cintos com que andaram
a vida inteira apertados
no fim morreram queimados
pelos mísseis assassinos
lançados pelos felinos
que se julgam os patrões
deste Mundo de ladrões
que andam soltos
quais Falcões.

Mas se alguém roubar um pão, vai preso por ser ladrão.

Adeus minha Neta querida
ajuda a compor a Vida
com o Teu Bom coração
já que a sabedoria
nunca mais encontra o dia
de praticar tal acção.

Sem isso não vale a pena, ver-Te fugir de Avião.

2-6-99
(Dei uma fotocópia à Catarina)



“Pensando em Ti, querida Patrícia”

Pensando em Ti, querida Patrícia
Os vinte e oito estão aí
Estão mesmo quase a chegar
O Amor ficou ali
Não conseguiu cá chegar
Começou devagarinho
Brilhou como o Sol doirado
Aos poucos seguiu caminho
Caminho do teu errado
Bebeu Tua mocidade
Saciou a Vossa sede
Prometeu Felicidade
Jóia que ainda Te deve
Podia ter escolhido
Para um destino sem Norte
Alguém que tivesse Pai
Que zelasse a tua sorte
Sofro por Te ver sofrer
Por ver a Tua mudança
No Teu olhar só o parecer
Duma ténue esperança
E não Te queixas, não cobras
O que Te era de direito
Adivinho-Te sozinha
Com o coração desfeito.
Tudo morreu devagar
Sem briga, sem explicação
E Tu ficaste a sofrer
A dor da desilusão
Neste mundo de ilusões
Há maldades e revezes
Algum dia hás-de encontrar
A ventura que mereces
E quem sabe se este sol
Que aos poucos esmereceu
Não ficará no escuro
A pensar no que perdeu.

15-7-99





Companheirismo

Ele come e vai p'ra rua
e eu cá fico de alma nua
a preparar a comida
quase sem poder – caída.

Ele volta à hora certa
e abre logo a T.V.
e depois de estar aberta
senta-se e dorme ou lê…

Quase sempre põe a mesa
com certa perícia lesta.
Mas antes da sobremesa
diz que a comida não presta.

Entende o meu padecer.
Sofre o meu choro mansinho.
Conforta-me com carinho
que eu mal posso agradecer.

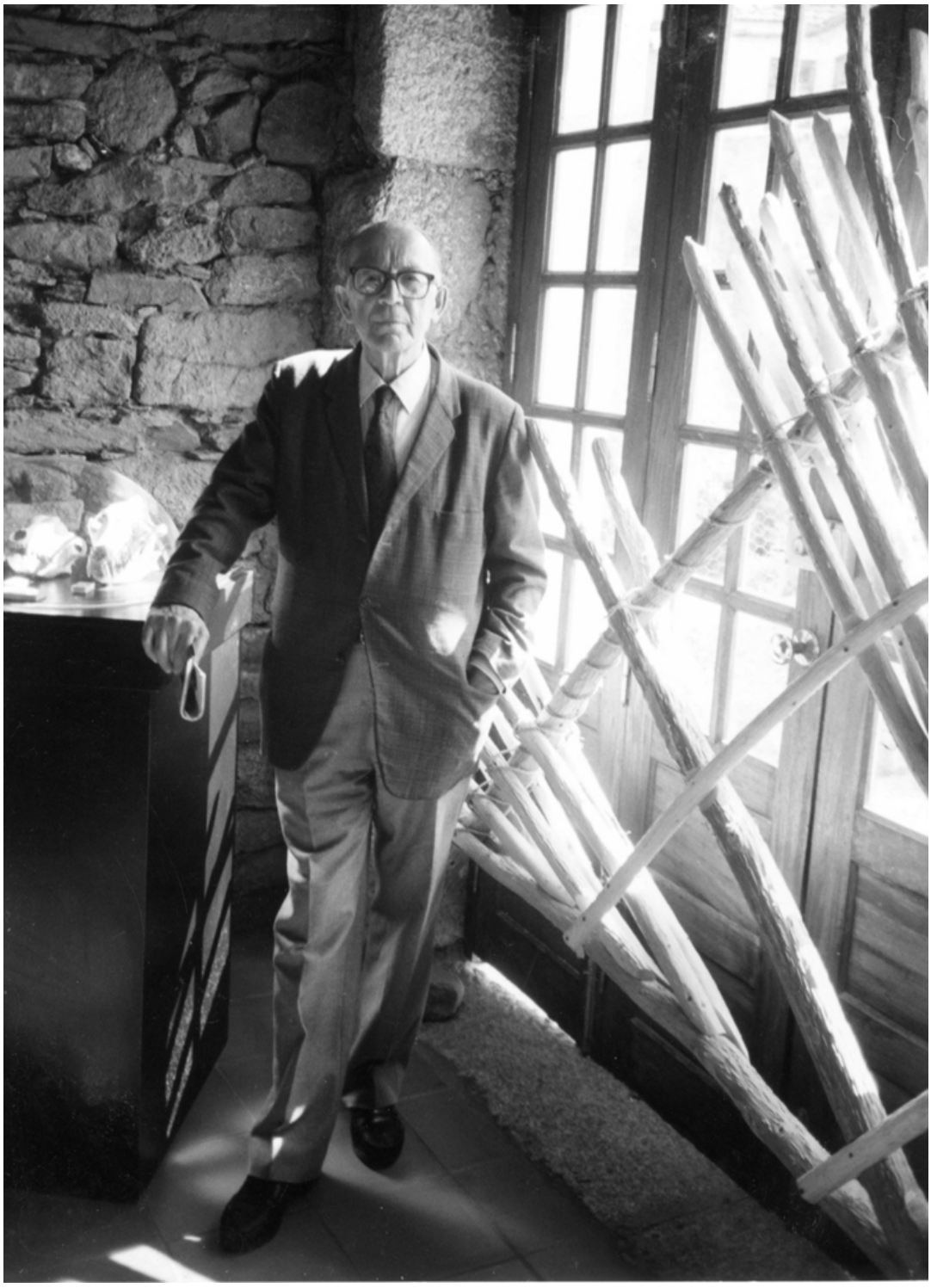
Ouve com mil atenções
tudo quanto diz respeito
aos programas que são feitos
p'ra tratar religiões.

Jornais, revistas p'ra ler
Livros de História ou de Leis.
«Não me tirem os papéis
Preciso-os para viver».
Olho para todo o lado
vejo tudo atestado
e no fundo estou em crer
que isto me faz sofrer.

Mas por cá vou levando a vida
entre o pó e a comida
pois mais não posso fazer.
Não entendo este sofrer.

Esta Vida é uma luta
sem se ter a alma enxuta
temos de o aparentar
para não incomodar.

29-5-99



Casaram em 1945. Estiveram casados 50 anos. Ele foi um companheiro carinhoso e dedicado até ao fim dos seus dias (2005)

Cliente

Era linda aquela Dama
p'ra quem fazia vestidos
uns curtos outros compridos
bem talhados, complicados
feitos de seda de abelhas
casacos fofos forrados
elegantes, bem fechados
feitos de lã das ovelhas.

Mas eu só admirava
e gostava da «criada»
que era fraca e aleijada.
A dama dava-me os frutos
com que equilibrava meus lucros.

De tudo isto ficou
uma só recordação -
- estar assentada no chão
Para ver televisão
A mulher que servia
Com Amor e cortezia

A sala era um Eldorado
com sofás por todo o lado
sem neles ninguém sentado
a não ser a tal matrona
que era já velha e durona
com modos de fidalguia
que nem sequer possuía
mas tinha anel de brazão
que lhe veio da União
e mostrava em sua mão.

Só que no seu coração
que vivia em oração
Bondade é que não havia.

4-6-99

Banho geral

Há quem tenha vindo ao mundo
com o desígnio profundo
de ser apensa tapete
p'ra esfregar o joanete
de quem a sorte grindou
ao lugar onde ficou
a viver sempre agarrada
ao seu luxo regalada.

Tinha uma pobre empregada
que nem sequer percebia
que por seu zêlo* e trabalho
a Patroa assim vivia
em conchego afidalgado

Tinha três quartos de banho
mas dois estavam fechados
e obrigava a «Criada»
a tomar banho geral
num antigo alguidar
com toalha separada.

Não digamos mal dos tempos
dos mísseis a metralhar
apesar de tão nojentos
de mandos tão violentos
não há banho em alguidar.

3-5-99

Justiça fraca

Já hoje fiz dois poemas
não valem nada eu sei
mas também a própria Lei
é de promessas apenas.

Promete Justiça justa
para toda a causa injusta.
Justiça para valer
para quem mal proceder.

E nós vemos pela rua
vê-se mesmo à vista nua
a ostentação do dinheiro
ao lado do «pedincheiro».

Vemos a moça bonita
toda vistosa catita
no rebordo das Estradas
mal ou bem arvorizadas*.

De malinha a tira-colo
sonhando um menino ao colo
que fosse do seu amor,
servindo seja a quem for.

Vemos o pobre velhinho
no «Lar» muito engelhadinho
a dizer que está contente
quando vai o Presidente.

Vemos tanta coisa tonta
que um poema sem ideias
e a falar de coisas feias
é coisa de pouca monta.

Por favor Senhores Doutores
esconjurem os favores!
Façam todos os esforços
para viverem sem remorsos.

7-6-99

União necessária

Juntai-vos trabalhadores
Acudi a este Mundo
Se não ele vai ao fundo
Tombado p'los exploradores.

Uns centos de figurões
São donos da Terra inteira
Isto assim não tem razões
Tem de ser de outra maneira

Que uns tenham mais outros menos
Pode-se admitir
Mas que se ouça o bramir
Dos grandes que são pequenos

Banqueiros e Empresários
Não passam de parasitas
P'ra haver cearas bonitas
Tais não eram necessários.

Sómente na vossa mão
Se encontra a salvação
Mãos unidas – palma a palma
E a Terra será salva.

Eles têem os canhões
Mas vós tendes as razões
As máquinas não trabalham
Sem as mãos que as engalham

Uni as vossas mãos grossas
E as máquinas serão vossas
E nunca dos figurões
Com profissão de ladrões!

31-5-99

Armas

Óh senhores de todo o Mundo
Cuidado! O pôço é fundo
E podei-vos afogar
Mesmo sabendo nadar.

Se armas quereis gastar
Comei-as vós ao jantar
Não andeis, como dementes
A matar os Inocentes

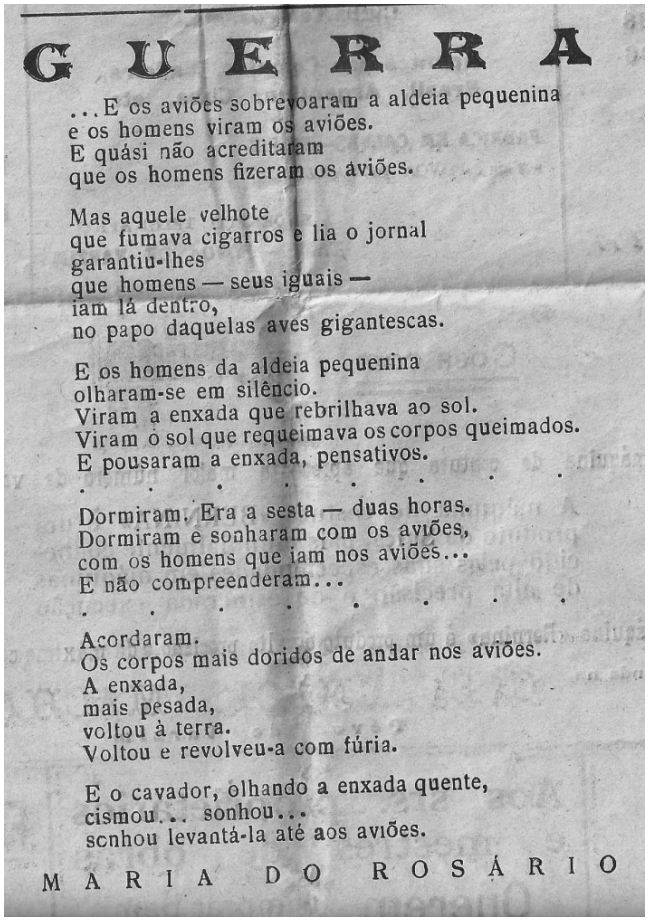
Quando p'ra poder viver
As andaram a fazer
A fingir-se de contentes
Pois é bom trabalhar ter.

Se tendes armas a mais
Colocai-as nos quintais
Das vossas ricas mansões
Não mandai nos aviões

Não destruais as Nações
Não queirais p'ra vós o Mundo
Olhai que o pôço tem fundo
E podei-vos afogar...

Vós tendes a Bomba Atómica
Mais olhai! Que coisa cómica
Se as lançais noutros lados
Também vós morreis queimados.

7-6-99



GUERRA

...E os aviões sobrevoaram a aldeia pequenina
e os homens viram os aviões.
E quási não acreditaram
que os homens fizeram os aviões.

Mas aquele velhote
que fumava cigarros e lia o jornal
garantiu-lhes
que homens — seus iguais —
iam lá dentro,
no papo daquelas aves gigantescas.

E os homens da aldeia pequenina
olharam-se em silêncio.
Viram a enxada que rebrilhava ao sol.
Viram o sol que requeimava os corpos queimados.
E pousaram a enxada, pensativos.
. . . . . .

Dormiram. Era a sesta — duas horas.
Dormiram e sonharam com os aviões,
com os homens que iam nos aviões...
E não compreenderam...
. . . . . .

Acordaram.
Os corpos mais doridos de andar nos aviões.
A enxada,
mais pesada,
voltou à terra.
Voltou e revolveu-a com fúria.

E o cavador, olhando a enxada quente,
cismou... sonhou...
sonhou levantá-la até aos aviões.

MARIA DO ROSÁRIO

Douro Sombrio - Como lhe chamou Fausto José

Os que fizeram o Douro
com seu valor e encanto
deixaram lá o seu sangue
o seu suor e seu pranto

Iam de Terras distantes
em bandos como pardais
levando ao ombro a manta
e pão negro nos bordais

Partiam de madrugada
para andar oitenta léguas
antes da noite fechar

Pela manhã, alvorada
um copo de água ardente
para o corpo ficar quente

E toca de ir saibrar
um ferro de sete quilos
nas mãos frias gelar.

Ferro abaixo pá acima
o xisto ia partindo
e daí veio a vindima
e veio o Vinho do Porto
que o mundo bebe com gôsto*.

Ninguém pensa nos Titãs
que no frio da manhã
nas mãos doridas mijavam
pois que já não suportavam
as bôlhas* de carne viva
que o ferro lhes produzia.

Vinha o almôço* - sardinha
de barrica, coisa rica
salgada como sal puro
comida com o pão duro
que ele de casa trazia
para durar quinze dias.

Que saudades da Mulher
que esforçada, sem poder
ia os Filhos amparando
vendo-os de fome chorando.

A meio dia o jantar
arroz de grão, um manjar
e um copinho de vinho
do mais barato, brandinho.

De novo ferro na mão
até vir a escuridão
e à noite outra sardinha
p'ra queimar a barriguinha.
E depois dormir na palha
que abria o duro chão.

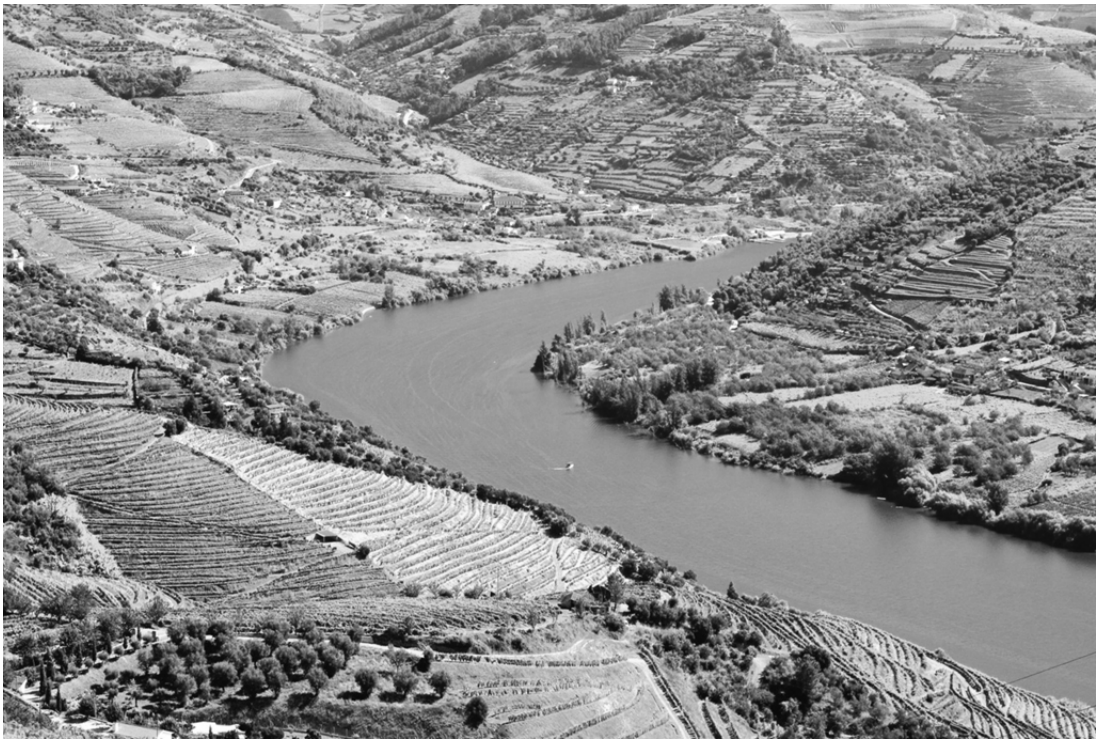
E ao fim de quinze dias
o dinheiro que trazia
não chegava p'ra pagar
o que na Venda[64] devia
mais a renda da enxovia
onde a Família vivia.

E assim se fez o Douro
em famoso tesouro
que fora p'ra Inglês ver
e nele se enriquecer.

Hoje é nome p'ra Turismo
sem ninguém se lembrar disto
Mas esse tempo passou
mal ou bem tudo mudou

[64] Foi a minha avó que pôs uma nota de roda-pé explicando: « 'Venda' nome que se dava às tabernas».

Há dias ouvi na Régua numa discussão sem trégua umas vozes muitas muito finas a falarem das vindimas Diziam, preocupadas «Vamos a ver os safados se contentam com a jorna destes dois anos passados. São capazes de pedir mais E nós ficamos tramados”.	A pouco e pouco o Patrão vem vendo que o facão a mesa e a habitação tudo é feito p’lo Operário com salário melhorado mas ainda muito explorado. Ninguém pensa que exagero nesta negra descrição de tudo fui testemunha e fiz observação. 21-5-99



Recordação

Era eu ainda menina
tinha dez anos talvez
recordo ouvir muita vez
dizer aos Trabalhadores
que só quando os seus Senhores
fixassem o salário
é que eles iam saber
quanto iam receber
por um dia de Trabalho

Eram doze, eram quatorze*
escudos por cada dia…
E o escravo agradecia
que fosse um dos escolhidos.

E lá iam, mal dormidos
o sol não era nascido
cavar as terras do Pão
podar ou saibrar o chão
e daí só despegava
quando não se via nada.

Comia o caldo e dormia
porque amanhã repetia
enquanto aquela empreitada
não fosse bem acabada.

E o que a Deus só pedia
era saúde e vigor
para com resignação
ir vender o seu suor.

Passados já muitos anos
muito sol e muita lua
muita promessa e enganos
a Exploração continua.

E em piores condições
de fome morreram milhões
quando ardem triliões
p'ra sustentar os canhões

E os canhões está visto
só servem p'ra quanto isto
este duro servilismo
que aguenta o Capitalismo.

E se é que bem existe
por certo que não assiste
a este mundo sem Lei
onde só o dinheiro e[65] Rei.

Há espera de melhores dias
há espera de melhor sorte
cá estamos de mãos vazias
sem ver a Estrela do Norte.

Mas a Estrela há-de aparecer
esteja longe ou esteja perto
ou então hão-de fazer
deste Planeta um Deserto.

3-6-99

[65] A minha avó escreveu«e», mas acho que só faz sentido ser «é».

Ao Veiga Leitão

Namorei com um Poeta
que gostava de contar
os ribeiros e as fontes
e os montes ao luar

Admirava as alturas
para ali se extaziar*
com os longes da ventura
que não podia alcançar.

Às vezes, os dois sentados
num penedo à luz do sol
ele dizia p'ra nós
«Gosto muito da ternura
Faminta da tua voz».

E tocava a minha mão
com amor, devagarinho
nela depunha um beijinho
demorado e amigo
e dizia em voz dolente

«Tuas mãos quando as abrigo
entre as minhas mãos morenas
lembram duas açucenas
em jarra de barro antigo».

Mas apesar de formoso
e de ter bom coração
não consegui querer-lhe mais
do que quero a um Irmão.

Bom Poeta Militante
por isso sofreu degrêdo*
na cadeia degradante

Lá escreveu «Noite de Pedra» -
- um Livro impressionante
Aonde o seu sofrimento
nos torna desesperante
esta tão grande apatia
que vivemos noite e dia
enquanto as armas destroem
o mundo onde habitamos

E vivemos, e comemos
passeamos e dançamos
como loucos desbravados
sem atender aos cuidados
de em breve sermos chamados
a morrer como soldados
numa guerra sem sentidos
aonde estamos metidos.

Sem ninguém nos perguntar
se nela queríamos entrar
e viva a Democracia
que a nossa alma arrepia...

Se fosses vivo Amigo
sofrerias a aflição
de vivermos neste perigo
sem se poder dizer NÃO!

6-6-99

Ladainha de almas plantas e bichos (sem ordem sem nexo sem sequência)

Sonhei que a relva estava a chorar
é que pés amigos não vem-me pisar
E vós ó roseiras que não abrolhais?
é que mãos amigas não nos podam mais
E tu lírio rôxo* por que não dás flor?
é porque ninguém me olha com amor.
Dizei-me ligustres porque estais queimados?
porque há muito tempo que não somos cortados.
E tu alecrim que é do teu gracejo?
eu tinha um amigo que há muito que não vejo.

E vós arranjos da casa como ides por aí Vós?
muito tristes porque tudo, tudo nos fala de Vós.
Diz-me lá cedro da entrada por que estás assim tão tôrto*?
porque de tantas saudades me sinto já quase morto.
Quadros e louças bonitas que fazeis aí parados?
estamos à espera que as Vidas voltem a ser Bem Amadas.

E nós p'reiras e videiras agora estamos de luto
Trazei-nos o Vosso Amor nós daremos nossos fructos*.
Flores grandes e pequeninas todas somos tuas filhas
não nos deixes Mãe querida senão ficamos perdidas.
'Scritórios lindos fechados cheios de nada perdidos
à espera do milagre que os torne ressurgidos.
Assim falam chilreando os alegres passarinhos
dai as mãos e novamente vinde ver os nossos ninhos.

Sofás, almofadas, toldos, por que é que envelheceram?
Temos saudades das mãos que com amor nos fizeram.
Sou a «Grinalda de Noiva» e estou toda florida
Ó meus amores vinde ver-me e será feliz a vida.
E as laranjeira folhosos e com flores perfumadas
Que diriam se soubessem que já não são estimadas?
E a hera devoradora por toda a parte infiltrada
Tornará o «Paraízo»* numa mansão arruinada?
E os vizinhos do lado em tempos tão considerados
Como hão-de sentir-se tristes por ver tudo tão mudado…

E a avó velha que arrancou milhentas ervas do chão
Que funda saudade irá lhe entulhando o coração
E a cesta de verga antiga mal ou bem sempre aviada
Coitada, já nem tem asas! 'sta toda deconjuntada

Aconteceu que uns olhares
P'ra outros olhos olharam
E sem olhar a mais nada
De tanto olhar cegaram

Vasos pequeninos que estais nas janelas
Quem os pôs aqui com amor foi Ela
Trapos de parede por que amarrotaram?
Foram as mãos d'Ela que os costuraram
Folhas verdejantes porque foste embora?
Porque nos faltou o Amor de outrora
Vem a primavera nós temos esperança
Que nesta agonia há-de haver mudança
Nós temos esperança que este nosso luto
Por força do QUERER há-de ser enxuto

E tu piscina tão fria tão parada tão gelada
Quando voltar a ternura hás-de ficar animada
E tu ó casa do forno com cadeiras amarelas
As festas da tua mesa para onde foram elas?
Foi a chama que apagou? Puseram-te lenha verde?
Hás-de acender-te de novo e com risos hão-de ver-te
E tu grelha das sardinhas para aí a enferrujar
Pede ao sol que vão a Torres[66] buscar «encantos» p'ra assar
E vós velhas oliveiras que dais folha miudinha
Dizei que quereis ver Netos sejam menino ou menina
E tu «Monte Margarida» diz-lhe que estás desejoso
De sentir a antiga vida de harmonia e encanto
Diz-lhes que a Amizade é Bela e o Amor nem sempre é santo
Até os antigos defeitos que eram tão agradáveis
o passar das luas novas tornou-os insuportáveis

Hão-de vir quartos crescentes
e depois as luas cheias
e com elas nascerão
nas almas novas ideias
e vós passarinhos tontos de biquinhos pequeninos
lembrai-vos dos olhares ternos a espreitar vossos ninhos?
Também eu a «Pereira Velha» aqui estou p'ra vos dizer
Morram «Kantes» nasçam «Nichas» darei fruto até morrer.

E eu, casinha florida, estou sofrendo morte física
Entrou em mim um caruncho
Que se chama Metafísica.

---

[66] Torres Vedras.

E eu pobre chão pisado
Imóvel e sempre mudo
Nasçam morram Pensamentos
Hei-de dar-vos sempre tudo
Eu e a Água e o Ar
E o Sol que nos aquece
Dou-vos a Vida, a saúde
Sem a qual nada apetece.
Cantai passarinhos todos
Zumbi abelhas nas flores
Ensinai que a Vida é Bela
Sem vida de Pensadores
Almas simples, almas boas
Sem conflitos sem cansaço
Sem actos de enlouquecer
Venham a nós num abraço
Não nos deixem perecer.

18/21-2-99



Pintainhos

Antigamente – Abril Maio
deitavam-se as galinhas
escolhiam-se as pedrîzes
pois punham ovos mais vezes.
Três semanas a esperar
a ver os ovos chocar
até formarem as penas
era de desesperar
Mas depois valia a pena
ver os lindos pintainhos
castanhos amarelinhos
como pólen de açucena!
Dizia a avó venham ver
venham ver o passarinho
com o seu frágil biquinho
o que consegue fazer.
Lá iam furando o ôvo
e assim iam nascendo
a ninhada ia crescendo
desde o mais velho ao mais novo.
Hoje compram-se nas feiras
como se compram cebolas
ou sofás ou macieiras
cobertores, cerejas, bolas.
Mas coitadas das franguinhas
já veem envenenadas
com as sacas das farinhas
com que são alimentadas
O menino já não vê
aquela bolinha quente
que mal nasce mete à boca
o grãozinho da semente
No brinquêdo ele só vê
mas não entende porquê
nem é preciso entender
basta a figura apar'cer
bonecos à cacetada
a subir e a descer
a fugir e a aparecer
e o Menino só a ver.
Não tem arco p'ra correr
nem pião para escarchar
não tem corda p'ra saltar
nem bonecos p'ra mexer
só anões a saltitar
sem nenhum lá habitar
não corre, não ri, não sua
não tem com quem se zangar
Não cai nas pedras da rua
só pensa em computador
mal conhece outro valor
a sua alma está nua.
Só lhe mostraram a festa
o lado lindo da vida
a outra, a vida sofrida
não lhe passa pela testa
não viu a "pita pedrês"
não viu nem uma só vez
um pintainho a nascer
nem uma fonte a correr.
Deram-lhe tudo já feito
encheram-lhe o bandulho
meteram-no num embrulho
atado com todo o geito
Assim viveu o Menino
fartinho mas embrulhado
vai-se ver atrapalhado
p'ra traçar o seu destino.
Não lhe disseram que a lua
Não se pode lá ir buscar
Disseram-lhe agora rua
E trata de te safar
E lá se vai cheio de livros
inimigos como sogras
sem Ideais, sem empregos
por isso se entrega às drogas.
Fez-lhe falta o pintainho
e as rabugices da Avó
talvez isso o ajudasse
e não se sentia tão só.

É que o coração precisa
de coisas pequenininhas
ver água correr nas fontes
e ver chocar as galinhas.

12-7-99

Distraída olhei p'ra o chão

Distraída olhei p'ra o chão
E vi uma vespa amarelinha
Com risquinhos pretos cor de girassol
Entrar num pequeno buraquinho

Rodeado de terra remexida
A seguir vi uns pelinhos
Lá por dentro a remexer
E notei que o buraquinho
Aos poucos e poucos ía
Tornando-se mais pequeno
Até que de todo fechou
E a vespa girassol
Ficou lá dentro criando
Novas vespas girassol

Na televisão falavam
Do horrível terramoto
Que arrazou a Turquia
Adultos e criancinhas

Tudo debaixo da Terra
A vespa porque assim quiz
A Turquia por que o não quiz.
A natureza o que é?

4-9-99

"A Mente"

A Mente que bichos é este
que anda dentro da gente
não se apalpa, não se vê
será Belo, será peste?

Será que o Urso tem Mente
e o lindo Galo que canta
terá Mente na garganta,
ou é só coisa de gente?

Parece que há quem perceba
dessas coisas de Eu e Ego
mas o meu Eu anda cego
não consigo que o perceba

Não entendo nada disto
sei que me sinto doente
e ninguém é competente
de me livrar deste isto

Não encontro este Nó
que se me atou cá dentro
na tal Mente ou Pensamento
e que de sumir não tem dó.

Tratados, livros Artigos
falam disso muito bem
mas ninguém diz de que vimos
dentro em mim ~~[illegible]~~ inimigos.

O meu corpo diz que é são
a Mente é que está doente
Freud, Pavlov, sim ou não
entendem desta aflição?

Pois-de-Boi deixado pelo mau tempo junto à praia de Vila Nova de Milfontes

Só a qui post a pente que não tenha entrado num carro e navegado d'ira que nunca tenha.

7-6-89

mostrei a Dr.ª Vinagre

Dia Grande

No dia em que o meu corpo
como a terra se rasgou
para brotar a semente
que nela se semeou
nem sequer houve uma flor
um geito* de acarinhar
que completasse a ventura
de ter ali p'ra mostrar
aquele beijo de ternura.

Apesar daquele amor
tão leve como arminho
dormindo ali no bercinho
parecendo um Anjo de cêra*
senti o que sucedera.

Mais um nó que se fazia
p'ra juntar aos que lá havia
a entupir o Pensamento.
E foi assim, um a um
que se formou meu tormento

Agora que os nós estão cegos
difíceis de desatar
não encontro nenhum pego
por onde vá começar
só me resta aguentar
às vezes chorar, chorar
ajuda-me a aliviar.

10-6-99

"Desespero"

Desde as onze da manhã
que estou neste desespero
Já tomei três comprimidos
Já chorei lágrimas quentes
mas o meu sono não chega
e a cabeça não sossega.

Ó Senhora do Rosário
da Igreja de S. Coxinado
Rogai lá Tu o que fores
estejais onde estiveres
Roga a minha Madrinha
no dia do Baptizado

Se poderes dá-me um falar
como dá qualquer Madrinha
e o Falar que eu te peço
com toda a ansiedade minha
é um pouco de sossego.

Sei bem que o não mereço
mas atende o que Te peço.

Olha filha ~~Tua afilhada~~ minha que suponho
e dá-lhe a prenda sonhada
de a ver aliviada
deste grande sofrimento.

Meu corpo não tem sossego
não durmo, não faro, choro
rebento de aflição
e não sinto um só momento
de alguma consolação.

Por isso minha Madrinha
se é que Te amiga minha
faz a minha redenção.

2-6-99

Remédios

No tempo em que era jovem
quando estava doente
tomava medicamentos
como toma toda a gente

Estava sempre ansiosa
por os ver quase a acabar
pois sabia que a doença
também ía terminar

E vinha a convalescença
- uns dias de paciência
e tudo iria ao normal
tinha-se acabado o mal

Agora tudo é diferente
tomo gotas, comprimidos
redondos, outros compridos
brancos, azuis, amarelos
tomo chás, como farelos
mas o mal está presente.

Dizem que o meu corpo é são
eu não sei se sim ou não
sei que me sinto doente
daquilo que não se sente

Estou doente da alma
ou dos Nervos não sei bem
Meu corpo perdeu a calma
Não sei o que é estar bem.

27-6-99

Súplica

Ó meu querido coração
da cor da minha paixão
sempre foste meu amigo
eu sempre contei contigo
e sempre Te obedeci.
Sempre me guiei por Ti.

Agora venho pedir-Te
na hora que vem aí
cada vez mais iminente
que não Te afastes de nós!
Acompanha os grandes nós
em que a vida nos atou.

É por isso que aqui estou
somente por este assunto.
- arranja lá tudo junto
não nos deixes sofrer muito.

Não Te esqueças – sê clemente
e leva-nos de repente.
É só isto que te peço
e desde já Te agradeço.

30-5-99

As duas Marias

Convidei muitas pessoas
falei com elas às boas
p'ra comigo ir passear
para me virem contar
quais são as grandes razões
porque andam aos encontrões
dentro de mim a brigar.

Disseram-me muitas coisas
passadas há muitos anos
falaram-me dos enganos
quando eu chorava e ria
sem saber o que fazia.

Acusaram-me de ser
uma Maria-rapaz
só por não gostar da escola
e preferir jogar à bola.
Acusaram-me de ser
uma tonta leviana
que mudava de namoro
de semana p'ra semana.
Acusaram-me de ser
mandriona descuidada
por que me vestia mal
e nunca me engrifava.

Acusaram-me de tudo
com grande severidade
mas sei que nenhuma delas
viu minhas necessidades.

Se eu queria ser saciada
a sede que me queimava
logo a Outra me chamava
e dizia que pecava.

E eu pecava em segrêdo
mas vivia em degrêdo
perdida cheia de medo
de cair nas mãos do demo.

Nenhuma entendeu meu corpo
com suas necessidades
se uma a satisfazia
com suas possibilidades
logo a outra a consumia
com suas santidades.
Olha o corpo a gritar!
- Não o ouças! Vais perder!
E eu pecava em segrêdo
mas sempre a morrer de medo

E nesta dualidade
consegui viver sofrendo
conservando a Virgindade
até uma elevada idade
Por certo não foi em vão
que vivi tal contradição
mas sei que me magoei
pela minha própria mão.

E agora que eu procuro
por quê castigo tão duro
que vivo a suportar
percebo que tenho nós
que nem chamando por vós
os consigo desatar.

Eu digo à Outra Maria
que a Natureza é tão forte
que inda hoje me domina
como quando era menina.

E este inferno que sinto
e me enche o pensamento
é forte como a raiz
que faz resistir ao vento
a árvore que sustenta
e que no Inverno morre
e na Primavera rebenta.

Eu sinto-me no Inverno
mas continua o Inferno
Marias! que hei-de fazer
sofrer isto até morrer?

25-5-99

Desejo ardente

Queria fazer um Poema
que me tirasse da Arena
onde ando a lutar
desde há tanto sem parar.
Mas por mais que o deseje
que essa graça almeje
caio sempre no fundão
da minha má confusão.

Anda, minh'alma resiste!
Mas este fantasma insiste
e não o vejo a afastar
procuro amar o meu lar
mas ele me enfada
não me encanta nele nada
nem as flores da varanda
coisa outrora veneranda

Apetece-me fugir
Mas não sei para onde ir.

Procuro-me desde o berço
não encontro nem um terço
do muito que anda cá dentro
tal e qual como um fermento
fazendo a massa crescer
p'ro pão se poder comer

E se isto continua
se o Fantasma não quer rua
só me restará viver
assim como este sofrer.

Não me quero conformar
não pararei de lutar
e se este Fantasma insiste
a procura não desiste

Sei bem que se adensa a sombra
e se esse mêdo me assombra
a vontade não termina
de encontrar a assassina
confusão que me domina.

Lisboa, 27-5-99

Poema em prosa

Sei muito bem que um Poema
p'ra não ser antiquado
tem de ser muito intrincado
transcendente, complicado.
Que deixe muito escondido
o que deve ser explicado.

Repito: -sei que um Poema
p'ra ser Bom p'ra ter valor
tem de ser indecifrável
tem de ser disfarsador,
expressar o pensamento
de modo confundidor.
Só assim se é moderno
e um bom versejador.

Mas o que eu tenho a dizer
o que me enche o pensamento
é este inferno que sinto
em mim a todo o momento.

Bem sei que fora de mim
há Operários que caem e morrem no pavimento
quando aos dezoito anos estavam ganhando o sustento
Que há levas de fugitivos a fugir de quem os mata
Que há fome, há dor e há luta, nesta terra tão pacata
Que há no sangue do meu sangue tristes dramas sofrimento
Só que esta sabedoria não me cura o sofrimento
não me ajuda a procurar o meu entorpecimento
a razão porque me sinto em sossego um só momento.

Algo de grande interrompe o recto funcionamento
desta máquina encravada por falta de um elemento?
Ou então desengrenada por algum NÓ violento
que se cegou não sei quando, nem por que acontecimento.
Ou se sei não o consigo arrancar, soltar ao vento.
Os dias passo esperando. Conto momento a momento
Separar de mim as vidas que andam lutando cá dentro.
Engulo todas as drogas. Calo todo o meu lamento
Mas estes Nós que me apertam, são fixos, sem movimento.
E assim vou vivendo a Vida com a Esperança por sustento.

24-5-99

Passeio Virtual

Fui comigo passear
até à Estrela Polar
Numa noite de luar
estivemos a conversar
e Ela disse-me assim
Há muitas 'strelas no céu
mas nenhuma igual a mim
Há outras parecidas
e milhões desconhecidas

Agora vais-me dizer
que vieste cá fazer?
Eu vou contar-te ó Estrela
que és de todas a mais bela
que trago um fogo a arder
dentro de mim sem poder
apagá-lo eu sozinha.
Vim pedir-Te ó Estrela linda
que me digas se ainda
haverá no Mundo Luz
que ilumina a minha cruz
e alguém que a possa olhar
p'ra dos ombros ma tirar.

Cada dia é mais pesada
e eu já estou demais cansada.
Diz-me Tu Estrela Polar
se só me resta aguardar
se só me resta aguentar
se só me resta sofrer
este Inferno até morrer.

Por isso te vim dizer
Só me resta agradecer
Teres ouvido o meu queixume.
Se não apagares meu lume
Aceitaste o lamento
isso dá-me algum alento.

23-5-99

“Ouvir a água das fontes”

Ouvir a água das fontes
Trepar uma cerejeira
Galgar o alto dos montes
Falar de qualquer maneira

Mas falar, falar do fora
daquilo que não me habita
falar da chuva da fruta
de alguma coisa bonita.

Deixar o meu Eu sozinho
entalado em minhas fráguas
não o ouvir sempre e sempre
a carpir as minhas máguas.

Poder dormir sossegada
sem sentir esta soalheira
que me cega que me alaga
me enlouquece a noite inteira

que me faz sair da cama
às 4 horas da madrugada
e vir p’ra aqui escrever
ver se fico aliviada

Pra fugir da escravidão
de viver dentro de mim
de sentir esta aflição
este tormento sem fim.

Mas por muito que me esforce
por viver em outro Mundo
sinto sempre lá no fundo
a falta do que não tive

daquilo que não vivi
e que o meu Eu desejava
que o coração me mandava
e eu não lhe obedeci.

Eu queria fugir de mim
mas o meu Eu não me deixa
apelo ao meu coração
apresento-lhe queixa
mas Ele diz-me enfadado
que já está muito cansado

que já não tem paciência
p’ra aturar a impertinência
dos meus males complicados
diz que se eu sofro assim
somos os dois os culpados

Mas eu sei que a maior culpa
lhe cabe a Ele pois foi
quem me obrigou a viver
a Vida que hoje me dói.

Foi ele quem me exigiu
um viver pleno de Amor
de Paz ternura e carinho
mas não me fez tal favor

Por isso me sinto agora
toda por dentro de mim
procurando não sei quê
nem porquê nem p’ra que fim

Eu queria fugir de mim
deixar meu Eu por momentos
ver o sol, ver a lua
ter antigos pensamentos

Andar por fora sosinha
sentir a força do vento
saltar as pedras do chão
cortar uma florsinha

Não fugi, não procurei
pasto p'ra muita ambição
preferi viver faminta
de ternura, de paixão.

Amparei Pais, tive Filhos
que foram o meu encanto
mas lá dentro havia um canto
que estava escuro sem brilhos.

Talvez por isso ando agora
metida dentro de mim
à procura do sem fim
da sede que me devora.

Da sede que provocou
este tormento em que vivo
que a Medicina não cura
e que eu também não consigo.

Sinto o corpo vergastado
espremido desesperado
sem nada que o sossegue
quer dormir mas não consegue

somatizei tudo isto
teci um extenso ról
não há luar não há sol
que me venha livrar disto

Cinco horas da manhã
o relógio já bateu
cheguei ao fim do papel
o sono não apareceu

Vou p'ra cama sem ter sono
aturar um sofrimento
que quando estou deitada
é o meu inteiro dono.

5-7-99





Yolanda e Pedro Pombo, mãe e pai da minha avó

“Foge de mim ó cidade fria”

Foge de mim ó cidade fria
Fica lá no teu Marão
Não causes mais sofrimento
Ao meu pobre coração.

Se eu procuro esquecer-te
Porque é que tu não sais
De vêz* da minha atenção?
Porque é que o meu pensamento
Se perde nos teus contornos?
Devassaste a minha alma
Lá ficaste sem eu querer
Porque não deixas, cidade fria
Que seja em paz meu envelhecer?
Quero arrancar-te mas não te encontro
Dentro de mim só há Marão
Um NÓ imenso que não desato
Nem com a alma, nem com a mão

Foge de mim cidade agreste
Não absorvas meu pensamento
Varre-me a alma deste tormento
Como a ti te varre o vento.
Varre o passado, tem compaixão
Sai duma vez do meu pensar
P’ra ver se venço esta aflição

Maior que a serra de teu Marão.
Como pudeste esconder-te assim
Dentro do meu coração pequeno
Envenenar todo o meu ser
Sem eu saber qual o veneno
Deixa-me cidade fria
Vencer a tua visão
Quero enterrar-te de vez
No fundo do teu Marão.

(Sem indicação de data)

Dívida desconhecida

Diz o doutor sapiente
que existe dentro da gente
uma outra criatura
que não é igual à gente
mas toma conta de nós.

Sabe tudo que fazemos
ouve sempre a nossa voz
e faz com que o nosso corpo
seja o pagador de nós.

Pague tudo o que fizemos
ou fizeram de nós
que nos enredam em Nós
que só nós desmancharemos.

Ando à procura da multa
a que chega essa tal conta
pois gostava de a pagar
para me aliviar.

Passo a vida a procurar
a poder avaliar
a dívida que contraí
até hoje nada vi[67]
mas inda não consegui.

E aqui estou a padecer
a pagar não sei porquê
dívidas não sei de quê
será assim até morrer?

9-6-99

[67] Esta frase estava riscada.

- Passeio interior -

Hoje fui dar um passeio
às Terras de meu enleio
à minha Infância Tristonha

Tinha seis anos apenas
"O melhor que as pequenas
fossem espiar a pegonha
lá fora o meio da escada"
Para não ouvirem nada
daquela coisa medonha.

Não vimos o passarão
mau grado toda a atenção
com que nos mandou vir cá

Vai a franco o Paizinho
veio pôr-se de mansinho
brincar nos fora ir ver
um bonito pequenino
muito rosado gordinho
gemendo sempre a chorar

Em água com anis de oiro
deram banho ao tesouro
que acabara de nascer
e que havia de crescer

Passados dias - que horror
veio um febrão, muita dor
e a Mamã foi-se embora
nessa malfadada hora

Nunca entendi a razão
porque se foi" mau coitado
a Mãe que não via agora
e que tinha os seus 28 anos

em cruz em cima do leito

Por mais que eu chamasse
e que o Paizinho chorasse
mais ninguém nos acompanhou
Ela nunca mais voltou

A Bibé pequenininha
era uma linda menina
em que queria pegar
mas ninguém me consentia
foi logo a gente dizia
que a prodia escangalhar

A mamã foi-se embora
para uma cama de dor
que tinha leitinho sal
e morava ao pé de um rio,

Tudo ficou mais tristonho
o coitado pelo medonho
a tristeza era infinita
na minha alma pequenita

Foi-foi longe mas ainda
ouço muito alma a doer
o coração a bater
como os ases da pegonha

Por isso meu passear
ao fundo do meu pomar
cheio de amor e vergonha
vergonha por ter esquecido
a Mãezinha que partiu.
a primavera que a seguiu
quando ainda não falava
tinto tudo cá no fundo
mas como em outro mundo
mas não morri de saudade

3-7-27

Este tormento infinito

Minhas rimas são queixumes
que ardem em vários lumes
e não os posso apagar

Quanto mais eu penso neles
mais sinto às vezes que eles
se começam a atear

Seja qual for o meu grito
«Este tormento infinito»
Não me deixa sossegar.

Estou sempre à espera da cura
peço ao tempo que não passe
peço ao Nó que não me enlace
mas cada hora é mais dura

Rebusco meu pensamento
recalco muita aflição
mas só encontro na mão
as palavras por sustento

As palavras, as que escrevo
ao correr do meu pensar
viver calada não devo
e eu mal posso falar.

8-6-99 (mostrei à Drª Vinagre)

Procura

Quando havia uma meada
retorcida enricada
vinham logo ter comigo
para ver se a endireitava.

Com cuidado e com prudência
com jeito e paciência
fiava tudo direito
ficavam os Nós desfeitos.
Quanto mais emaranhada
mais me sentia interessada.

Agora que estou cansada
de procurar a meada
que ocupa o meu coração,
sinto que tudo é vão
e não chego à conclusão
se tenho meada ou não.

Se tenho Nós que não são
possíveis de desatar
ou como os posso encontrar.

Estarão no sangue, na pele
nos nervos ou na cabeça?
Ou em qualquer parte do corpo
que eu ainda não conheça?

Procuro-me há cinco anos
luto para me encontrar
faço tudo quanto posso
para me modificar
dava tudo quanto tenho
para me puder curar.

Mas este fantasma insiste
em me querer desesperar.
Ri-se de mim sem que eu possa
fazer mais do que chorar.

22-5-99

Poemas posteriores a 1999

Momento[68]

Penetrar devagarinho
Na terra boa e amiga
Que nos deu o pão e a flor
E finalmente me abriga
Me recebe no seu seio
Para aí me transformar
Em outra coisa qualquer
Até o mundo se acabar

Sem caldeiras a ferver
Sem delícias de encantar
Apenas o fim de tudo
O partir, o acabar

Sem saudades da vida
Sem saudades deixar
Entrar no seio da Terra
Ficar nela a levitar

Ajudar a Primavera
A encher os campos de verde
Trazer de novo os Outonos
Com ventos a assobiar
Com folhas tontas no ar

Como elas apodrecer
Como elas me transformar
Em pão, em água, ou em ar

1-8-2000

[68] Foi este o poema que li no momento em que o corpo da minha querida mãe desceu à Terra (Olga Pombo)

“Acordei agora, quinze horas e doze minutos”[69]

Acordei agora, quinze horas e doze minutos
Estou sozinha. O marido saiu.
Tenho filhos. Tenho Netos[70] e um telemóvel estragado.
O telefone não toca
Está um sol radioso
E eu ainda sou capaz de enfiar a agulha
- a de mão, e a da velha e querida máquina, aonde estou sentada.

Olho pela janela. É «Quarta-feira de Trevas».
Vejo carros, muitos carros
E o barulho dos calceteiros
Colocando pedrinhas com unhas de pedra
Vejo árvores, muitas árvores a crescer
E uma além a secar, aqui mesmo em frente
E tenho vontade de fazer xixi
É bom ter vontade de fazer seja o que for.
Apetecia-me ouvir Verdi mas é tão longe a sala…

É quarta-feira de Trevas[71] e eu quase entrevada
Por isso é longe a sala e é longe tudo.
A natureza é sábia… por isso a sala é longe

11-4-2001

[69] Este terá sido o último poema da minha mãe. Daqui para a frente, a sua escrita tornou-se nebulosa, o traço incerto, irregular e sinuoso, até ao silêncio final.
[70] Num outro papelinho descobri outra versão (não se sabe se anterior se posterior), em que a minha avó acrescentou «tenho bisnetos»
[71] Nessa outra versão, o poema termina de outra forma: «e eu quase não posso andar… A Natureza é sábia…».

Acrósticos

Em Novembro de 1974 fiz este poema — Acróstico — que enviei ao próprio General Vasco Gonçalves e que ele me agradeceu com palavras de apreço.

A minha admiração e consideração por aquele Homem extraordinário vai aumentando, se é possível, à medida que lhe vamos sentindo a falta.

Aqui mando, pois, esta modesta colaboração para o livro-dossier que estais preparando, se entenderem por bem incluí-la.

Aproveito a oportunidade para vos agradecer tudo quanto estais fazendo no sentido de erguer bem alto esta figura mais alta do 25 de Abril. Este gigante que pigmeus querem sufocar e ao qual a História talhará a verdadeira dimensão, algum dia.

Valor bondade simpatia
Abnegação fervor inteligência
Suavidade exaltação bom senso
Coragem amor ponderação
Os atributos reais do Teu talento

Grande é o peso que sobrecarrega
Os Teus ombros de Bravo Militar
Naus antigas Naus de hoje Naus negreiras
Clamam Justiça Independência Paz
As gentes pobres deste «Império» pobre
Lutaram sempre sem pão e sem casa
Voem Tuas palavras pelos ares
Ecoem pelas serras pelos mares
Serenamente como um Sol em brasa.

LISBOA, 25-7-76.

Para o Camarada Álvaro Cunhal esta modesta homenágem* de uma camarada de sempre[72].

Alvos de neve são os Teus cabelos

Luminoso o olhar que tudo penetrou

Vasada* no cadinho da Tortura

A Tua corágem* fronteiras abalou!

Roída a alma de saudade e luta

O Amor da Pátria sempre Te animou

Cálidos ventos acoitaram velas

Uma a uma e outra e o milagre deu-se.

No preciso instante da submersão

Houve que salvar a Lusa Embarcação![73]

As sementes que lançaste deram fruto

Liberdade! é o grito. – Luta a Tua condição[74].

26-2-75

---

[72] Este acróstico tem cinco versões (todas do mesmo dia). Creio que esta que transcrevo é a última, pois tem no fim a morada da minha avó. A primeira nem sequer tem título e está escrita nas costas de uma outra num papel misteriosamente timbrado e designado por «Governo do Distrito do Moxico. Luso. Residência do Governador (particular)». Naquela que considero ser a segunda podia-se ler no título: «Para o Camarada Álvaro Cunhal este Acróstico, modesta homenagem de uma camarada de sempre».
No entanto, a versão que transcrevo também não foi a última pois «de uma camarada de sempre» também está riscado.

[73] Antes a minha avó tinha escrito «caravela» na primeira versão e na segunda acrescentou «amada».

[74] «Livres mas em Luta ao teu lado Camarada» é como termina nas outras duas versões, se bem que já na primeira a minha avó hesitava entre as duas de tal modo que as escreveu e riscou esta frase.

Mandei em 3-5-75

Para o Exmo Brigadeiro Otelo Saraiva de Carvalho, este ~~heróico~~, modesta homenágem de uma Mãe portuguesa, admiradora sincera e agradecida, Maria do Rosário Pinto

O vento poderá, se for tufão
Tomar-Te em suas asas e ensaiar-Te
Enrodilhado contra a Face da Morte
Levará assim na sua fúria louca
O Homem mais audaz sereno e forte

São disso exemplo os Teus olhos Belos
As Tuas palavras profundas e certas
Repassadas de energia e valor d'alma
Afáveis, calmas, quais manhãs de Abril!
Impões-Te aos Teus nervos o comando
Vences a emoção com a bravura
Aparente que se mostra e nos acalma.

Dominas os leões que rugem esfaimados
E mostras-lhes a razão da Razão da Vida.

Crente da Justiça que Te move
Apontos, com Teus Bravos Companheiros
Rasgões de Luz ao Povo que Te adora.
Viva ~~entanto~~ a ameaça da Tortura
A infernal reconquista do passado
Lutaremos todos juntos a Teu lado!
Ha-de haver Pão e Paz neste País
Onde ha' Homens Valorosos como ~~Ele~~ Tu

16-3-75 Maria do Rosário Pinto

Elsa

Para a enfermeira Elsa, o poema prometido – um modesto acróstico que traduz a simpatia que me inspirou.

Ela é bonita, alegre, bem disposta
Ligeira no trabalho, airosa no falar
Sabe dar conforto - sabe e até gosta!
A quem da vida já pouco ou nada tem a esperar.

4-4-2001
(já entreguei em 8-4-2001)



Alice

Agora és um botão de rosa pequenino
Lindo a abrir devagarinho
Imaculada rosa branca serás um dia
Crescerás e depois serás uma roseira forte
E darás botõesinhos lindos como tu.

4 da manhã, 1-10-2000



Textos de intervenção

Para as raparigas

"Página Feminina"! Estas duas palavrinhas representam, para mim, uma interrogação. Sempre que as ouço me apetece perguntar: por que é que será que não existe (eu, pelo menos, nunca vi!) uma "Página Masculina"? Será porque são masculinas todas as outras que não são femininas? Talvez... E está bem! Não foi a mulher tirada de uma costela de Adão? (Assim mo afirmava minha avó quando eu tinha cinco anos...).

Mas para a frente, portuguesas do século XX! Nada de desânimos! O tempo dos nossos avós já lá vai. Agora temos até temos páginas femininas (algumas delas organizadas por homens!...) Viva o progresso! E é que são muito bem feitas as tais folhinhas.

Inda há dias me obrigaram a ler numa umas coisinhas de "muito valor" (Falava uma mulher). Contarei, mais ou menos, o pouco de que me lembro. O título era "Os homens não gostam...". E sabem de quê? De ver as meias tortas; de ver as unhas em forma de garra e exageradamente encarnadas. De gargalhadas estridentes, de manifestações amorosas em público, de mulheres afectadas, etc., etc.

Gostei de ler estas novidades "interessantes"! É que eu estava convencida que os homens gostavam muito de ver as meias em forma de parafuso, as unhas ensanguentadas, de ouvir gargalhadas semelhantes a trovões, etc. São cousas tam lindas!...

E também já tinha ouvido falar de "Bibliotecas Femininas". Não resisto à tentação de vos contar o que me disse há tempos a mãi de uma rapariga minha amiga:

- "Biblioteca feminina... é uma colecção de livros bons, que interessam particularmente às meninas. São livros escolhidos, livros cheios de moralidade. Só esses elas deviam ler porque são bons, instrutivos."

E ali fiquei eu, satisfeita, pensando que se tratava de livros instrutivos de facto que preparassem a mulher de amanhã, que a ensinassem a ser uma mãi digna, capaz, consciente. Livros que tratassem os assuntos que realmente interessassem às raparigas que se preparam para a vida, para companheiras dos homens, dos homens seus iguais, seus amigos, e não seus donos e senhores. Livros realistas que mostram a vida tal como ela é, tam simples, tam natural, e tam deturpada por certos "moralistas".

Mas não! Os livros não eram nada do que eu pensava! Eram livrinhos côr de rosa... muito lindos... repletos de personagens

artificiais, de palavriado ôco e por vezes duma moral sem classificação.

São estes os livros próprios para raparigas! Faz pena, não faz? E é vê-los por aí, ao lado uns dos outros, confundidos, misturados, como se houvesse comparação possível entre um "Terra Bemdita" e um "John, Chauffeur Russo"[75]!...

Desobedeçamos, raparigas! Digamos às nossas mãis que queremos ler tudo e, sobretudo, queremos ler cousas que valham a pena. Digamos-lhes que queremos ouvir tudo, que os nossos ouvidos não se mancharão se nos falarem a sério em tudo quanto nós precisamos de saber, sem aquêle ar de culpabilidade que dá às cousas mais nobres o carácter de crime imoral.

Organizem-se páginas femininas, sim, mas que venham ensinar-nos mais alguma cousa de utilidade além de um "risco" para juntar aos milhentos que já temos em casa! Que venham ensinar-nos a vantagem de amontoar, na cabeça, ideias, conhecimentos, em vez de caracóis e ganchinhos de toda a espécie!...

Sejamos curiosas. Queiramos saber muito para sabermos querer.

Os homens não gostam de mulheres ignorantes.

"Estrela do Minho", n. 2429, a 7 de Junho de 1942, pp. 2 e 3.

O preconceito

Disse muito inteligentemente Maria do Céu Gouveia. Da primeira palavra até à ultima a autora teve sempre razão.

Na verdade, êste vélho senhor Preconceito anda pelo mundo sem outra missão além de tolher a felicidade de cada qual. A todos atinge com as suas exigências perniciosas. Os de carácter íntegro e firme – autocríticos das suas acções – que procedem como querem e entendem, sofrem, embora brevemente, por pouca importância ligarem, a censura mordaz daqueles incapazes – incapazes de agir sem tabela para os seus actos.

É preciso, sim, "que sejam as próprias raparigas a romperem com o dique das pieguices, edificando um novo mundo onde a confiança seja o lema de todas as horas".

Está muito bem, camarada amiga, mas... confessemos que não é nada fácil. É que aos ouvidos de centenas e centenas de raparigas chegam palavras nitidamente opostas às que v. acaba de nos dizer.

---

[75] Referencia aos célebres romances sentimentais, respectivamente, de Pearl Buck (*The Good Earth*, 1931) publicado em tradução portuguesa pela editora Globo em 1940 e de Max du Veuzit (*John, le Chauffeur Russe*, 1931) publicado em tradução portuguesa pela editora Romano Torres em 1941.

Ou seja por má fé, ou seja por cegueira, não falta quem, constituindo-se autoridade, grite às raparigas que "é feio" ultrapassar os limites do "bom tom". Chamam "pecados", e chegam mesmo a descrever certos castigos que merecem, certas práticas ingénuas e naturais que enchem de encanto a vida que, a todo o custo, pretendem ennegrecer.

A Humanidade será tanto mais feliz quanto maior fôr a soma de felicidade gozada por cada indivíduo. Assim, pois, é um crime a obediência aos preconceitos que nos tornam infelizes.

E é triste verificar a enorme legião de pessoas que, inconscientemente, vivem acorrentadas às determinações falsas e sem fundamento destas vélhas ideas dominantes que temos o dever de substituir. E há cousas verdadeiramente fantásticas!... que tocam os rios do absurdo!

Por cá, nas pequenas aldeias, onde a ignorância é maior, os costumes são mais rígidos ainda. Mas nota-se, bem distintamente já, um grande movimento emancipador. Algumas raparigas não toleram tutelas que as escravizam. Rompem com as vélhas tradições e costumes e procedem de forma mais natural. E como única explicação para o seu proceder, aleivosamente classificado imoral – só porque não é hipócrita – têm a sua vida honesta e pura, a consciência dos seus actos, dignos, e a todos os títulos respeitáveis.

Fora com o preconceito, raparigas! Façamos na vida aquilo que nos apetecer, depois de termos aprendido a apetecer cousas dignas de nós, da nossa dignidade de mulheres. Mostremos ao Mundo que somos bem capazes de nos sabermos conduzir sem o chicote das vélhas ideas obrigando-nos a estar dentro da limitada circunferência onde nossos avós mal podiam permanecer já. Gritemos que parece mal não fazer isto ou aquilo só porque... parece mal aos outros.

Sòmente devemos deixar de proceder desta ou daquela maneira quando esse proceder nos pareça mal a nós próprios. Então, sim! Muito cuidado. Custa mais ouvir as severas recriminações da nossa consciência bem formada que as violentas reprimendas dos "delegados" do tal vélho senhor Preconceito. Respeitar os nossos superiores, respeitar e amar profundamente os nossos pais, não é sujeitarmo-nos à sua vontade – despótica e mal orientada tantas vezes! – que nos tolhe os movimentos mais naturais e precisos à nossa felicidade, ao bem-estar da comunidade, que sofre sempre que um dos seus membros não é feliz. Realizemos pois a ventura, para bem de todos, dentro da nossa vontade esclarecida e forte. Desprezemos o preconceito e preocupemo-nos deveras com a formação da nossa auto-educação, da nossa individualidade, com tanto, ou mesmo mais, carinho e esmero, como as pessoas preconceituais cuidam em "parecer bem". É urgente.

"Estrela do Minho" n. 2477, 8 de Maio de 1943, p. 2.

Coisas de gente doida

Conto por Maria do Rosário.

A Maria Aurora era a criada do menino do sr. dr. Navarro. Todos os dias, das dez horas às onze e trinta, o levava a passear para arranjar apetite para o almôço.

Há dias a Aurora e o Nèquitas foram ao costumado passeio. Na estrada, logo ao sair da pequena povoação onde viviam, encontraram-se com um grupo de rapazitos que andavam a jogar o botão. O Nèquitas juntou-se logo ao grupo de farrapilhas e, com uma naturalidade encantadora, entrou a jogar com êles. A Aurora, um pouco mais adiante, conversava com uma rapariga que encontrara.

— Rapaz, dá-me um botão — pedia o Nèquitas a um dos miúdos.

Não sabia o nome de nenhum, mas todos sabiam o nome dêle. Não os conhecia apesar de viverem na mesma terra, mas achava-os a todos muito engraçados. Já eram amigos. Por que seria que o obrigavam a brincar sòzinho ou com a forpa da criada quando êle se sentia tão bem ali ao pé daqueles pequenitos como êle que de tão boa vontade lhe deram os botões para jogar? Sim, porque êle não tinha botões; tinha carrinhos de tôdas as côres, feitios e qualidades. Navios, tambores, soldadinhos, muitas coisas lindas, mas não tinha botões. E nunca os brinquedos lindos com que passava em casa sob as vistas da Aurora ou da mãe, lhe pareceram tão engraçados como aquêles botõezinhos jogados ali ao sol na companhia daqueles meninos sujos, que todos êles eram apetite para um bom almôço, para o almôço que Nèquitas tinha para comer logo que chegasse a casa.

— Joga, Néquitas. Agora és tu.

E o Nèquitas jogava e ria, feliz como nunca. Quem lhe dera andar ali sempre a brincar com aquêles meninos tão engraçados! E se pudesse rebolar pelo chão como êles faziam... isso é que seria bom! Mas tinha mêdo, mêdo de sujar o casaquinho. A mamã dissera:

— Não sujes o casaquinho, Necas. Olha que é novo. Se o sujas, apanhas.

A mamã não batia, era muito boa, bem o sabia o nosso Nèquitas, flor do campo que estùpidamente obrigavam a vegetar numa estufa. A pior era a Aurora. Ralhava mais que a mamã e não perdoava tão depressa como esta.

O Nèquitas estava corado, radiante, feliz, ali a jogar o botão. Sentia-se outro. Quem lhe dera poder ir buscar todos os seus brinquedos e distribuí-los por aquêles companheiros tão bons!

A mamã era muito boa mas muito mentirosa. Costumava dizer:

— Aurora, não deixe o meu filho ir para junto dos garotos da rua porque são muito malcriados e êle aprende tudo.

Era mentira. Os garotos da rua deviam ser aquêles meninos e não eram nada malcriados. Eram até muito engraçados e muito bons, muito alegres.

— Menino, menino, Nèquitas! Ai onde êle está! Ora vejam! Vamos, saia daí para fora depressa. Ai o menino! Então não sabe que a mamã ralha por andar com êsses garotos? Ai, Deus me livre de ela saber... Mas que menino êste! Saia já; não ouve? Hei-de acusá-lo à mamã, deixe estar, seu mau.

— Não ralhes, Aurora, não ralhes. Não quero ir. Quero ficar com os meninos. Gosto dêles, são bonitos. Não ralhes, Aurora, não?

Mas a Aurora estupidificada pelo mêdo da «senhora» quási arrastava o lindo menino enquanto deitava olhares furibundos aos atrevidos, olhares que redobravam de cólera quando ouviu um dêles, o mais crescido, dizer ao «seu» menino:

— Não vás, Nèquitas. Não faças caso da moça; ela é bruta.

— Ai, é bruta? Espera aí, meu malcriadão. Em que barca passaste com o menino? Anda diz. Em que barca passaste com êle?

— Que raio é que vocemecê está a dizer?

— Digo-te isto, meu malcriado. Pregunto-te em que barca passaste com o menino para o tratares por tu. Cuidas que êle é da tua igualha? Malcriadões!...

Os miúdos esfarrapados olharam tristes uns para os outros e todos para o Nèquitas que, apertado nos braços robustos da moça, se afastava a chorar dos companheiros amigos. Batia com braços e pernas mas a Aurora fugia, fugia do pé dos garotos, olhando para todos os lados a ver se havia alguém que, vendo o seu descuido, a fôsse acusar à senhora. As lágrimas cobriam a cara do Nèquitas que, já de longe, olhava para os companheiros que ficaram no mesmo sítio, muito tristes a dizer:

— A burra da mulher é doida. Se não fôsse por magoármos o Nèquitas, havíamos de a escorrigar a pedrada. Era o que ela precisava, aquela doida.

Opiniões...

...àcêrca de modas

por Josefina de Vasconcelos

Há um par de anos que se adopta a moda das saias curtas e, se bem que tornem a mulher mais juvenil, é preciso atender às proporções das mesmas. Se a mulher é jovem, bem feita, interessante, é indiscutível que a saia curta a favorece

têmo-nos em ter merecido encómios.

Passada essa época radiosa, não pretendamos enfileirar ao lado das jovens, porque caïremos no ridículo.

A saia até ao chão, ou de cauda, não deve voltar a usar-se, por in-

NOS CAM

Nas sombras
— oh! noite
poisou na m
vencendo, po

E a fé, que
sentiu-se est
Rasgou-se o
ante o ciclon

E nessa noit
senti no peit
de quem na

E fiz-me à
— rasgo de
apóstolo fren

TRECHOS ESCOLHID

Congratulámo-nos com o aparecimento de O A
do grande escritor e crítico inglês Bernard
Espírito atilado, crítico mordaz mas justo
quási por natureza (pois tôdas as realiza
homem são faliveis segundo pensa), Bernar
aparece pela primeira vez traduzido na no
gua numa acessível edição da «Editorial M
o que dá possibilidades ao grande públic
guês de o conhecer. Ao transcrever alguma
nas brilhantes de O Altruista, *uma das pr*
obras do escritor, estamos certos que, m
fecho desta página, mantemos o carácter d
gação e actualidade que sempre lhe desejam

— Basta, Sidney. Não me agrada esta espécie de romantismo. Só dizes disparates. Peço-te que sejas amável para mim.

— Em todo o caso, manchas de suor tem com certeza.

— Malvado!

— Eu não penso em ti, minha preciosa, mas nos desgraçados que sofrem para que nós vivamos na ociosidade. Vou dizer-te por que razão somos ricos. Meu pai era um homem de Manchester, espertalhão, enérgico e ambicioso, para quem uma troca qualquer era uma transacção em que um homem deve ganhar e outro perder. O seu objectivo na vida foi fazer tantas trocas quantas lhe foi possível, mas sendo sempre êle a ganhar. Não sei exactamente o que êle era porque tinha vergonha dos seus antecedentes e dos seus parentes. Concluo que eram pessoas honestas e, por conseguinte, pessoas que não triunfaram. Além disso meu pai adquiriu conhecimentos sôbre a manufactura do algodão. Economizou dinheiro, pediu mais de empréstimo sôbre a sua reputação de homem conhecedor de negócios e estabeleceu-se de sua conta, como mais tarde êle me contou. Comprou uma fábrica e algodão bruto. Ora, é preciso que saibas que um homem pode, manipulando algum tempo o algodão bruto, transformá-lo em algodão manufacturado, próprio para o fabrico de lençóis, camisas, etc. O algodão manufacturado tem mais valor que o algodão bruto porque há manufactura entre o custo da

cheios de fome, num lug
mado à sua terra, onde igua
cada parcela de terra e t
origens possíveis de subs
estavam em mãos de outr
circunstâncias tão lamentá
pobres diabos dispuser
mendigar o acesso à fábri
algodão bruto por um pr
lhes permitisse, pelo menos
Meu pai acedeu nas seguin
dições: êsses homens dev
balhar activamente desde
cedo até entrada a noite pa
um valor novo ao algo
manufacturavam. Com
assim criado por êles de
demnizar meu pai do que
tinha fornecido, abrigo, gá
máquinas, algodão, etc., e
-lhe os seus serviços como
administrador e vendedor.

«Até aqui, êle nada ma
que uma justa remuneraç
depois de tudo isto pag
um saldo proveniente do
dêsses homens exclusivam
meu pai impôs: vocês
dêste saldo o suficiente p
morrerem de fome e fazem
sente do resto para me re
sar do mérito de que de
economizando dinheiro.
minha proposta. Na mi
nião é justa e serve para
já-los a adquirir o hábito
nomia. Se não concorda
meu ponto de vista, procu
fábrica e algodão para v
na minha fábrica e no m
dão não põem as unhas.

«Por outras palavras, p
para o diabo e morrer

— OUÇA, GIESTA:

por Maria do Rosário.

Só hoje posso agradecer os seus «Respigos» que não desejo comentar. Mas quero dizer-lhe — dum fôlego, porque o tempo que perco me faz muita falta — que conheço a intenção das suas palavras, por isso lhas agradeço.

Já senti mais ou menos como V. Já permaneci, algum tempo, no lugar onde a vejo.

No lugar de onde me fala. Acreditei que o remédio só existia onde V. agora crê que êle existe. Já li, reli, meditei, estudei — com a alma a transbordar de «boa vontade» — os Evangelhos. Esse livro maravilhoso tam cheio de actualidade — a-pesar de tantos anos decorridos (tantos que ninguém sabe, ao certo quantos!).

Eu li, reli, meditei, estudei os Evangelhos.

Ainda lhe posso citar de cor, de entre outros, aquêles significativos versículos 23/24 de S. Mateus, Capítulo 19. Sabe o que êles dizem, não é verdade? Ali se lê que «é difícil entrar um rico no reino dos céus». Medite bem: — «E outra vez vos digo que é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus».

E eu sei bem quanto custa a passar pelo fundo de uma agulha um fio um bocadinho mais grosso! Quanto mais um camêlo! Seria impossível.

Ora, dizem os Evangelhos que é impossível salvarem-se os ricos e contudo .. olhe em seu redor, Giesta, e veja! Veja, apenas.

Nunca viu uma senhora vir de comungar (comungar? talvez, mas não com Cristo.) e tirar da carteira onde leva 100 ou 200$00, um tostão ou dois para dar à pobre vèlhinha que a tremer lhe estendeu a mão?

Percorra em tôdas as direcções o seu giestal e diga-me se há muita gente por aí que tenha feito e faça o que nos Evagelhos se lê.

Diga-me se conhece muitos homens como Tolstoï! Já sei que está a censurar-me por eu não ter falado em Francisco de Assis.

E' que admiro ainda mais o primeiro.

Mas não era nada disto que eu queria dizer-lhe, afinal. Apetecia-me argumentar de outra maneira. Mostrar-lhe que os meus «bons propósitos» como lhe chama, têm bases definidas e não se perdem «nas exigências de uma literatura que pretende ser moderna, futurista irreverente». Bem quisera poder mostrar-lhe quanto os meus «bons propósitos» são diferentes daquilo que Giesta pode supor. Sim, bem quisera. Mas não posso, como não pude indicar o remédio para as tais «quedas que todos nós lamentamos». Como gostava de poder mostrar-lhe o caminho — tam diferente do seu — que me leva a combater «o modernismo que pretende levar as raparigas em grupos sem o consentimento dos Pais», a «miragem falaz do casamento para gozar a independência, a frivolidade dos trapos»! Se soubesse, como gostava!... Giesta talvez conseguisse despir-se de fatanismos; afastar as lentes sectaristas que ora usa e ver que, por outro caminho, se chega mais depressa à Terra da Promissão onde a caridade não terá campo para viver.

Se quisesse dar-se ao trabalho de procurar o outro caminho, depressa chegaria a compreender que não «é a ignorância quem dá margem ás quedas»...

Medite, pense, analise msis profundamente as cousas. Não se contente com superficialidades. Deixe de pisar os caminhos já feitos. Abra-os com o seu esfôrço. E' menos cómodo mas mais proveitoso.

Resta agradecer os lindos versos que respigou para mim. Obrigada. Estão bem feitos. Aquela preguntа: — «Chamaste por mim, Senhor?» faz-me lembrar, faz-me pensar n aquela legião de raparigas como nós que passam a vida a preguntar, de olhos no chão: — Chamou por mim, minha senhora?

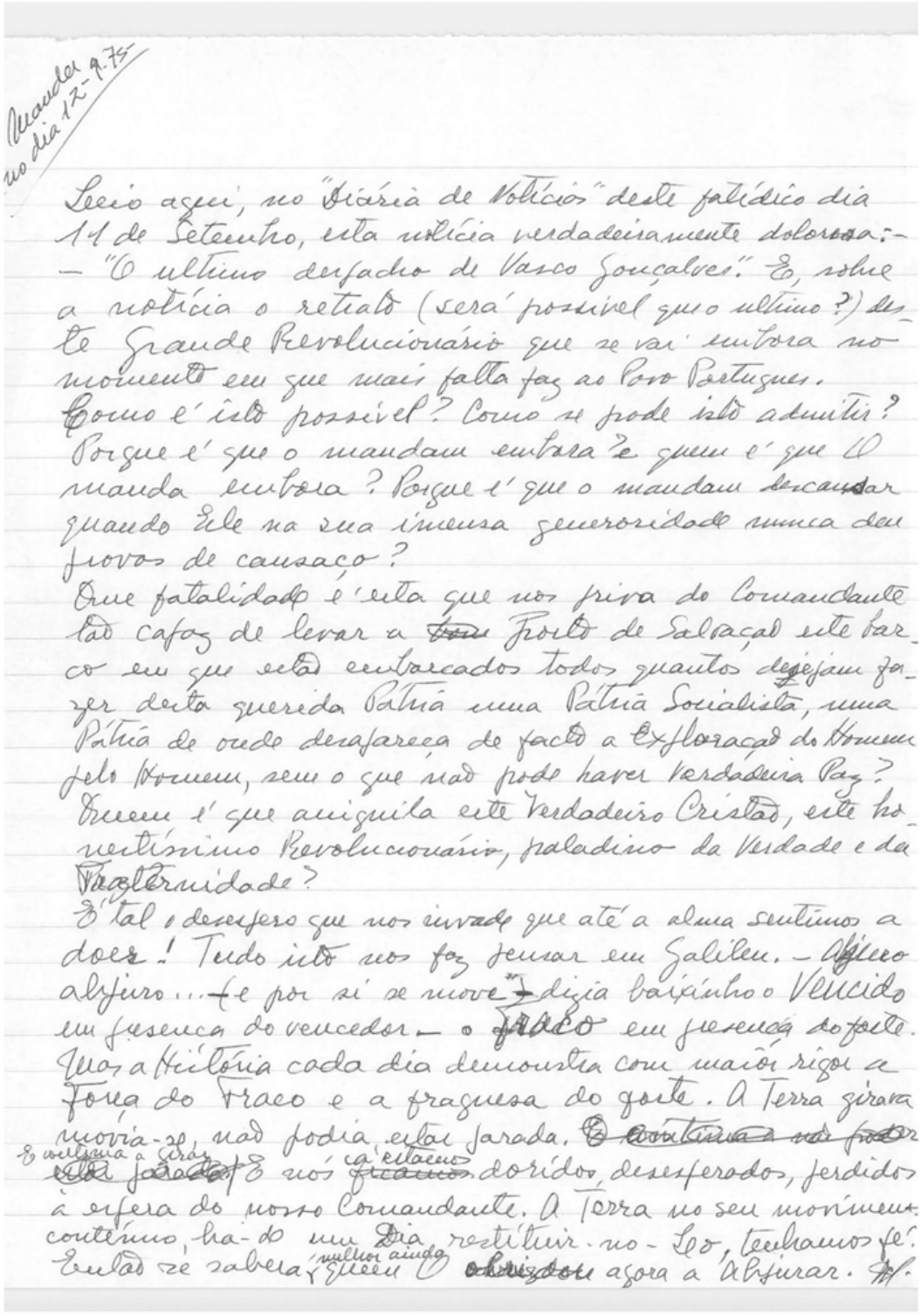
E aqui termino cheia de pena por não lhe ter dito nada.

Ouça: — Não espere por mim no lugar que me marcou. E' que já de lá venho! Andei por lá, nos postos de comando, quási 4 anos, ao fim dos quais reconheci — como Lamennais — que tinha necessidade de «fugir». E fugi! Por um caminho novo, que abri à custa de muito trabalho. Suportando uma luta grande, honesta, consciente! Sempre norteada; escolhendo sempre. E aceitando só bases definidas e bem seguras.

E' tudo que pode dizer-lhe a que lhe afirma que não tem, no coração, lugar para rancores. De resto .. o único mal que me fazeis é obrigar-me a perder uns momentos. Porque, emfim, quando através de qualquer artigo se revela a boa educação de quem o escreveu, apetece a-pesar-de tudo dar uma resposta. Mas quando êles são da índole de um que há tempos li duma tal Maria Pia... confesso: só apetece cuspir. E o bom amigo Oliveira Bente que quis ter a grande maçada de lhe dar resposta! De ligar importância a cousa tam ínfima! Não. No meu coração não há rancor. Sentimento tam mesquinho não medra no caminho que escolhi.

10-XII-43

Cartas de louvor e protesto



Quando no dia 12-9-75

Leio aqui, no "Diário de Notícias" deste fatídico dia 11 de Setembro, esta notícia verdadeiramente dolorosa:-
— "O último despacho de Vasco Gonçalves". E, sobre a notícia o retrato (será possível que o último?) deste Grande Revolucionário que se vai embora no momento em que mais falta faz ao Povo Português.
Como é isto possível? Como se pode isto admitir?
Porque é que o mandam embora? E quem é que o manda embora? Porque é que o mandam descansar quando Ele na sua imensa generosidade nunca deu provas de cansaço?
Que fatalidade é esta que nos priva do Comandante tão capaz de levar a ~~bom~~ Porto de Salvação este barco em que estão embarcados todos quantos desejam fazer desta querida Pátria uma Pátria Socialista, uma Pátria de onde desapareça de facto a Exploração do Homem pelo Homem, sem o que não pode haver verdadeira Paz?
Quem é que aniquila este Verdadeiro Cristão, este honestíssimo Revolucionário, paladino da Verdade e da Fraternidade?
É tal o desespero que nos invade que até a alma sentimos a dor! Tudo isto nos faz pensar em Galileu. — Mesmo assim... E por si se move — dizia baixinho o Vencido em presença do vencedor — o ~~fraco~~ em presença do forte.
Mas a História cada dia demonstra com maior rigor a força do fraco e a fraqueza do forte. A Terra girava movia-se, não podia estar parada. ~~O continua a não poder~~ E continua a girar ~~estar parada~~ E nós ~~ficamos~~ estamos doridos, desesperados, perdidos à espera do nosso Comandante. A Terra no seu movimento contínuo, há-de um Dia restituir-no-Lo, tenhamos fé! Então se saberá (quem é melhor ainda) ~~obrigou~~ agora a obrigar.

CARTA ABERTA A RAUL RÊGO:

É bem verdade, meu caro senhor, que depois de velho se torna a menino ... As atitudes e as palavras por si assumidas e proferidas nestes últimos dias são realmente as de uma criança irresponsável.

Que você era uma criatura incapaz de passar além da caridadezinha, manifestada nas vésperas do Natal, com o "Natal dos nossos pobres", com as amêndoas aos meninos do Sanatório do Outão, etc., já todos nós tínhamos constatado há muito.

Apesar disso, éramos leitores assíduos da "República", à falta de melhor. Nesse tempo os Álvaros Cuerras, os Victores Direitos e outros, diziam por vezes coisas que não deixavam suspeitar que fossem homens capazes de voltar o bico ao prego. Deles e de tantos outros, o que havia a esperar era aquilo que fizeram os 18 que desse jornal saíram. Houve, no entanto, trabalhadores corajosos que ficaram, e ficaram para denunciar a vossa traição. Especialmente a sua ! Sua, senhor doutor Raul Rêgo. Chegou a hora de mostrar que sempre foi muito amigo dos "seus" pobres, o que sem pobres não pode, não quer, ou não sabe viver. De outro modo não alinharia ao lado dos ricaços Mários Soares, Igrejas Caeiros, Salgados Zenhas, Marcelos Curtos e tantos outros mais curtos ou mais compridos capitalistas. Teria, sim, lutado ao lado dos Honrados Trabalhadores dessa casa, e teria, com a Rotativa que é de todos nós, que nós Povo português oferecemos, com enorme sacrifício, feito desse Jornal um bom Jornal a favor do Povo.

Não teria consentido nunca em tornar esse Jornal num baluarte contra o M.F.A., que o mesmo é dizer contra o Povo.

Quais são as liberdades que lhe faltam senhor doutor ? Apenas as de poder deitar por terra a gloriosa tarefa do Movimento das Forças Armadas que pretendem Libertar o País, levando-o para o Verdadeiro Socialismo ? Grande e terrível é a sua, - - a vossa responsabilidade nesta Hora da nossa Pátria. - Pode ser que por fatalidade consigais esmagar, uma vez mais, um Povo, mas a Hora Redentora chegará e sereis Vós, vivos ou mortos, os esmagados.

Entretanto, há-de o remorso atormentar-vos. A menos que não sejam suscetíveis de sentir remorsos aqueles que preferem destruir a sua Pátria, em vez das suas fortunas pessoais, ou dos seus ideais capitalistas mal disfarçados.

GOVÊRNO DO DISTRITO DO MOXICO
LUSO
REPRESENTAÇÃO DO GOVERNADOR
(PARTICULAR)

Bravos e corajosos Trabalhadores da Rádio Renascença!

Venho dizer-Vos que sigo atentamente a Vossa luta — a Vossa justa luta pelo direito ao Trabalho —, e aqui estou a trazer-Vos o meu apoio.

Aproveito a oportunidade para dizer que a Vossa Luta me traz constantemente à memória os filhos de Giordano Bruno, e de Todos os Abidenses da "Santa Inquisição"...

Que soma de sofrimento foi preciso para vencer aqueles que falam em nome de Cristo que, segundo eles próprios dizem, foi negado séculos de crimes e injustiças!

Pois se nesta data ainda há Cardeais que estão calados, quando era seu dever pronunciar-se...

Só que o Vosso caso é daqueles que nem sequer oferece, honestamente, duas interpretações. Só por má fé, pode sair do seu leito de uma Luta de Trabalho.

Avante, pois e vencereis!

O Cristo, esse Homem Bom a quem, entre outros insultos (como diz José Régio) chamaram deus, também sairá vencedor.

Com toda a consideração e
Solidariedade

Maria do Rosário Pedreira

Enviei para R. Renascença

Carta aberta às Forças Armadas

Tenham pena de nós, senhores Militares!

Tenham pena de quem, há várias noites, não dorme, sempre à escuta de noticiários que nos trazem as Vossas decisões, pois delas depende o futuro de tantos portugueses. De Vós depende o futuro daqueles que cometeram o "crime" de trazer ao peito, com orgulho e Amor, o emblema da M.F.A.

Tanto basta para que alguém que por nós passou nos disse ao: - "estas revistas de emblema, em breve terão que os engulir"... E foi tão terrível, tão carregado de ódio o olhar que nos lançaram, que nos sentimos estremecer e não pudemos mais, deixar de pensar no que seria este País se Vós queridos Irmãos pusesseis as Vossas diferenças ideológicas ao lado da Revolução que nos prometestes. Se permitisseis que estes perversos espíritos, cheios de dinheiro e de cada dia maiores ambições, voltassem a mandar na nossa Terra.

Sou uma mulher de quási 60 anos e durante esses que desde o primeiro instante tenho vivido o 25 de Abril com o maior entusiasmo pois Ele veio trazer a concretização dos Ideais de Justiça por que sempre lutei. Tenho procurado fazer o que tantas vezes o Senhor 1º Ministro tem pedido - que nos esclareçamos uns aos outros. Quantas vezes tenho sofrido as mais grosseiras agressões ideológicas, ouvido os argumentos mais reaccionários e até insultos directos e ameaçadores. Mas nestes últimos dias tenho notado um crescer de ódios que, se puderem extravazar, o Mundo ouvirá contar, de Portugal, histórias mais

terríveis que os do Chile. A Revolução dos cravos será um mar vermelho de sangue. Aqueles que escreveram nos paredes ~~[illegible]~~ "Morte ao Otelo e ao Vasco", "Morte ao M.F.A. e ao Cafoni" "Morte à 5ª Divisão à nova polícia" e outros grazes que não me atrevo a descrever aqui porque me afligem demais, e se atrevem a ameaçar uma pessoa da minha idade só porque usava o Vosso emblema, o que não serão capazes de fazer àqueles corajosos Revolucionários que têm jogado abertamente a sua vida na defesa da Revolução!

Tremo ao pensar nisto. Tremo porque conheço um tor reacionário e vejo o ar afrontoso com que se afrontam. E sei que a onda de violências já desencadeada, é apenas o prenúncio do que serão capazes de fazer. E sei — toda a gente sabe — que os Revolucionários não temem os Bons e os reacionários se chamam Pinochets etc. Há pois que levar ao fim a Revolução. Parar... é morrer! mesmo caso ser assim. Não deixeis queridos Militares! Vencei as Vossas zelos. Vós sois Todos Bons e Inteligentes. Pensai bem. Meditai. E dizei ao Mundo que o Glorioso Exército Português passou de Colonizador a Libertador. Dai apoio a este V Governo que mostrou já uma eficiência impressionante. E imponham à Autoridade que a Vossa natural Bondade julgava não fazer falta.

Eu frente na Luta pelo Povo que em Vós confia e que de Vós espera a prometida Sociedade Socialista Alvaçai-Vos aos Outros, para que o Vosso Abraço nos envolva. É o que humildemente Vos pede a

Lisboa, 23-8-75. Rua António Pedro, 20-4.º Esq.º (not anymore) Maria Martins

Canção de S. Cosmado

Viva S. Cosmado
terra de magia sem igual
berço do sábio, maior do nosso Portugal

É tão bonita a nossa aldeia
outra mais bela nunca vi
doce saudade a alma enleia
quando se esta longe de ti

Aos pés tapete de veludo
Feito de negros olivais
Tens como manto em derredor
Soutos, vinhedos e pinhais

Viva S. Cosmado
terra de magia sem igual
berço do sábio, maior do nosso Portugal



O Filme ‘A Culpa’



E de repente, anunciou-se que o filme “A Culpa” ía ser transmitido, dia 19 de Junho de 2014, às 21h30, no cinema do Fórum Lisboa (antigo cinema Roma), numa sessão com o Vitorino d’Almeida, a filha Inês de Medeiros (que contou que este tinha sido o seu primeiro filme como actriz), e com a Helena Roseta, Vereadora da CML. A sessão foi organizada pela Assembleia Municipal de Lisboa e inseria-se no ciclo “40 anos 25 d’Abril”. Imperdível! Fomos quase todos: a minha mãe e o meu pai, o Sérgio e a Mila, a Patrícia, eu e a Alice.O Marcos infelizmente não teve possibilidade de ir. A personagem de freira não podia ser mais o oposto da minha avó! E, no entanto, até lhe ficava bem, porque estava lindíssima. Corria e dançava na areia, vestida de freira!







Até sempre, avó

Recordo a minha avó querida ao olhar um vestidinho para garrafas feito por ela a partir de um trapo de linho já velho no seu tempo, onde bordou cachos e parras de uvas e colocou, é claro, um botãozinho em madrepérola. É uma das coisas mais bonitas que tenho a enfeitar a minha cozinha.

A minha avó querida guardava e aproveitava tudo. Reciclava, inventava, colocava etiquetas, muitas delas, inteligentemente, com data. Uma das que mais gosto tem a data do meu ano de nascimento "Anilina de gordura azul, Outubro de 1970". Está colocada num frasquinho de comprimidos que guardo religiosamente no meu atelier. O pigmento continua intacto, num azul ultramarino intenso, lindo, que raramente sou capaz de usar.

A minha avó querida era tão querida! Eu já o sabia quando vivia com ela, e acho que lho disse muitas vezes. Mas sempre que me vou deitar numa das inúmeras camisas de dormir feitas por ela, em flanela, com botões em madrepérola, penso que lho disse poucas vezes. Mas continuo a dizer-lho no silêncio.

.

Patrícia Pombo Medeiros

A Avó Maria deleitava-se secretamente a escrever na secretária grande de sua casa. Isso via eu, sem me aperceber que era poesia secreta. Só mais tarde percebi.

Era uma escrita ou uma revisão/leitura que a avó fazia quando tinha tempo livre (só depois das muitas actividades domésticas que nessa alturas as mulheres tinham de fazer sozinhas). Gozava esse momento secretamente, sozinha, com aquele sorriso matreiro que, felizmente, alternava com a sua face tragicista. Nunca se gabava, nem procurava mostrar o que escrevia. Acho que nunca me lembrei de pedir para ver. Mais tarde, sim.

Essa poesia secreta é, no fundo, uma poesia íntima e não uma poesia de entretenimento que é a grande tradição portuguesa, forte especialmente no século XVIII. A poesia das Décimas, das Quadras, das Modinhas e que servia, de improviso ou não, para passar o tempo em sociedade. A princípio nas casas dos nobres, dos que eram "algo", depois nas ruas e nos campos dos que não eram nada. Tradição ainda hoje comprovável nalguns obstinados velhinhos alentejanos e algarvios.

Mas, no Lumiar, nas gavetas da Avó, já não havia Mote e Glosa. Era um fazer sério de uma alma poética. E era poético aquele momento na secretária que o sol do fim da tarde iluminava e que eu só mais tarde percebi.

Marcos Magalhães

Depois de um longo interregno, regresso a ti, a este livro que, mais do que homenagem, é uma celebração de ti e da tua vida! A minha mãe puxou por mim nesta recta final. Passámos o mês de Agosto inteiramente dedicadas ao livro, aqui na quinta onde a tua horta, apesar de já não tão vigorosa, ainda permanece. Aos poucos, a minha mãe foi também escrevendo como contributo para este livro. Ela descreveu muitíssimo bem (como sempre faz, invariavelmente... não há remédio para tamanha perfeição!) o que faltava sobre a edição, pelo que aquilo que agora te escrevo não é senão um pequeno apontamento ao livro já acabado, um leve toque, um último passar a mão carinhoso sobre esta parte da tua obra que, agora, se autonomiza. Eis finalmente, apesar de tudo, de certa forma, porém não a merecida, editado o teu livro! Um bem-hajas, avó querida, por nos teres deixado esta tão linda herança! Ela vai agora materializar, tornar mais visível ainda, a tua presença e vida em nós. Até logo, avó!

E sim, quero imenso aquele batido de morango que me preparas enquanto subo o elevador, e que serves naquele copo de vidro enorme com bolinhas verdes e que eu acompanho com umas bolachas-maria que tens numa caixinha verde redonda perto da janela da cozinha. E eu delicio-me, depois de te ter abraçado imenso e ver que já sou mais alta do que tu e, abraçadas, juntas à janela da marquise, explicas-me que aquelas nuvens são carneiros e que amanhã vai estar bom tempo. E olhando-me fortemente nos olhos, chegas-te ainda mais perto de mim, apontas o dedo e dizes-me para sempre me recordar disto: "só quem não te quer bem é que te deixa, e quem não te quer bem, deixá-lo ir". E é por nos termos amado tanto, é precisamente por essa razão que o teu ditado indicava, que me custa tanto deixar-te ir.

Catarina Pombo Nabais

Índice

Cartas à avó (Catarina Pombo Nabais)..... p. 5
Sobre a edição (Catarina Pombo Nabais)..... p.11
Sobre a revisão (Olga Pombo).....p.15

Poemas de Maria do Rosário Pombo

Bloco de cartas Emegê (1938 -1940)..... p.33
Almanaque 'Merck' 1939 (1936 -1940)..... p.69
Caderninho (1939 -1941)..... p. 91
Produções de 1944..... p.117
Bloco de notas Ski (1956)..... p.135
Caderno Escolar (1958 - 1962)..... p.139
Poemas soltos (anteriores a 1999)..... p.147
Poemas soltos (de 1999)..... p.156
Poemas soltos (posteriores a1999)..... p.195

Anexos

Acrósticos p.197
Textos de intervenção.....p.202
Cartas de louvor e protesto.....p.207
Canção de S. Cosmado p.212
O filme 'A culpa' p.213

Até sempre, avó

Patrícia Pombo Medeiros.....p.215
Marcos Magalhães Pombo.....p.216
Catarina Pombo Nabais p.217